Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO 5 DE DEZEMBRO DE 1971 — N.º 17584 — ANO 51º, — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

India e Paquistão: EXPLODE O 3º MUNDO

Indira Gandhi cedeu à «linha dura»

Soldados do Bangla Desh carregam um companheiro morto

Explosão demográfica, fome, permanência de castas, opressão, subdesenvolvimento. Eis o cenário em que Índia e Paquistão entram numa guerra que pode redundar numa das maiores carnificinas de todos os tempos. E os reflexos não se reflectirão só no Terceiro Mundo: vivemos no mesmo planeta e hoje o que acontece em qualquer parte diz respeito a todos. Que o Paquistão era inviável, nos termos geográficos em que foi estruturado, já se sabia. O que resta saber — e só a evolução dos acontecimentos o dirá — é o ponto de envolvimento a que chegarão as grandes potências, nesta nova fase, agora de confronto directo, entre os países ricos e os pobres. Estas e outras perspectivas do conflito são analisadas na página 24.

HOJE 32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

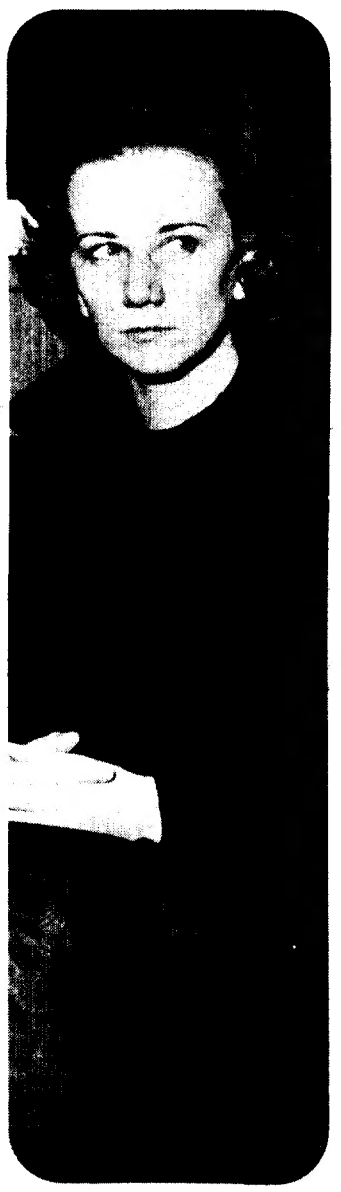
A

VOLTA A PICAR

nas págs. 7 a 10

Mailer, Tati e "O Judeu"

Lauro António fala do último filme de Jacques Tati, «Sim, sr. Hulot»; Joaquim Letria escreve de Londres sobre Norman Mailer, fazedor de filmes; Nuno Gomes dos Santos analisa a linha de discos que a etiqueta «Orfeu» preparou para o Natal; Tomás Ribas é entrevistado sobre a ópera «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva, «O Judeu», que está a ensaiar no São Carlos e que o público contemporâneo desconhecia na sua versão integral por ter sido perdida a respectiva partitura. Estes e outros assuntos, além de um Suplemento Literário sempre actuante e combativo, são algumas das atracções que vos oferece o «DL» de hoje, além das rubricas habituais (secção feminina, horóscopo, passatempos, etc.).



Ela teve medo de Virgínia Woolf

Elisa Lisboa, quase uma principiante, é a grande revelação de «Quem tem medo de Virgínia Woolf», a peça de Edward Albee que, até ao momento, é o grande acontecimento teatral da temporada. Elisa envolveu-se de tal modo nos problemas da personagem que acabou confundindo-se com ela, ressentindo-se até mesmo na sua vida íntima e particular.

Selecção, problema de liderança

Afinal de contas, o que vale o nosso futebol? Os resultados decepcionantes sucedem-se, o nível técnico das partidas decresce assustadoramente, os ídolos envelhecem, a nova vaga não se mostra pródiga em grandes revelações. Mas isto, embora seja muito, não é tudo: existe, indiscutìvelmente, um problema de liderança. Quando uma equipa entra derrotada em campo, como se viu no Portugal-Bélgica e voltou a repetir-se, agora em juniores, na eliminatória com a Suiça, na Tapadinha, torna-se evidente que alguma coisa não anda bem nos comandos. E desde há muito se sabe que uma batalha depende, em grande parte, do bom general. Temos bons «generais», no futebol? Santiago Casal tenta responder a esta pergunta, em mais um artigo da série que estamos a publicar aos domingos sobre o fim das ilusões no nosso futebol.

Outro Dominguin desce às arenas

MADRID, Dezembro - Tem 17 anos. Acabou o curso do liceu. E está decidido a continuar as tradições de uma das maiores dinastias de toureiros da Espanha - a dos Dominguin. Trata-se de José Manuel Gonzalez, neto, filho e sobrinho de matadores famosos, dos quais apenas um, Luis Miguel Dominguin, com 45 anos de idade, continua nas lides, depois de se ter retirado para amar Lucia Bosé.

O novo Dominguin viu-se rodeado de «trajes de luces», de espadas,de capotes e de conversas sobre toiros desde os primeiros dias da sua existência.

Ao fim do seu primeiro dia na escola, voltou a casa cabisbaixo e declarou ao pai, Pepe Dominguin:

- «Não gosto da escola. Quero ser toureiro».

O pai não revelou o que sentiu. Disse apenas, com voz pausada:

- «Falaremos disso dentro de 10 anos. Mas não voltaremos a falar disso até que concluas o curso do liceu. Entendido?»

VANTAGEM

O garoto entendeu. E calou-se. Sem entusiasmo, mas com perseverança, estudou. E no dia em que concluiu o curso, lembrou a promessa ao pai:

- «Ainda estou decidido a ser toureiro. Quero bandarilhar como o meu pai, matar o toiro como o tio Domingo e manejar o capote como o tio Luis Miguel. Quero agradar ao meu avô, se ele puder ver-me lá do céu».

Nas últimas semanas, José tem-se levantado mais cedo do que nos seus dias de escola: vai para o parque de Madrid onde se aprende a arte de manejar o capote com centenas de outros jovens que também sonham com as arenas, a fama e o dinheiro.

Mas José, além de rico, e por isso, tem uma vantagem de que gozam poucos dos outros: uma arena particular para se treinar. A do seu tio Luis Miguel Dominguin, onde ele próprio se treinou para o seu triunfal regresso após 10 anos de ausência.

VOCAÇÃO

Recentemente, José lidou e matou três novilhos, durante os treinos. Ele não só se parece muito com seu tio Luis Miguel, como tenta também imitar o seu estilo elegante e garboso.

Quando deixava a arena, sujo de sangue e pó, um jornalista lembrou-lhe o velho ditado segundo o qual são «os adolescentes famintos que se tornam os melhores toureiros».

- «Não acredito nisso. O que interessa é a vocação. O talento do toureiro já vem no sangue. Sinto-me um homem quando enfrento as hastes do toiro».

José tenciona passar o inverno a treinar-se com novilhos em ranchos particulares, a fim de se apresentar em público já na próxima temporada.

«O rapaz promete muito. Pode até tornar-se um grande toureiro, como deseja. Se falhar, voltará às aulas, para tirar um curso superior» - disse seu pai, Pepe Dominguin.

ESPERANÇA

José Manuel ainda agora passou a primeira barreira e o meio em que foi educado ajudá-lo-á, certamente, a tornar-se um «matador». No entanto, milhares de jovens sonham com uma carreira na arena e poucos conseguem passar de humildes peões de brega.

Mas José Manuel sabe disso.

«Só se pode atingir a glória de que se cobriu o meu tio Luis quando se é ferido pela **Santa Coleta**» - diz ele cheio de esperança.

José Manuel Gonzalez é o mais novo Dominguin na praça

Auxílio da C.V.P. à jovem portuguesa que está internada num hospital londrino

A propósito da notícia que publicámos no passado dia 29 com o título «Situação desesperada de uma jovem portuguesa», informa-nos a Secção Feminina da Cruz Vermelha que já dias antes enviara para a sua delegação de Tomar um donativo de vinte mil escudos, para ser entregue à família daquela jovem que se encontra internada num hospital de Londres.

MÁXIMO GORKI

OBRA COMPLETA

Trinta volumes em versão integral aprovada oficialmente pelo Instituto Gorki da Academia de Ciências da União Soviética

À VENDA, DESDE JÁ

Os primeiros volumes:

1 — A Mãe (4.ª edição)/55$00
2 — Infância (2.ª edição)/55$00
3 — Ganhando o Meu Pão/85$00
4 — As Minhas Universidades/55$00
5 — Correspondência (Gorki-Lenine)/85$00
6 — Correspondência (Gorki-Tchecov)/55$00
7 — Vagabundos — 1.º vol./55$00

Próximos volumes:

Contos de Itália/O Espião/Thomas Gordeiev/Klim Sanguine (6 vol.)/A Casa Artamonov/Os Vagabundos (4 vol.)/Notas e Recordações/Uma Vida Inútil/As Três Vidas/Escritos Literários/Teatro Completo (6 vol.)

EDIÇÃO NORMAL E EDIÇÃO ESPECIAL
ACEITAM-SE ASSINATURAS

À venda nas Livrarias/Pedidos à:
EDITORIAL INÍCIO, LDA.
Av. Almirante Reis, 21-2.º Esq. - Lisboa/Tel. 4 00 92/3

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!

Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio para ter a sua certeza e a certeza de encontrar uma profissão moderna, cheia de dinamismo, responsável e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável e prestigiada e asseguramos-lhe uma formação e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia em pleno crescimento e permanentemente actualizada: ampliamos e aperfeiçoamos os nossos serviços, aumentamos o número das nossas escalas e a nossa frota,
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos, frequência de um curso superior (ou equivalente) e a situação militar regularizada
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ.
Decida-se desde já: responda a este anúncio, dirigindo-se à Divisão do Pessoal Navegante da TAP, Anexo F - ao hangar n.º 6 - 3.º andar Aeroporto de Lisboa.

MARCA-Tp1-70

TAP
TRANSPORTES AEREOS PORTUGUESES

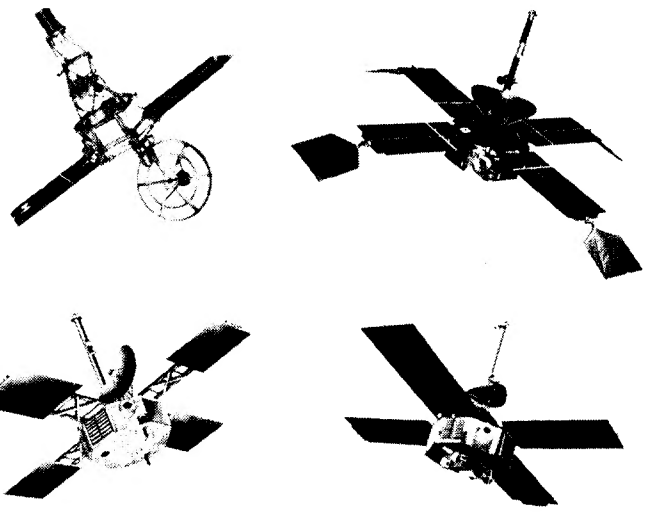
Inscrições permanentes. Cursos periódicos.
Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

Tempestades de poeira escondem Marte do "Mariner 9"

WASHINGTON, Dezembro - As chamadas «tempestades de poeira» que saudaram a chegada do «Mariner-9» americano, primeira nave espacial a entrar na órbita de Marte, obscurecendo o planeta, esconderam-se das câmaras de televisão e sensores electrónicos. Mas os cientistas esperam que em breve esta camada se dissipe e Marte comece a revelar os seus segredos.

Enquanto isto, as duas câmaras do «Mariner-9» continuam a transmitir, em ritmo acelerado, fotografias para a Terra (32 duas vezes por dia), todas elas mostrando o planeta totalmente obscurecido pela tempestade.



Estas tempestades constituem um dos mais desconcertantes fenómenos já observados no planeta. Baseados nas informações enviadas pelos «Mariners» lançados anteriormente, os cientistas são de opinião que estas tempestades são causadas pela poeira da superfície lançada na atmosfera por ventos que sopram à razão de 320 quilómetros à hora ou por gelo de dióxido de carbono que, ao derreter-se, se evapora formando nuvens ao entrar em contacto com o vácuo da rarefeita camada atmosférica que circunda Marte.

O «Mariner-9» entrou em órbita no passado dia 14 de Novembro, após uma travessia de 400 milhões de quilómetros que teve início em Cabo Kennedy, na Florida, no dia 30 de Maio.

Um disparo, com 17 minutos de duração do retrofoguetão do «Mariner» transmitido da Terra pelo rádio, a uma distância de 118 milhões de quilómetros, permitiu que a nave ingressasse no campo gravitacional de Marte. A nave passou a circundar o planeta duas vezes por dia, numa órbita oval cujo apogeu é de 17 000 quilómetros e o perigeu de 1350.

«GOLPE DE SORTE»

O «Mariner-9» grava, numa fita magnetofónica, 32 fotografias de cada vez e, em seguida, transmite-as para a Estação de Goldstone, na Califórnia, duas vezes por dia. Essas fotografias são submetidas à análise de computadores, no laboratório de rectropropulsão da N.A.S.A., e depois projectadas pelas telas de grandes proporções, na sala de controlo.

O dr. William A. Pickering, director do laboratório, classificou a «tormenta» marciana como um grande enigma científico.

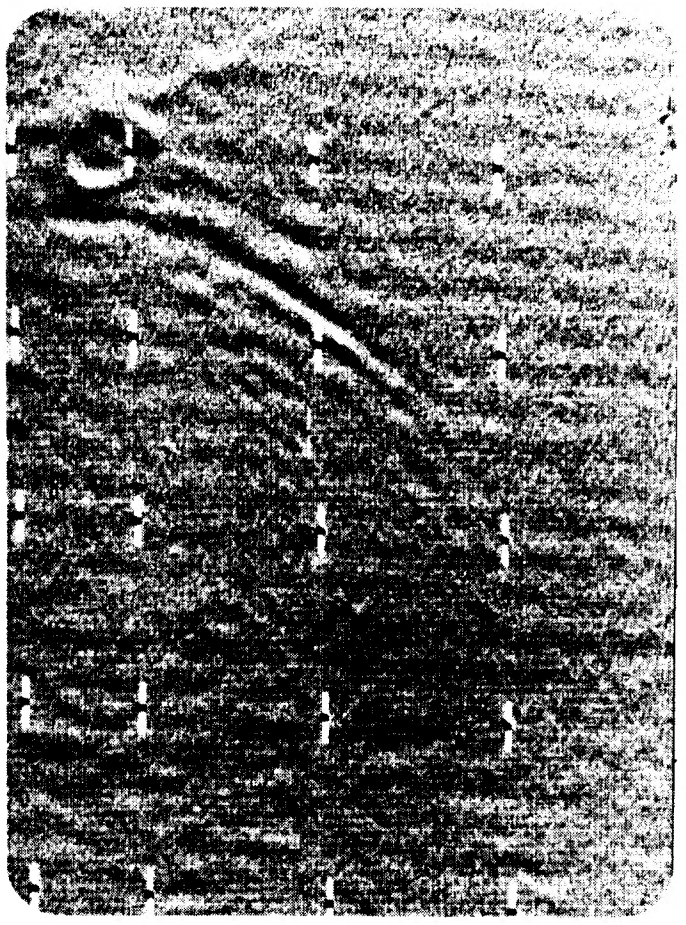
O dr. Carl Sagan, cientista da Universidade de Cornell, declarou ter sido «um fantástico golpe de sorte» o facto de que a chegada do «Mariner» às proximidades de Marte tenha coincidido com a existência dessa formação nebulosa em torno do planeta. Talvez, acrescentou, grande parte da erosão e modificação do panorama marciano ocorra durante estas violentas tempestades, que parecem acontecer quando o planeta se encontra mais próximo do Sol.

Quando o céu marciano estiver mais límpido (e as últimas fotografias revelam que a tempestade está a abrandar), o «Mariner-9», de acordo com a programação do seu computador, deverá realizar o levantamento fotográfico de 70 por cento da superfície marciana, através de 5000 fotografias a serem tiradas e enviadas à Terra, no decorrer dos próximos três meses.

«As nossas fotografias serão 1000 vezes melhores do que as tiradas por qualquer telescópio», disse Robert Steinbacher, um dos cientistas que trabalha no projecto.

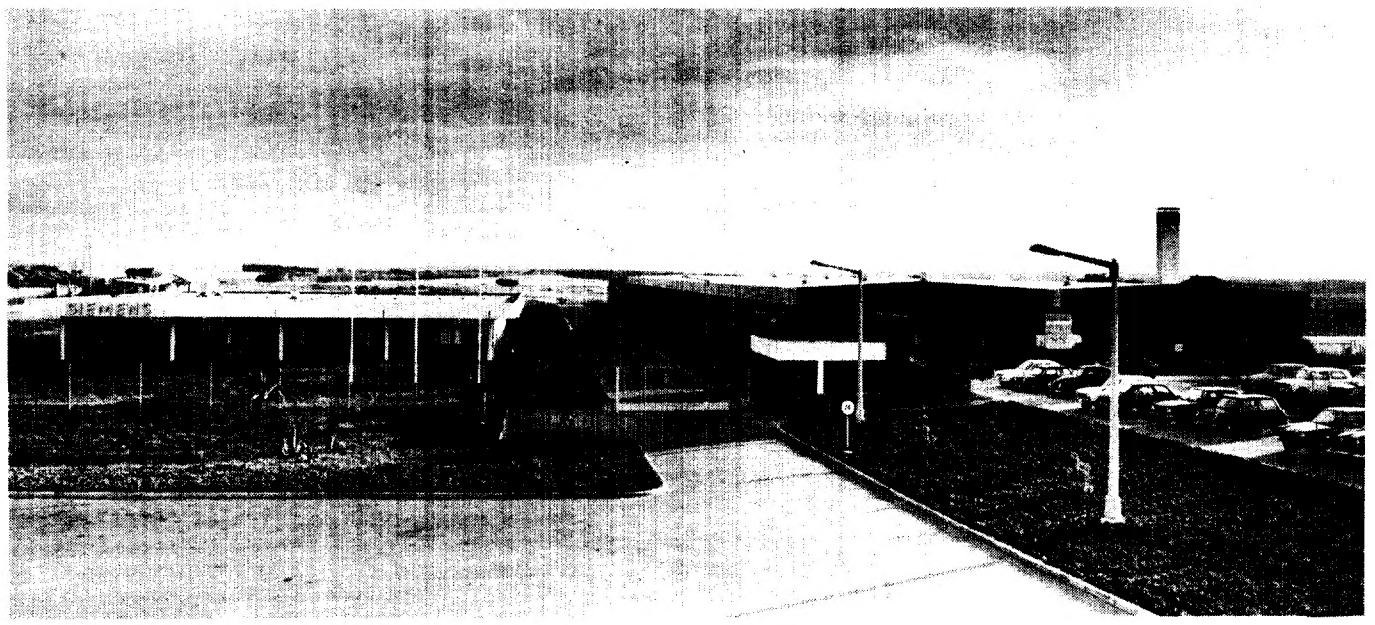
À medida que o «Mariner-9» transmitia as suas fotografias, enviava também dados científicos, facto indicativo de que os seus quatro instrumentos sensores remotos funcionavam perfeitamente. Estes sensores têm por objectivo estudar a estrutura da superfície do planeta, a sua tempestade e os componentes e quantidade da escassa atmosfera marciana.

O dr. Pickering informou que todos os instrumentos científicos do «Mariner-9» já haviam entrado em funcionamento e estavam a cumprir adequadamente a sua missão de enviar dados para a Terra. «Porém», acrescentou o cientista, «ainda é cedo para tirarmos conclusões.»



MARTE

Esta fotografia de Marte foi tirada pelo «Mariner 9» quando se aproximava do planeta. Os relevos estão obscurecidos por uma tempestade de areia, pelo que a foto tem apenas, digamos, um valor documental. Estas tempestades, segundo os cientistas, constituem um dos mais desconcertantes fenómenos observados em Marte



ASPECTO GERAL DA FABRICA

NOVA FÁBRICA

SIEMENS

EM ÉVORA

PLANEAMENTO E EXECUÇÃO

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ERG, LDA.

R. da Boavista, 44-1.° — Lisboa 2 — Telefones: 3 03 10 - 32 19 74 - 32 25 69

COLABORADORES

A. BASTOS JÚNIOR — Terraplanagens e Drenagens
Rua Coelho da Rocha, 12-1.° — Lisboa 3

FAMETAL — Cobertura Metálica — Aceralum
Av. Estados Unidos da América, 97-2.° Dto. — Lisboa

FRANCISCO EMILIANO — Serralharias
Av. do Loureiro, 17 — Carcavelos

A UNIÃO — Vidros e Espelhos
Rua Luz Soriano, 23 A — Lisboa 2

REXAL — Estores
Campo Santa Clara, 78 L — Lisboa 2

LUSALITE — Canalizações exteriores de àgua
Rua de S. Nicolau, 123 — Lisboa

GRACIFER — Caixilhos de Betão Moldado
Estrada de Manique — Charneca — Lumiar

CARPINTARIA MECÂNICA DE CAPARIDE — Carpintarias
Caparide — S. Pedro do Estoril

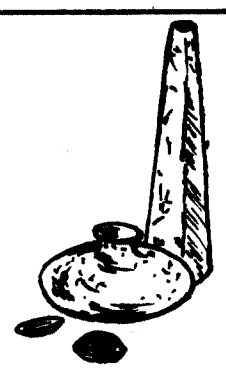
EDGARD MARQUES — Arruamentos
Rua Ricardo Jorge, 15-r/c Esq. — Lisboa

JOÃO COUTINHO VIEIRA — Pinturas
Estrada Nacional, 3 — Carcavelos

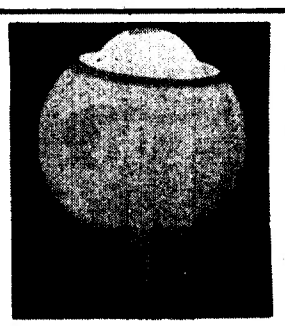
A. JOAQUIM LOURO — Canalizações
Rua Serpa Pinto, 62 — Évora

ERG — 50 anos de actividade na construção civil e industrial — **ERG**

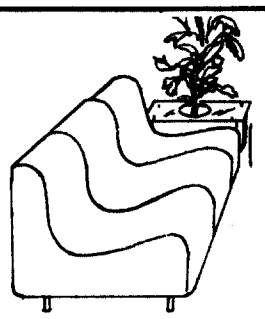
N A T A L 3 K



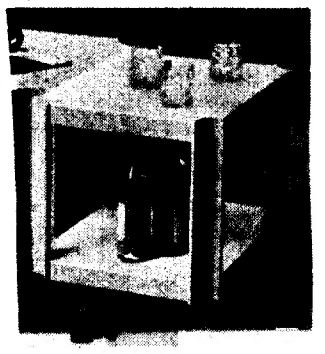
«Bibelots» e cerâmicas desde 75$00 a 1 400$00



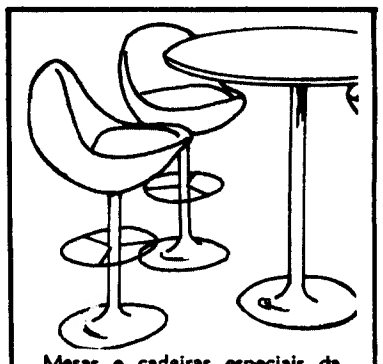
25 modelos de candeeiros de mesa desde 340$00 a 2 550$00



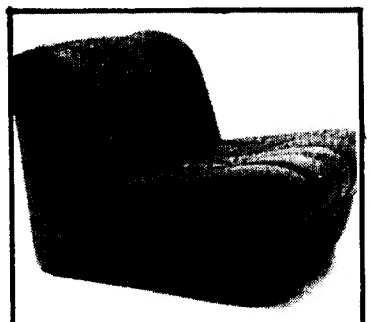
Dezenas de modelos de «maples» e sofás desde 15 000$00 a 45 000$00



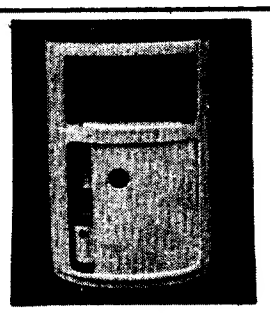
Mesas-bares e TV desde 1 260$00



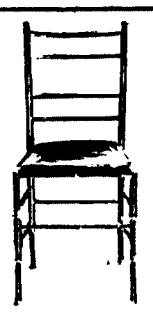
Mesas e cadeiras especiais da nossa Representada JOHANSON (Suécia)



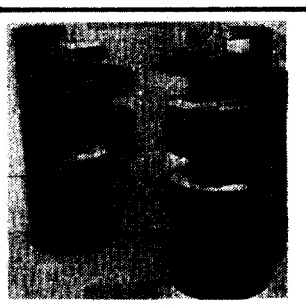
«Maples» individuais desde 4 000$00



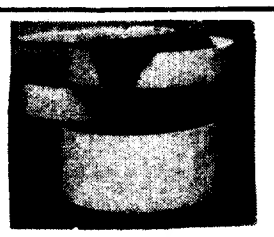
Móvel-bar desde 1 200$00



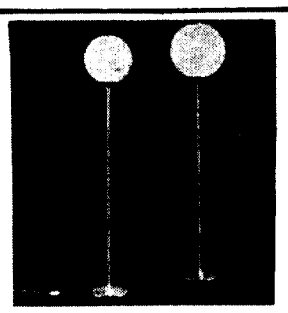
20 modelos de cadeiras desde 380$00



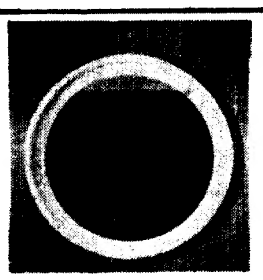
Mesas para telefone desde 1 100$00



Peças em «flexiglass» para os mais variados fins

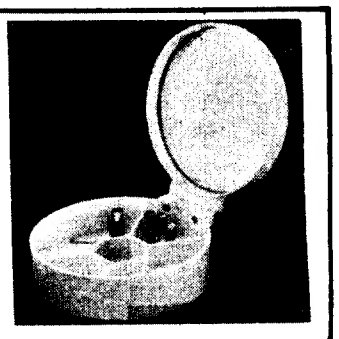


12 modelos de candeeiros de pé alto desde 1 500$00

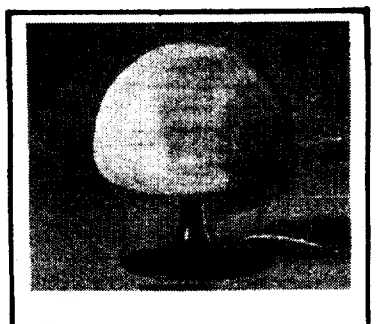


20 modelos de espelhos desde 1 050$00

Presentes para Natal

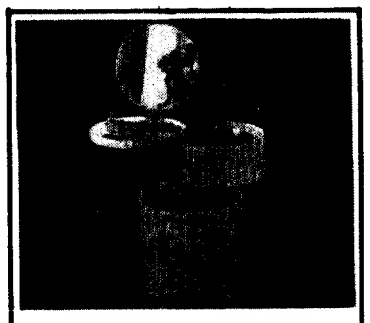


Caixa de cosméticos desde 580$00

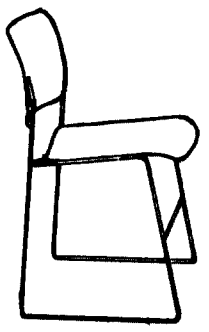


Candeeiros de mesa-de-cabeceira desde 340$00

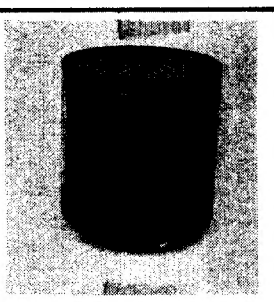
25 modelos de mesas de centro



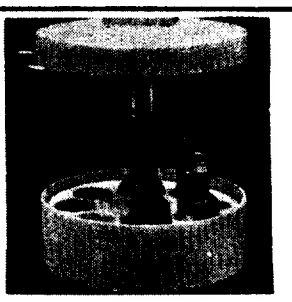
Cosméticos-bar desde 2 640$00



Cadeira G. F. 40/4 americana

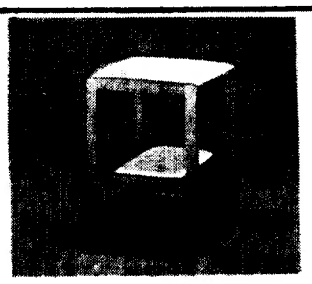


Porta-revistas

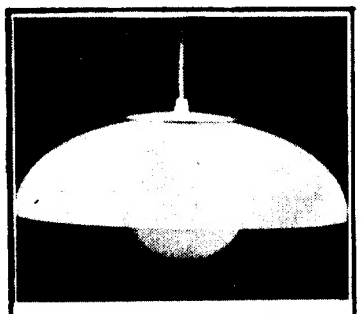


Carrinho-bar desde 2 050$00

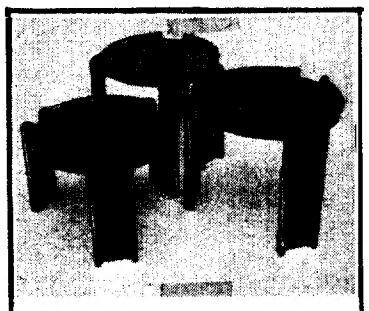
Conjuntos de mesas



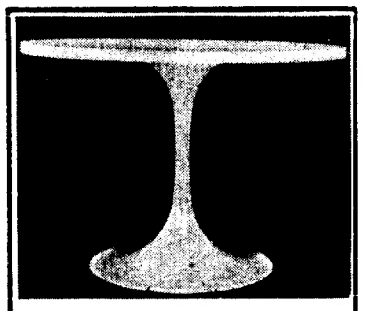
Bancos e banquetas para quartos desde 700$00



12 modelos de candeeiros de tecto desde 800$00, com suspensão



Conjunto de mesas desmontáveis



36 modelos de mesas para os mais diversos casos, desde a cozinha à sala de jantar, desde 1 220$00

IMPORTADOS DE QUASE TODOS OS PAÍSES DA EUROPA, ESTES SÃO ALGUNS DOS NOSSOS 5.000 ARTIGOS EXPOSTOS NA NOSSA EXPOSIÇÃO DE 2.000 M2

RUA PASCOAL DE MELO, 47

TELEFONES: 4 99 07/56 18 85/53 97 89

ELISA LISBOA teve medo de Virgínia Woolf

Elisa Lisboa: «Até a minha vida particular foi afectada por Virginia Wolff»

Aconteceram várias coisas interessantes no Monumental, na noite de estreia de «Quem tem medo de Virgínia Woolf». Muita gente compareceu ao espectáculo na perspectiva de uma boa pateada. Pois, tratando-se de um texto particularmente difícil, não se acreditava que um encenador estreante (João Vieira) conseguisse extrair dos seus quatro actores, talvez à excepção do seguro e experimentado Jacinto Ramos, o rendimento adequado.

Afinal, verificou-se uma reversão das expectativas. Em termos de teatro português, o nível da representação chegou ao extraordinário, como já assinalou o crítico deste jornal, Carlos Porto. Houve mesmo um momento, durante a patética sequência da «caça aos convidados», em que a plateia não se conteve e interrompeu a representação com uma salva de palmas. Nascia ali uma actriz de possibilidades insuspeitadas.: Elisa Lisboa, cuja espantosa capacidade de comunicação dramática fizera explodir os aplausos e ajudara a conquistar de vez uma assistência até então reticente.

A EXPLOSÃO

Elisa é uma jovem magra, aparentemente muito tímida e que parece andar com os nervos à flor da pele.

-E ando mesmo - começa por nos dizer. -A personagem que me coube nesta peça é apaixonante, mas complexa e verdadeiramente exaustiva. Tinha já uma ideia do papel quando, em Setembro, o Mário Pereira me falou da possibilidade de vir a interpretá-lo: vi o filme e já havia lido a peça. Trata-se de uma rapariga dominada pelo medo, medo de encarar a vida, medo de ter filhos, que esconde sob a capa das conveniências, passiva, burguesa. Mário Pereira e João Vieira ajudaram-me muito na composição da figura, com a qual, de resto, me identifico muito. Fui a última a começar os ensaios, com um mês de atraso em relação aos outros actores. De início, custou-me a «apanhá-los», mas depois tudo entrou nos eixos. O texto de Albee é de tal modo envolvente que eu própria, psìquicamente, me deixei perturbar. Durante os ensaios, até os meus sonhos eram influenciados. Cheguei a sentir-me abalada, doente, com reflexos nas minhas relações familiares.

- E as palmas do público, na noite de estreia? Você foi particularmente distinguida, quase ao terminar o 2º. acto.

- Bom, a cena prestava-se muito a isso. O 2º. acto vai num crescendo e a personagem que interpreto leva-o a um climax quase insuportável, forçando o público a uma explosão liberatória. Devo acrescentar que na antevéspera da estreia evoluí bastante no meu trabalho. Até então, as coisas iam num tom meio chocho. De repente, tudo se esclareceu na minha mente. Talvez porque se aproximava o momento da verdade, a hora do tudo ou nada. Depois, com o público presente, tudo resultou pelo melhor. O contacto directo com a plateia é um motor que nos impele a dar tudo o que temos.

O PASSADO

Elisa começou no Conservatória, aprendendo a «dizer» poesia com Maria Germana Tânger. Do curso geral desistiu após dois anos de frequência, por entretanto ter começado a ensaiar no Teatro Experimental de Cascais. Antes, ainda em Cascais, fôra aluna de Henriette Morineau numa academia teatral que já não funciona. Foi exactamente essa preparação que recebeu, durante três meses, da grande actriz franco-brasileira, que a levou a procurar Carlos Avilez e a tentar uma oportunidade no TEC.

Avilez aproveitou-a em «O Comissário de Polícia», de Gervásio Lobato e mais tarde escolheu-a para substituir Lia Gama no «D. Quixote», peça com que Elisa foi a Barcelona, tomar parte no Festival Internacional de Teatro. A seguir, sempre com o TEC, foi ao Japão e, na volta, Amélia Rey Colaço convidou-a para o elenco que no Porto representou «O Rei Está a Morrer», de Ionesco, e «O Duelo», de Bernardo Santareno. A grande oportunidade, porém, surgiria com «Virginia Woolf» e Elisa soube aproveitá-la, dando toda a medida de um talento que parecia bem difícil de adivinhar no seu modo tímido e nervoso.

O FUTURO

- E agora, Elisa?

- Acabo de saber que D. Amélia Rey Colaço, com quem muito aprendi, está de novo interessada nos meus serviços. Isto torna-me muito feliz, porque admiro D. Amélia e achei maravilhoso trabalhar com ela. Não sei a que peça me destinam. E também, claro, as coisas dependem da carreira de «Virginia Woolf». Mas, por agora, tudo vai bem, muito melhor do que eu poderia supor quando comecei a dar os meus primeiros passos, como aluna do Conservatório.

CASA MAX
Electrodomésticos
TUDO PARA VOSSA CASA
APARELHOS PARA SOM, MÚSICA E GRAVAÇÃO NA
CASA MAX
COMPRA MAIS COM MENOS DINHEIRO
MAIOR PRAZO
VISITE OS NOSSOS 4 ESTABELECIMENTOS
2, Av. Praia da Vitória, 2-C

Hoje, às 21.30
PENÚLTIMA SEMANA
(Maiores 10 anos ..... Grupo B)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
AS MAIORES ATRAÇÕES PALHAÇOS
Amanhã, espectáculo às 21.30
NOITE DA MODA

CRÉDITO PESSOAL SOTTO MAYOR
SEJA QUAL FOR A SUA PROFISSÃO NO SECTOR PÚBLICO OU NO PRIVADO
O SEU TRABALHO MERECE-NOS CRÉDITO
CRÉDITO PESSOAL SOTTO MAYOR
UM SERVIÇO ANTIGO E EXPERIMENTADO
AGORA REMOÇADO COM NOVAS CONDIÇÕES
MONTANTE — ATÉ 150 CONTOS
PRAZO — ATÉ 36 MESES
ENCARGOS — OS DECORRENTES DA LEI
...ALÉM DE UM SEGURO AUTOMÁTICO CONTRA ACIDENTES PESSOAIS
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
OFERECE UMA SOLUÇÃO MELHOR

TATI: um rigor excessivo

SIM, SR. HULOT, MAS...

Estreias de CINEMA

Lauro António

TÍTULOS: SIM, SR. HULOT (Trafic)
REALIZAÇÃO: Jacques Tati, 1971 (França)
INTÉRPRETES: Jaques Tati, Maria Kimberly, Marcel Fraval, Honoré Bostel.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo
ESTREIA: Cinema Tivoli (29/11/1971).

Antes de mais, uma recomendação que se impõe: um novo filme de Jacques Tati é, em toda a parte, um acontecimento a não perder. Trata-se realmente de um dos mais importantes cineastas contemporaneos e um dos raros que justificam tal afirmação no campo difícil da comédia. Se assim é um pouco por todo o lado, muito mais o deverá ser entre nós, onde o cinema que vemos não permite grandes opções. Portantõ, primeira conclusão: não deixe de ver **Trafic.**

O que não quererá dizer que **Sim, Sr. Hulot** seja um filme excepcional. Sequer muito importante na carreira de Tati. Quanto a nós será mesmo a primeira e ligeira decepção que o seu cinema nos fornece. A ver vamos porquê.

Crítico incontroverso dos tempos modernos e da sociedade de consumo que tem como modelo a América, Tati tem vindo sistemàticamente a apontar vícios, defeitos e alimentações desta civilização que é dele e nossa. Depois de dois filmes iníciais, cheios de frescura e truculência **(Há Festa na Aldeia** e **As Férias do Sr. Hulot),** Tati investe a direito sobre uma certa sociedade de abundância, em obras como **O Meu Tio, Tempos Modernos** ou **Trafic.** Do fabrico em série ao automóvel, em tudo têm poisado os olhos atentos ao ridículo, ao excesso, à planificação, exacerbada.

Trafic encontra no automóvel o seu principal centro de interesse. É o cavaleiro do século XX, esporeando o acelerador dos muitos cavalos, que irá servir de pretexto a Tati para as suas medições. Aqui haverá já que delimitar bem o campo da intervenção do cineasta. Tati anota pequenas observações, de um cómico subtil, inteligente, arguto, Mas... A sua análise não ultrapassa nunca o **fait divers.** Não existe, por detrás da obra, um pensamento englobante que exerça crítica aprofundada. Nostálgico de um paraíso que perdeu, Tati que acusa a técnica de coisas e loisas de que a técnica não tem culpa. Não é o desenvolvimento técnico que obriga o homem a alienar-se na máquina (aqui o automóvel). De ciência sabida se sabe que são as estruturascompetitivas da sociedade que impõe necessidades supérfluas. Que são as frustrações nos mais diversos domínios que tornam o automóvel o escape possível para a liberdade que se não conhece. Tati passa um pouco ao lado de tudo isto, organizando o seu jogo de malabarista, por vezes genial, num outro plano.

Mas, atentemos agora na construção do seu próprio cómico. **Trafic** apresenta meia dúzia de sequências notáveis. O automóvel de, campismo francês, experimentado numa esquadra de polícia holandesa, é uma delas. O sr. Hulot procurando gasolina, outra. O choque de vários carros à entrada de Amesterdão merece também referência. Depois, muitas outras sugestões dispersas ao longo do filme nos parecem atingir uma qualidade de humor invulgar. A figura da **Public Relations,** mudando de indumentária consoante a situação em que se encontra, é, efectivamente, uma personagem notável. A observação e o sentido crítico de Tati vão, aliás, mais longe ainda. Veja-se a última novidade da indústria automóvel francesa ser transportada numa camioneta que se avaria de cinco em cinco quilómetros. De paradoxos é rico o filme: o camião de gasolina que passa, deixando na berma da estrada uma camioneta seca de combustível; de um lado uma exposição de automóveis; do outro, um cemitério de carcaças, etc. Brilhante é a cena inicial, com o **Salon** do Automóvel de Amesterdão juncado de fios transparentes que obrigam as pessoas a deambular aos saltinhos, colocando Tati a câmara bastante ao longe, para abarcar um plano de conjunto de efeito seguro. Tudo isto é certo e sabido, mas, por outro lado, Tati, um cineasta com trinta e quatro anos de ofício (estreou-se no cinema com uma curta-metragem, em 1936), e sómente com cinco filmes de fundo no activo, parece de inspiração já gasta. Os seus **gags** (e não nos referimos só à construção, como até aos efeitos) repetem-se, o humor perde nitidez, o ritmo da narrativa esfarela-se. Há em **Trafic** (sobretudo na segunda parte da película) certas sequências que se prolongam inùtilmente, dando a ideia de que o autor já não sabe o que há-de fazer, nem à vida nem ao filme. O que é de lamentar, lamentando-se duplamente num homem como Tati, que nos dera já obras-primas incontestáveis, de uma frescura e espontaneidade inenarráveis. Será que a disciplina que a si mesmo impõe lhe corta a liberdade que todo criador deverá possuir? O cinema de Tati caminha numa região onde o rigor começa a ser excessivo.

NOSSO IRMÃO POITIER

TÍTULO: «O ESTRANHO JOHN KANE» (Brother Kane).
REALIZAÇÃO: James Goldstone, 1970 (EUA).
INTÉRPRETES: Sidney POITIER; WILL Geer, Bradford Dillman, Beverly Todd, Ramon Biere, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes.
ESTREIA: Cinema Monumental (26.11.1971).

Brother Kane regressa à sua cidade natal, não diremos todos os anos pela primavera, mas de vez em quando, pela morte pressentida de um parente. Pode portanto a família estar descansada que, quando a mãe morrer, o pai, a irmã ou o cunhado desaparecerem, Brother John Kane não faltará à sua cabeceira. Como ponto de partida deficilmente se poderá inventar início mais bizarro. Mas o filme de James Goldstone (que fizera até agora **coisas** bem interessantes: **LSD-Droga Alucinante,** o mais fraco; **Sigo o Meu Destino** ou **A Grande Competição,** este último de qualidade inegável) progride dentro do mesmo estilo, até culminar numa sequência final de vibrante metafísica, onde subrepticiamente se compara Brother John Kane a um deus que desce à terra para aquilatar dos males do mundo e dela se evaporar num dia de grande ventania. «Os espíritos **avoam;** perguntaria aqui uma criancinha de seis anos à sua avózinha, caso **O Estranho John Kane** não fosse para maiores de 18 anos.

Sidney Poitier continua a sua carreira, defendendo os direitos cívicos da forma que mais lhe apraz. Eficiente não é certamente, pois se fosse, pela quantidade de obras que trazem a sua marca, já o racismo teria desaparecido há muito da vasta terra americana. Mas a verdade é que tudo continua na mesma, enquanto Brother Poitier clama aos céus e pede a seus irmãos para se amarem uns aos outros.

VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO

10% de redução DE PREÇOS SOBRE A TABELA

TEATRO • tel 327493
"CAPITOLIO"

la MAMMA
QUERIDA MAMMA
com CARLOS DUARTE
LAURA ALVES
ALDA PINTO
LUIS ALBERTO
ANTONIO RAMA
ANA LE MATTRE
CLAUDIA MARTINS
e OCTAVIO BORGES
Todas as noites, 21.45 h.
Domingos, e feriados 16 e 2.as-feiras repouso da C.ª
11.º MÊS
maiores 17 anos

TEATRO • tel 538586
"VILLARET"
O aniversário da Tartaruga
de Carinei e Giovaninni
com FLORBELA QUEIRÓS e RUI DE CARVALHO

UM GRANDE BALLET INGLES
2.as feiras Descanso da Comp
Todas as noites
2-SESSÕES-2
20.45 e 23 h.
Domingos e Feriados à tarde, às 16 h. e à noite, às 21.45 h.
GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037
"VARIEDADES"

HENRIQUE SANTANA
MARIA DULCE
PAULO RENATO
EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO
de Ray Cooney e John Chapman
A COMEDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA
3.as, 6.as e Sábados 2 Sessões 20,45 e 23 h.
4.as e 5.as feira 21.45 h.
Domingos e Feriados «matinées» 16 h.
2.ª feira descanso da C.ª
14.a SEMANA

TEATRO • tel [illegible]
"MONUMENTAL"
HOJE ÀS 21.45 H.
Domingos e Feriados Matinées às 16 horas
Grupo D (M.) 18 anos
A OBRA-PRIMA DE
EDWARD ALBEE
QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
DESEMPENHO DE
JACINTO RAMOS
GLÓRIA DE MATTOS
MÁRIO PEREIRA
ELISA LISBOA
ENCENAÇÃO DE
JOÃO VIEIRA
CENARIO DE
PAULO GUILHERME
2.ª feira
descanso da C.ª
Espectaculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

Estalagem "A GRUTA DO RIO"

RIO DE MOURO
Telef. 2960535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS Telefone 280919
com o patrocínio da JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
HOJE E TODAS AS NOITES às 22 horas
A companhia do TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
em
SINFONIETA de Tardieu
SINFONIA DOS SALMOS de Strawinsky
e
ACTO SEM PALAVRAS de Beckett
Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Gulbenkian
Amanhã
Descanso da Companhia
adultos

PORÃO DA NAU
Direcção de RUY CASTELAR
aberto todos os dias até às 05.00 horas
HOJE
DOMINGO
Das 17.00 às 20.00 horas
MATINÉE PARA A JUVENTUDE
Preços reduzidos
Alta fidelidade «GRUNDIG»
TRAGA O SEU «BORRACHINHO»!!!

a mosca pica...

nota de abertura

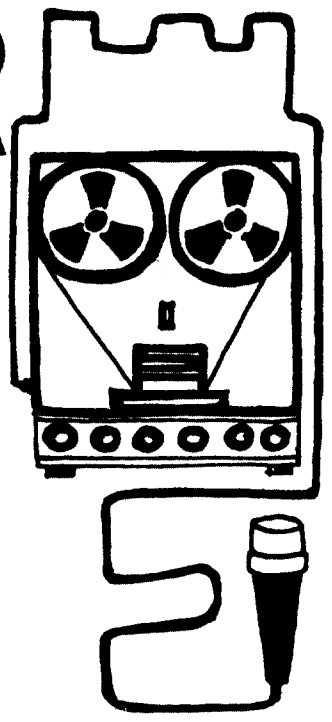
Anunciámos no nosso último número artigos que não chegámos a publicar, não é verdade? A MOSCA sai com as páginas com que sair e com os artigos que contiver. Da semana que passou pouco há a dizer senão o habitual: está tudo cada vez melhor e aumenta, dia-a-dia, a paz e o entendimento entre os portugueses.

O valor da moeda, aliás, como já é seu **hábito, continua a subir, podendo afirmar-se que está muito bem cotada no mercado internacional. Diga-se, em abono da verdade, que por cá o escudo também está cada vez mais bem cotado — está tão bem cotado e tem tão grande procura que é quase inacessível. No que se refere ao aumento do valor da moeda, é também justo dizer que este aumento foi acompanhado por um aumento crescente de tudo, do arroz ao peixe-espada, que aumentam, aumentam, aumentam dia-a-dia mais. Os economistas vivem, por outras palavras, um momento de saudável despreocupação. No campo jurídico, nada de novo a assinalar excepto o facto de continuar o processo da herança Sommer que, a continuar mais uns anos acaba por falta de herança Sommer — fica toda nas custas. No campo dos grandes acontecimentos nacionais — referimo-nos, está de ver aos assuntos que apaixonam a opinião pública — também a semana não trouxe nada de novo: o Eusébio curou-se da mini não sei quê que teve no joelho, e, ao que parece, as cinco filhas continuam por casar. No campo dos miniacontecimentos nacionais — aqueles que não apaixonam a opinião pública nem fazem vibrar os coraçõezinhos das burguesinhas — uma única novidade: vão começar, quando começarem as aulas no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.**

Acabamos esta coluna com o coração a derrotar de júbilo e tão optimistas que vamos, a correr, beber um copo antes que o vinho suba de preço. Desculpem, mas temos pressa, dado que não sabemos se conseguiremos chegar à loja a tempo de ainda beber um copo pelo preço de ontem.

O vinho não subiu de preço — o dono da loja é que emigrou ontem ás sete horas, de forma que demos com o nariz na porta. Ainda tentámos ir a outro estabelecimento congénere mas encontrámo-lo também fechado — o rapaz incumbido de o abrir foi mobilizado e o pai não tem forças para abrir as pesadíssimas portas de ferro que lhe protegem os artigos. Frustrados mas felizes, voltamos à redacção da MOSCA onde encontramos, à nossa espera, uma nota escrita pelo chefe de redacção, exigindo a imediata entrega de todo o material da MOSCA. Não temos outro remédio senão ficar por aqui.

O GRAVADOR DA MOSCA



Vimos há pouco tempo um anúncio que nos deu uma ideia. Destinava-se este anúncio a vender um gravador de som de aparência discreta, utilizável por espiões para gravar conversas que tivessem lugar em restaurantes, casas de chá e outros estabelecimentos frequentados por espiões e profissões correlativas. Adquirimos um destes gravadores na esperança de o utilizar com proveito para os leitores da MOSCA e, durante uns tempos, não nos ocorreu forma de lhe dar rentabilidade mosquívera. Acontece, porém, que há coisa de três dias resolvemos ver se as suas pilhas ainda estariam em bom estado e constatamos, com surpresa, que o gravador estivera a funcionar, sem ninguém saber, em casa ou da pessoa a quem o comprámos ou de qualquer outra pessoa. Não sabemos, por outras palavras, em casa de quem é que esteve este gravador porque não reconhecemos as vozes gravadas mas não há dúvida de que, a partir de hoje, temos serviço para ele. A conversa que reproduzimos, com alguns comentários nossos destinados a permitir que os leitores da Mosca compreendam o ambiente em que deve ter tido lugar a gravação, foi travada entre marido e mulher num domingo a julgar pelo estudo que fizemos dos horários do português médio e por algumas expressões dos participantes.

Começa a gravação por uma série de ruídos que julgamos corresponderem à chegada do homem a casa e pelo ranger de uma cadeira que presumimos estar no «living» da família. A este ruído segue-se outro que reconhecemos imediatamente - o homem sentou-se e abriu o jornal.

VOZ DE MULHER - Sabes o passé composé do verbo aller?

VOZ DE HOMEM - O quê?

VOZ DE MULHER - Perguntei se sabias o passé composé do verbo aller...

VOZ DE HOMEM - A que propósito é que eu havia de saber o passé composé do verbo aller se saí do liceu há vinte anos? Pergunta essas coisas ao Pedrinho - ele é que anda no liceu e tem obrigação de as saber.

VOZ DE MULHER - Por causa do Pedrinho é que te faço a pergunta. Estou a ensinar-lhe a lição de francês.

VOZ DE HOMEM - O rapaz já é uma lesma que até faz impressão e tu estás a contribuir para isso fazendo-lhe a papinha toda-deixa-o estudar sòzinho...

Ruído do bater de uma porta. Voz de homem murmurando entre dentes: Se tu alesses a um sítio que eu cá sei...

VOZ DE HOMEM- Onde é que está o livro que eu ando a ler?

VOZ DE MULHER VINDA DE OUTRO QUARTO - Qual livro?

VOZ DE HOMEM - O livro que eu ando a ler sobre a guerra mundial!

VOZ DE MULHER VINDA DE OUTRO QUARTO - Para que queres tu ler livros sobre uma coisa que já acabou?

VOZ DE HOMEM - Diz-me onde está o livro e guarda os comentários para o Pedrinho...

VOZ DE MULHER VINDA DE OUTRO QUARTO - Não sei e agora não tenho tempo de o ir procurar porque estou a ensinar a lição ao pequeno.

VOZ DE HOMEM - A Inglaterra vai entrar no mercado comum.

VOZ DE MULHER VINDA DE OUTRO QUARTO - Não faças barulho - não vês que o pequeno está a estudar?

VOZ DE HOMEM - Diz aqui no jornal que...

VOZ DE MULHER - Se tens o jornal na mão, vê o que é que vai no Roma.

VOZ DE HOMEM - Vai uma fita.

Ruído do abrir de uma porta.

VOZ DE MULHER - E do verbo manger?

VOZ DE HOMEM - Ouviste o que eu te disse do mercado comum?

VOZ DE MULHER - Lá estás tu com as tuas coisas - agora não tenho tempo para isso. Sabes o passé composé do verbo manger.

VOZ DE HOMEM - Vai chatear outro.

VOZ DE MULHER - Se eu não o ensinar, o pequeno chumba.

VOZ DE HOMEM - E se ele fôr para a universidade - também lhe vais ensinar a matéria?

VOZ DE MULHER - (Para dentro) O paizinho diz que não sabe.

VOZ DE CRIANÇA - Que não sabe o quê?

VOZ DE MULHER - O passé composé do verbo manger.

VOZ DE CRIANÇA - E sabe quem é que matou a D. Inês de Castro?

VOZ DE HOMEM - Diz-lhe para ir ver ao livro de história porque ele tem de aprender a estudar por si.

VOZ DE CRIANÇA - Sabe?

VOZ DE MULHER - O teu egoísmo é qualquer coisa de...

VOZ DE HOMEM - De quê?

VOZ DE MULHER - De monumental.

VOZ DE HOMEM - Deixa-me, ao menos, ler o jornal em paz.

VOZ DE MULHER - Se o que tu queres é que eu me cale... sim, porque o que tu queres é que eu não saiba nada para teres um pretexto...

VOZ DE HOMEM - Estava a falar-te da entrada da Inglaterra para o mercado comum.

VOZ DE MULHER - Quero cá saber dessas coisas...

VOZ DE HOMEM - Então o que é que tu queres saber?

VOZ DE MULHER - Quero saber o que é que hei-de fazer para voltarmos a ser como éramos antigamente...

VOZ DE HOMEM - Não sei.

VOZ DE MULHER - Reduzis-te-me a nada, sim, a nada, estou um farrapo. Era uma rapariga cheia de interesse que falava de tudo, que tinha conversa para todos e agora...

VOZ DE HOMEM - O que é tu queres que eu te faça?

VOZ DE MULHER - Quero que me leias o jornal.

VOZ DE HOMEM - Vou ler-te um artigo interessantíssimo que aqui vem sobre as consequências da entrada da Inglaterra para o mercado comum.

VOZ DE MULHER - Isso não me interessa nada - diz o que é que vai nos cinemas...

VOZ DE CRIANÇA - Tanta conversa e ninguém sabe o passé composé do verbo manger.

VOZ DE HOMEM - Se esta criança não desaparece daqui...

VOZ DE MULHER - O que é que tu lhe fazes?

VOZ DE HOMEM - Nada.

Ruído de cadeira que range.

VOZ DE MULHER - Onde é que tu vais?

VOZ DE HOMEM AFASTANDO-SE - Vou sair.

VOZ DE MULHER - O teu egoísmo é qualquer coisa de...

VOZ DE CRIANÇA - Mamã, venha-me ensinar a lição de história...

Tendo chegado aos ouvidos da MOSCA QUE ABRIRA, HÁ JÁ BASTANTE TEMPO, UM NOVO RESTAURANTE NA Baixa — o Atrium — foi resolvido por unanimidade obrigar o redactor incumbido destas críticas a deslocar-se até à Rua de S. Julião para actualizar os ficheiros desta Melga que tão afastada anda dos restaurantes novos.

Acontece que o redactor destas despretensiosas crónicas — permiti que fale de mim na terceira pessoa para variar — LEU NA MANHÃ DO DIA A ISSO DESTINADO UM ANÚNCIO EM QUE O ATRIUM dava a conhecer ao público que vendia os deliciosos hamburgers U.S.A., petisco de grande repu-

LATINA

com o seu trabalho você segura $\frac{3}{4}$ da sua vida

nós garantimos-lhe o restante

A sua constante actividade tem um objectivo: o seu futuro e o da família. É para ele que trabalha. Assegurando com o seu esforço grande parte desse futuro, a nossa função é segurar-lhe tudo quanto constrói, dia a dia, ano após ano. Consulte-nos. Estudámos um completo plano de previdência com as mais variadas e sólidas modalidades de Seguros. Qualquer que seja o seu caso, temos para ele a solução apropriada. E ainda: a modalidade dos Seguros de Vida Atlas com Valor Progressivo permite-lhe, pela actualização periódica do capital seguro, defender-se da depreciação da moeda e manter assim, ao longo do tempo, o mesmo poder de compra.
O nosso programa dirige-se a um fim: transformar o seu presente numa apólice de futuro.

Recorte e cole num postal
Estou interessado em receber informações sobre os Seguros de Vida ATLAS com Valor Progressivo
Nome .....
Morada .....
DL
ATLAS – Companhia de Seguros, S.A.R.L.
Lisboa - Rua Andrade Corvo, 27 • Porto - Rua de Ceuta, 11-1º

ATLAS
COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

SECRETARIA DE ESTADO DA AERONÁUTICA

AERÓDROMO BASE N.º 1

Pessoal Civil: Concurso documental para admissão de médicos civis, para preenchimento de vagas existentes no A. B. 1.

1. Encontra-se aberto, por trinta dias, sem dispêndio para a Fazenda Nacional, concurso documental para admissão de dois médicos especialistas (um neurologista e um psiquiatra), para preenchimento de vagas existentes no A. B. 1.
2. A este concurso podem candidatar-se indivíduos do sexo masculino.
3. São condições de admissão:
   a. Ter nacionalidade portuguesa originária ou adquirida, nos termos da lei da nacionalidade;
   b. Ter idade não superior a 55 anos;
   c. Possuir o Curso Superior de Medicina e a especialidade respectiva;
   d. Ter os deveres militares cumpridos;
   e. Não ter sofrido pena que iniba do exercício de funções públicas, salvo tendo sido reabilitado, nos termos da lei.
4. Os candidatos deverão apresentar no Comando do Aeródromo - Base n.º 1 - PORTELA, até trinta dias após esta publicação, um requerimento feito em papel selado, acompanhado do diploma do curso e outros documentos julgados necessários, que possam influir na apreciação para efeitos de classificação, dirigido ao Ex.mo Senhor General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, solicitando a admissão a concurso, no qual deve constar:
   a. Nome, nacionalidade, filiação, naturalidade (freguesia e concelho), data do nascimento, estado civil número e data do bilhete de identidade e arquivo de identificação por onde foi passado e residência;
   b. Declaração em alíneas separadas e sob compromisso de honra, sobre a situação precisa em que se encontra em relação às condições das alíneas a. a e. do n.º 3.
5. As falsas declarações serão punidas nos termos da lei.

Quartel em Portela, 26 de Novembro de 1971

O COMANDANTE
LUÍS DO AMARAL GONÇALVES
Cor. Pil. Aviador

ATRIUM
PARA VOS SERVIR
SALÃO DE CHÁ
LUNCHES
Rua de S. Julião

tação nos meios frequentados pelos «gourmets» norte-americanos que são, como é sabido famosos em todo o mundo pelo seu gosto requintado.

O lançamento do hamburger U.S.A. num país como o nosso não podia deixar de atrair as atenções da Melga no Prato, coluna sempre pronta a adoptar tudo o que é norte-americano e a escrever nas paredes «Americans go home» para não ficar atrás de ninguém em matéria de modernidade. Devidamente Levistido para não destoar, o autor destas crónicas foi até à Rua de S. Julião na firme intenção de regressar hamburguisado, como convém a quem se veste por fora nos Porfírios e por dentro em conversas de snack-bar. A fim de não dar nas vistas — não há como passar despercebido — o modesto croniqueiro da Mosca levava ainda, ao peito, uma cruz de grandes proporções, um pouco mais abaixo uma cruz gamada e, pendurada ao pescoço, uma medalha com vários símbolos Zen. Fosse qual fosse a religião ou a ideologia política dos comedores de hamburguers, o já mencionado croniqueiro estava certo de poder ser tomado por um de seita ainda que para tal tivesse de dizer que, tendo chegado recentemente da Califórnia, não estava ainda bem a par dos hábitos e costumes da Rua de S. Julião.

Para nada lhe serviu, porém, este vestuário — a bicha à porta do Atrium era tão grande que o já mencionadíssimo croniqueiro ficou, pelo menos desta vez, por hamburguisar.

Deve dizer-se, em abono da verdade, que os fregueses disciplinados da bicha do Atrium não iam vestidos de acordo com as praxes dos apreciadores norte-americanos do petisco hamburguer e que, antes pelo contrário, iam vestidos à portuguesa, de acordo com as normas seguidas pelo senhor Silva que é, como todos sabemos, um chefe de secção que não cede nestas coisas de vestuário: gabardinezinha burguesa, gravatinha à dia de semana e, aqui e acolá, um chamberlainezinho enrolado a demonstrar que mesmo os mais ousados em matéria de culinária receiam a gr[illegible] de Hong Kong.

Dadas as circunstâncias, o [illegible] responsável por esta cronicazinh[illegible] de provar o hamburguer U.S.A. e já [illegible] mesmo, a desistir de estrear o Atrium quando verificou que havia, mais abaixo, uma outra porta que dava entrada para [illegible] nem mel[illegible] de luxo do [illegible] ele teve ocasião de verificar pelos preços, ao pegar na lista.

Dado que já era tarde de mais para levar a cabo uma retirada estratégica perfeitamente compreensível se atendermos a que o prato do dia — maõzinhas de carneiro à alentejana — custava 56$00, o autor destas linhas não teve outro remédio senão sentar-se e, fazendo das tripas coração, preparar-se para gastar nas tais maõzinhas o que poucos alentejanos têm para gastar num carneiro inteiro.

Enfim, como festa é festa e um dia não são dias, tanto mais que a vida são dois dias e este está a passar etc., etc. e tal, o mosquiteiro de serviço resolveu falir de vez em lugar de falir aos poucos e mandou vir uma garrafa dum bom vinho para acompanhar as maõzinhas e agradar à lindíssima senhora que o acompanhava — já devem ter entendido que havia uma senhora no caso porque sempre que um homem normal compra maõzinhas de carneiro a 56$00 é certo e sabido que não [illegible] (cherchez la femme...)

Enquanto os empregados da casa — solícitos e profissionalmente à altura dos 56$00 das maõzinhas — se incumbiam de fazer as ditas, o mosquiteiro olhou à sua volta para ver se a decoração do [illegible] celebre tostão de ouro com feijão branco porque, senhores e senhoras, se uma maõzinha de carneiro custa 56$00 as quatro patinhas do dito bichinho custariam 204$00, o seu lombo valeria, certamente, 500$00, as suas orelhinhas orçariam pelos 400$00, o seu mimoso rabinho nunca poderia custar menos de 100$00, o seu pescocinho uns 300$00, as suas costoletinhas cerca de 150$00 cada e o animalzinho, adquirido em pêlo (o pelinho — quanto custaria o pelinho?) nunca poderia valer menos de 4.000$00, valor só atribuível ao celebrado tostão de ouro e nunca a um carneirito «made in Portugal». Do ambiente há pouco a dizer: tapetinho folhudo a lembrar uma exótica salada de folhas de bananeira; ao fundo um moral (?) iluminado representando saudosas e românticas ruinas de colunas, com mirones espantados sem saber ao certo o que dizer delas, ao longo das paredes mesas dispostas **à la wagon lit** com bancos almofadados e, ao fundo, um bar entregue a um dos melhores barmen portugueses.

Da clientela também há pouco a dizer excepto que era normal nos estabelecimentos do género: dois funcionários de agências de publicidade oferecendo almoços a dois funcionários de empresas clientes; o dono duma rendosa estação de serviço; o filho dum grão mestre da cultura internacional; um um industrial ou dois; recém-chegados do norte do país; fazendo o seu brilharete junto de duas jovens industriais há muito fixadas na zona do Areeiro e os dois ou três gerentes de delegações bancárias que é costume encontrar sempre nestes restaurantes para que ninguém tenha dúvidas acerca da rentabilidade da profissão, neste momento em que, como é costume dizer-se, **o país luta com tantas dificuldades.** Ainda o exame do meio ambiente não terminara e já as patinhas do tosão de ouro tinham chegado à mesa num pirexzinho oval e discreto a transbordar de feijão branco, de pedaços de presunto, de rodelas de chouriço e de outros petiscos de aparência deliciosa. Insiste o mosquiteiro na aparência do tosão de ouro porque se à sua chegada não tivesse a boca cheia de vinho teria ficado com ela cheia de água, de tal forma lhe cresceu a água na boca só de olhar para o pirex.

Uma vez servidos deve ele, porém, com um defeito que os responsáveis pelo Atrium devem corrigir tão depressa quanto possível: ou os bancos são baixos demais para o fim a que se destinam ou as mesas são altas demais para o mesmo fim, mas o certo é que, apesar de comodíssimos no que se refere à maciesa, carecem duma correcção imediata para que os portugueses que não fizeram ginástica consigam ter o peito e não a testa ao nível dos pratos. (Os portugueses que fizeram ginástica são, como é sabido, mais altos e mais espadaúdos do que os restantes e não carecerão, certamente, desta correcção.)

Quer dizer do tosão de ouro? Que estava delicioso? É pouco. Que estava admiràvelmente temperado e assado e que a dose era ampla? Não chega. Que apesar de todos os esforços — o escrevinhador destas linhas fez os possíveis por comer o suficiente para não ter de jantar — o que sobrou ainda chegava para uma terceira pessoa? É verdade, mas não chega. O que é preciso dizer é que estava admiràvelmente bem cozinhado e que o autor destas linhas tenciona voltar ao Atrium assim que lhe sair a sorte grande. Se ele não voltar a este restaurante tão depressa, a culpa é da Santa Casa da Misericórdia mas o certo é que, dada a qualidade e a quantidade do tosão de ouro, os 56$00 ficaram justificados.

GRUNDIG

GRANDE CAMPANHA

GRUNDIG

TELEVISORES
RÁDIOS
GRAVADORES
AUTO-RÁDIOS

A.OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A * LISBOA

SEM ENTRADA
FIADOR

À CLASSE MÉDICA

LISFARMA tem o prazer de comunicar que, neste momento, todo o mercado nacional se encontra devidamente abastecido das cápsulas rectais: DONARAN (Lactente, Infantil e **agora** também **Adulto**).

tação nos meios frequentados pelos «gourmets» norte-americanos que são, como é sabido famosos em todo o mundo pelo seu gosto requintado.

O lançamento do hamburger U.S.A. num país como o nosso não podia deixar de atrair as atenções da Melga no Prato, coluna sempre pronta a adoptar tudo o que é norte-americano e a escrever nas paredes «Americans go home» para não ficar atrás de ninguém em matéria de modernidade. Devidamente Levistido para não destoar, o autor destas crónicas foi até à Rua de S. Julião na firme intenção de regressar hamburguisado, como convém a quem se veste por fora nos Porfírios e por dentro em conversas de snack-bar. A fim de não dar nas vistas — não há como passar despercebido — o modesto croniqueiro da Mosca levava ainda, ao peito, uma cruz de grandes proporções, um pouco mais abaixo uma cruz gamada e, pendurada ao pescoço, uma medalha com vários símbolos Zen. Fosse qual fosse a religião ou a ideologia política dos comedores de hamburguers, o já mencionado croniqueiro estava certo de poder ser tomado por um de seita ainda que para tal tivesse de dizer que, tendo chegado recentemente da Califórnia, não estava ainda bem a par dos hábitos e costumes da Rua de S. Julião.

Para nada lhe serviu, porém, este vestuário — a bicha à porta do Atrium era tão grande que o já mencionadíssimo croniqueiro ficou, pelo menos desta vez, por hamburguisar.

Deve dizer-se, em abono da verdade, que os fregueses disciplinados da bicha do Atrium não iam vestidos de acordo com as praxes dos apreciadores norte-americanos do petisco hamburguer e que, antes pelo contrário, iam vestidos à portuguesa, de acordo com as normas seguidas pelo senhor Silva que é, como todos sabemos, um chefe de secção que não cede nestas coisas de vestuário: gabardinezinha burguesa, gravatinha à dia de semana e, aqui e acolá, um chamberlainezinho enrolado a demonstrar que mesmo os mais ousados, em matéria de culinária receiam a gripe de Hong Kong.

Dadas as circunstâncias, o [illegible] responsável por esta cronicazinha [illegible] de provar o hamburguer U.S.A. e já [illegible], mesmo, a desistir de estrear o Atrium quando verificou que havia, mais abaixo, uma outra porta que dava entrada para o mesmo restaurante. Tratava-se, nem mais nem menos do que da porta do restaurante de luxo do estabelecimento como ele teve ocasião de verificar pelos preços, ao pegar na lista.

Dado que já era tarde de mais para levar a cabo uma retirada estratégica perfeitamente compreensível se atendermos a que o prato do dia — maõzinhas de carneiro à alentejana — custava 56$00, o autor destas linhas não teve outro remédio senão sentar-se e, fazendo das tripas coração, preparar-se para gastar nas tais maõzinhas o que poucos alentejanos têm para gastar num carneiro inteiro.

Enfim, como festa é festa e um dia não são dias, tanto mais que a vida são dois dias e este está a passar etc., etc. e tal, o mosquiteiro de serviço resolveu falir de vez em lugar de falir aos poucos e mandou vir uma garrafa dum bom vinho para acompanhar as mãozinhas e agradar à lindíssima senhora que o acompanhava — já devem ter entendido que havia uma senhora no caso porque sempre que um homem normal compra mãozinhas de carneiro a 56$00 é certo e sabido que não [illegible] (cherchez la femme...)

Enquanto os empregados da casa solícitos e profissionalmente à altura dos 56$00 das mãozinhas se incumbiam de trazer as ditas, o mosquiteiro olhou à sua volta para ver se a decoração da casa, o ambiente e a freguesia justificavam que nela se servissem bocados de célebre tostão de ouro com feijão branco porque, senhores e senhoras, se uma mãozinha de carneiro custa 56$00 as quatro patinhas do dito bichinho custariam 204$00, o seu lombo valeria, certamente, 500$00, as suas orelhinhas orçariam pelos 400$00, o seu mimoso rabinho nunca poderia custar menos de 100$00, o seu pescocinho uns 300$00, as suas costoletinhas cerca de 150$00 cada e o animalzinho, adquirido em pêlo (o pelinho — quanto custaria o pelinho?) nunca poderia valer menos de 4.000$00, valor só atribuível ao celebrado tostão de ouro e nunca a um carneirito «made in Portugal». Do ambiente há pouco a dizer: tapetinho folhudo a lembrar uma exótica salada de folhas de bananeira; ao fundo um moral (?) iluminado representando saudosas e românticas ruinas de colunas, com mirones espantados sem saber ao certo o que dizer delas, ao longo das paredes mesas dispostas à la wagon lit com bancos almofadados e, ao fundo, um bar entregue a um dos melhores barmen portugueses.

Da clientela também há pouco a dizer excepto que era normal nos estabelecimentos do género: dois funcionários de agências de publicidade oferecendo almoços a dois funcionários de empresas clientes; o dono duma rendosa estação de serviço; o filho dum grão mestre da cultura internacional; um um industrial ou dois; recém-chegados do norte do país; fazendo o seu brilharete junto de duas jovens industriais há muito fixadas na zona do Areeiro e os dois ou três gerentes de delegações bancárias que é costume encontrar sempre nestes restaurantes para que ninguém tenha dúvidas acerca da rentabilidade da profissão, neste momento em que, como é costume dizer-se, o país luta com tantas dificuldades. Ainda o exame do meio ambiente não terminara e já as patinhas do tosão de ouro tinham chegado à mesa num pirexzinho oval e discreto a transbordar de feijão branco, de pedaços de presunto, de rodelas de chouriço e de outros petiscos de aparência deliciosa. Insiste o mesquiteiro na aparência do tosão de ouro porque se à sua chegada não tivesse a boca cheia de vinho teria ficado com ela cheia de água, de tal forma lhe cresceu a água na boca só de olhar para o pirex.

Uma vez servidos, deve ele, porém, com um defeito que os responsáveis pelo Atrium devem corrigir tão depressa quanto possível: ou os bancos são baixos demais para o fim a que se destinam ou as mesas são altas demais para o mesmo fim, mas o certo é que, apesar de comodíssimos no que se refere à maciesa, carecem duma correcção imediata para que os portugueses que não fizeram ginástica consigam ter o peito e não a testa ao nível dos pratos. (Os portugueses que fizeram ginástica são, como é sabido, mais altos e mais espadaúdos do que os restantes e não carecerão, certamente, desta correcção.)

Quer dizer do tosão de ouro? Que estava delicioso? É pouco. Que estava admiràvelmente temperado e apurado e que a dose era ampla? Não chega. Que apesar de todos os esforços — o escrivinhador destas linhas fez os possíveis por comer o suficiente para não ter de jantar — o que sobrou ainda chegava para uma terceira pessoa? É verdade, mas não chega. O que é preciso dizer é que estava admiràvelmente bem cozinhado e que o autor destas linhas tenciona voltar ao Atrium assim que lhe sair a sorte grande. Se ele não voltar a este restaurante tão depressa, a culpa é da Santa Casa da Misericórdia mas o certo é que, dada a qualidade e a quantidade do tosão de ouro, os 56$00 ficaram justificados.

GRUNDIG

GRANDE CAMPANHA

GRUNDIG

TELEVISORES
RÁDIOS
GRAVADORES
AUTO-RÁDIOS

A.OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A * LISBOA

SEM ENTRADA FIADOR

À CLASSE MÉDICA

LISFARMA tem o prazer de comunicar que, neste momento, todo o mercado nacional se encontra devidamente abastecido das cápsulas rectais: DONARAN (Lactente, Infantil e **agora** também **Adulto**).

QUERO UMA PROFISSÃO NOVA

Tenho andado cá a pensar que o que eu quero fazer quando fôr grande é ter uma coisa que há agora e que se chama «nova profissão» que é uma coisa que se estuda não sei bem aonde mas nalgum sítio há-de ser e que serve para quem não serve para mais nada eu digo isto porque a minha prima Elvira que é uma de que eu ainda não falei porque é burra como quatro portas e que é filha do meu primo Manel do Opel que ele trocou por um Mercedes desde que se meteu a construir prédios de andares horizontais que são uns que tem as retretes todas iguais e os autoclismos todos iguais de forma que quando um chega ao fim da vida chegam todos ao fim da vida ao mesmo tempo e não lhes digo nada sim não lhes digo nada quem ganha são as drogarias que vendem desodorisantes de ambiente que são uns que a gente carrega num botão e sai de lá de dentro um vento a cheirar a pinhais ou a rosas ou a uma coisa exquisita que há chamada clorofila e que faz com que fique tudo a cheirar a desifetante mas o melhor é eu voltar à minha prima Elvira que é essa que é filha do meu primo Manel do Opel que ele trocou por um Mercedes desde que se meteu a construir prédios de andares horizontais que são uns que tem as retretes todas iguais e os autoclismos todos iguais de forma que quando ai meu Deus agora é que eu reparei que voltei ao princípio sem querer e que já ia outra vez o mesmo discurso palavra que se continuo com esta mania de dizer sempre a mesma coisa acabo na televisão tenho de tomar cautela pois essa minha prima Elvira tirou o liceusito como toda a gente menos eu que ainda não cheguei ao fim mas hei-de chegar então não hei-de chegar porquê se eu não sou pior que as outras e todas tiram o seu liceusito pois essa minha prima tirou o seu liceusito como toda a gente mas em lugar de ir para costureira ou para dactilógrafa ou para qualquer coisa honrada não senhor quis ir para a universidade para se meter em greves e coisas dessas e levar bumba no alto da cabeça desses senhores que para aí andam e que se chamam por esses telefones que para aí há com uma portinha de vidro mas a gente deve dizer a verdade e a verdade é que o pai é o meu primo Manel do Opel que ele trocou por um Mercedes desde que se meteu a construir prédios de andares horizontais, que são os que têm as retretes todas iguais e os autoclismos todos iguais de forma que lá estou eu outra vez a dizer a mesma coisa palavra que estou cada vez com mais certezas de que vou parar à televisão o que me trama é não ter cão como aqueles de que falou aquele senhor que é professor e sabe muito de cães eu se alguma vez tiver um cachorro e ele fizer chichi no tapete vou lá pedir-lhe para ele o educar sim porque se ele é professor é para ensinar coisas à gente pois quem teve a culpa dessa minha prima Elvira querer ir para a universidade foi o meu primo Manel que é esse em que estão a pensar mas eu agora não digo que ele é do Opel nem digo porque é que ele o trocou poiesse meu primo Manel é que começou com coisas a dizer que lhe convinha ter uma filha doiutora em leis porque da construção está cada vez pior e nunca se sabe quando é que irá parar a um tribunal ou então uma filha notária por causa das escrituras e mais isto e mais aquilo e que se ela não fosse capás de ir para uma coisa dessas ao menos que fosse para outra coisa porque ele já tinha posição na vida para ter uma filha doutoura e vai a minha prima Elvira fez admissão às leis e às letras e bumba chumbou e vai tirou mais não sei o quê no liceu para ir para as ciências e vai chumbou outra vez coitada que não é má rapariga mas em pequena comeu sumaúma e a sumaúma subiu-lhe à cabeça e nunca mais de lá saiu e vai andou para aí a dizer que não sabia o que havia de fazer mas há coisa duns meses o meu primo Manel convidou toda a família para jantar e deu-nos carne assada com batatinhas depois da canja e depois da carninha ainda nos deu leite-creme com canela e depois deu espumante aos grandes e botou fala a dizer que a minha prima Elvira ia tirar um curso universitário de indigestão de empresas ou qualquer coisita dessas porque era uma profissão nova que tinha muito futuro porque secalhar o Estado dava aos que se formassem uma empresasita para eles se treinarem e digerirem e que ele mal a apanhasse com uma empresa ia ao banco arranjava umas letritas e metia-lhe a empresa na construção civil e daqui a uns anos era tão importante que fazia um anúncio na televisão com um senhor sentado à mesa a tossir e um criado a dizer «sim sim é do colorau» e vendia prédios de andares horizontais e mais isto e mais aquilo de maneira que a minha prima Elvira mais dia menos dia é dotoura de indigestão de empresas que é uma coisa muito precisa mas isto ainda não é nada porque eu conheço uma chamada Mécia que está a tirar um curso superior de relações públicas também para ficar doutora e lá que aquilo está a resultar é verdade que já lhe vi oito pulseiras diferentes em três dias e quando lhe perguntei onde é que ela as tinha arranjado respondeu que tinha boas relações públicas com pessoas públicas e que qualquer pessoa com dois palmitos de cara e um cursito de relações publicas não precisava de mais nada e ainda conheço outra formada em psicologia industrial lá nessas novas profissões e que já tem uma fábrica bestial e dois automóveis sem nunca ter posto os pés no escritório e quando eu lhe perguntei se tinha aprendido no tal curso disse que não senhor que tinha aquilo tudo porque lhe tinha morrido o pai que era dono da fábrica e dos automóveis o que eu digo é que estasnovas profissões têm muito futuro olá se têm e que são mais fáceis de tirar do que os tais cursos das universidades eu digo isto porque basta ver quem os tira para se perceber que nas universidades não davam nam para a limpesa dos corredores mas isto não quer dizer que as profissões velhas já não tenham futuro não senhor ainda no outro dia vi a menina Lisette a sair dum espada bestial com um casaco de peles que até fazia lume e quando lhe perguntei se ela também já tinha uma profissão nova disse que não senhor que continuava na antiga

Guidinha

DL show

Eis uma excelente notícia: o «Canal 13»» acaba em Janeiro. Em seu lugar será apresentado um «show» semanal organizado por Carlos do Carmo, que incluirá atracções internacionais de prestígio, terá uma orquestra de vinte figuras e custará cerca de 120 contos por edição.

*

O Restaurante «Folclore» encerra as suas portas, definitivamente, no próximo dia 23. Assim, ficarão sem contrato os acorceonistas Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro, os fadistas Lídia Ribeiro, Julieta Brigue e Américo Lima, o grupo folclórico privativo da casa (ensaiado por António Gonçalves) e os guitarristas António Chaínho e José Maria Nóbrega.

Carlos do Carmo

António Mourão (45 contos mensais) continuará até 6 de Janeiro no Maria Vitória, como «vedeta convidada». Depois partirá em digressão pela África do Sul.

*

A revista que Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha estão a escrever para o empresário Vasco Morgado destina-se, afinal, ao Monumental. Entre os nomes apontados para o elenco figuram Camilo de Oliveira e Florbela Queirós.

*

A fadista Celeste Maria mudou de nome: passa a chamar-se Celeste Machado e gravou para a etiqueta «Estúdio» um 45 rotações que inclui «Deste o braço à mentira», «Amor sem coração», «A fazer horas» e «Canto tudo e canto nada».

*

Decidido: o filme de Manuel de Oiveira, «O Passado e o Presente», subsidiado pela Gulbenkian e concluído há poucas semanas, será estreado em Janeiro no Tivoli.

*

Esta niguém entendeu: o programa «Alfa 3», que a Rádio Renascença transmitia diàriamente das 3 às 6 horas da manhã, acabou, aparecendo em seu lugar «3 Ponto 6», muito semelhante ao anterior e que, pelo menos nas primeiras emissões, não ofereceu qualquer vantagem aos ouvintes habituais daquele horário.

*

Depois de «Uma Cama para Toda a Gente», vai seguir agora em digressão pela província a comédia de André Roussin, «A Querida Mamã», no momento em cena no Capitólio. Para o teatro profissional, a província continua a ser parente pobre, com o qual só se repartem as migalhas do banquete.

O grupo nortenho «Pop Five Music Incorporated» tem nova constituição. Do anterior elenco (Álvaro Azevedo, Pi Vareta, Miguel Graça Moura e Paulo Godinho), quer dizer, um «five» de quatro) saiu Paulo Godinho, que foi para o estrangeiro, entrando dois novos elementos: José João (vocalista) e Alexandre Soares (órgão e guitarra), com o que o quinteto passa a ser constiuído realmente por cinco elementos.

*

Luis Reis, jovem diplomado em pintura pela Sociedade Nacional de Belas-Artes está a rodar o seu primeiro filme de longa metragem «Eva do Século XX», com assistência técnica de Perdigão Queiroga. Os principais intérpretes são Nicolau Breyner e a estreante Margarida Prieto. Os exteriores foram filmados em Aveiro e Sintra. A estreia está preparada para Março próximo, no Vox ou no Estúdio 444.

*

Foram eleitos os dirigentes da Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra para o ano lectivo de 1971/72, a saber: José Adelino de Campos Maltez (Direito), presidente; Margarida Maria Chorão de Carvalho (Letras), João José Gouveia Capelão (Ciências), Manuel Augusto Lopes Rebanda (Direito), Anabela Sant' Ana Gandra (Medicina), Jorge Ferreira Hesse Velez (Medicina) e Jaime Henriques de Freitas Correia (Direito).

*

O dramaturgo Norberto de Avila está a concluir uma peça para ser representada pela companhia de teatro amador de Avintes, vencedora de quase todos os concursos nacionais da categoria. A peça tem por título «Paixão Segundo São Mateus» e a personagem principal é um poeta popular que escreve em verso uma «Paixão de Cristo» para ser representada na sua aldeia. Norberto de Avila assume a linguagem primitiva desse «poeta» no texto da peça.

*

O Teatro Estúdio de Lisboa prepara-se para estrear no fim da próxima semana, no Vasco Santana, o seu primeiro espectáculo da temporada, com a peça de Strindberg, «Um Sonho».

*

O realizador António Damião pediu subsídio à Fundação Gulbenkian para a produção de uma curta metragem sobre a escritora Irene Lisboa.

*

A Escola-Piloto para a formação de professores de Educação pela Arte, que vai funcionar no presente ano lectivo no Conservatório Nacional, com aulas de segunda a sexta-feira das 9 às 13 horas, principia amanhã. Os alunos matriculados podem consultar o respectivo horário, que se encontra afixado, com a distribuição das disciplinas, nos «gerais» do Conservatório.

*

O locutor Luís Filipe Costa já regressou de Londres, onde fez a cobertura do Festival Internacional de Cinema para o programa «Impacto», de Rádio Clube Português.

*

Teresa Silva Carvalho gravou um EP para a etiqueta Zip, a sair dentro de dias. São fados com música tradicional e letras de Florbela Espanca, Fernado Pessoa e Ary dos Santos.

*

A RTP costuma, na primeira noite do ano novo, transmitir um filme representantivo de certo período expressivo da produção cinematográfica nacional. Este ano deveria ser apresentado o «Camões» de Leitão de Barros. Na impossibilidade de o fazer, por motivos técnicos, a RTP oferecerá ao público «O Pátio das Cantigas», de Ribeirinho e António Lopes Ribeiro.

Vamos ouvir a ópera de "O JUDEU" cuja partitura tinha sido perdida

Um acontecimento muito significativo se verificará na noite de 28 de Janeiro próximo, no Teatro Nacional de S. Carlos: a representação da ópera «Guerras do Alecrim e da Manjerona», da autoria dos portugueses António Teixeira e António José da Silva («O Judeu»), que há precisamente dois séculos não era levada aos tablados, por se ter perdido o original da partitura.

Dizem os relatórios: «Esta ópera que foi representada no antigo Teatro do Bairro Alto de Lisboa no Carnaval de 1737, foi restabelecida e reconstituída sobre os materiais existentes e descobertos em parte por Filipe de Sousa no Palácio Ducal de Vila Viçosa. Pràticamente, desde a segunda metade do séc. XVIII,, perdera-se a partitura». Quanto ao texto isolado de «O Judeu», esse tem sido recitado em teatro e há uns anos o Teatro Experimental do Porto levou-o à cena numa encenação de António Pedro.

Tomás Ribas fala das «Guerras»

O ACHADO

Para nos esclarecermos melhor sobre o precioso achado e o notável acontecimento que vai ocorrer no decurso da temporada de ópera, procurámos o escritor Tomaz Ribas, que será o encenador da versão «completa» das «Guerras do Alecrim e da Manjerona». Começou por dizer:

— O dr. João de Figueiredo, conservador e bibliotecário do Palácio Ducal de Vila Viçosa, encontrou um maço de músicas e, por vários motivos, suspeitou tratar-se do manuscrito perdido. Mas como não era musicólogo pediu a Luís de Freitas Branco para se deslocar a Vila Viçosa e verificar da autenticidade. «O Judeu» nunca escreveu óperas no sentido tradicional, mas antes peças de teatro que continham cenas cantadas. Luís de Freitas Branco chegou à conclusão de que se tratava do manuscrito perdido, pois certas páginas incluiam a letra rabiscada. A partitura musical da parte instrumental não existia, o que se encontrou foram as melodias para piano e instrumentos simples. Luís de Freitas Branco identificou a autenticidade musical e depois Filipe de Sousa orquestrou, dentro dos cânones da ópera e utilizando instrumentos em voga na época. Por outro lado, Filipe de Sousa acrescentou mais tarde uma **Abertura** à ópera, sobre um tema final do 1.º acto encontrado entre os papéis perdidos. António Teixeira foi o autor da música de quase todas as peças de «O Judeu». As «Guerras do Alecrim e da Manjerona» foram escritas para marionetas, teatro de fantoches. O seu grande interesse histórico está em que é uma das primeiras, senão a primeira, das obras escritas expressamente para marionetas no mundo.

A ENCENAÇÃO

— Ora isto levantou-me grandes problemas de encenação — prossegue Tomaz Ribas, que já principiou os ensaios. — A primeira sugestão que me ocorreu, foi colocar os cantores e os actores no fosso da orquestra e desdobrá-los com bailarinos no palco. Mas concluí que isso era impraticável, pois o público não toleraria esse processo durante três actos em duas horas e depois, também, seria insuportável para os artistas portugueses que não aguentavam o espectáculo desta forma. Decidi-me, portanto, por um elenco de cantores, todos no palco cantando, representando e mimetizando, pois só eles são capazes de suportar o ritmo das belíssimas árias musicais. Optei por uma linha de encenação que em tudo se assemelha à de um teatro de bonifrates, embora não ó seja exactamente e muito menos um tipo de «comédia del' arte», e com o qual «O Judeu» já não tem qualquer parentesco. Isso seria um erro. Com sugestões de teatro de bonifrates, faço uma comédia musicada, estilo «vaudeville». Inspirei-me mais no teatro musicado do século XIX, precursor da opereta e apliquei-o ao tom que deliberei imprimir à encenação moderna destas «Guerras», mas sem nunca perder de vista o espírito setecentista original.

— Portanto estas «Guerras» vão resultar num misto de ópera declamada, com cenas só cantadas e cenas só recitadas, e assim num espectáculo bem pouco ortodoxo de ópera típica?

— Sim, já pela natureza pré-operática do próprio original. A peça tem três actos, com 19 números musicados, o que dá dois terços de declamação para um terço de canto. Foi necessário fazer imensos cortes executados por Filipe de Sousa, que é o director musical do espectáculo. Outro grande problema que tive de transpor na solução cénica: ao longo da peça há uma sequência enorme de cenas que decorrem ora na rua, ora dentro de casa. Para fugir ao inconveniente de abrir e fechar cortinas, para as mutações de acção, rua-casa, casa-rua, o Artur Casais, que é o cenógrafo e figurinista, concebeu um tipo de cenário, respeitando o estilo do século XVIII, que é um cenário eminentemente moderno porque representa a rua e a casa com um corte de alto a baixo, o que me permite fazer cenas simultâneas, quer as que se passam na rua, quer as que se passam dentro de casa. Ou seja, num ritmo, numa linguagem quase cinematográfica. Essa sequência de cenas é marcada com o auxílio de luzes, evidentemente. O «jogo de amor», burlesco e de crítica social em que assenta a acção da peça, é muito bem marcado pelo «satírico» dos figurinos, com sabor épocal, e pelos materiais de confecção com seu «ar» de marionetas, à base de serapilheiras, flanelas, etc. Artur Casais, numa ideia muito feliz, adaptou às indumentárias e aos cenários as cores da azulejaria portuguesa, com os seus vistosos e garridos amarelos, verdes, azuis e ocres. Esse colorido típico coloca-nos bem no setecentos da vida portuguesa.

O "crime perfeito" de Funés

Louis de Funés já tardava. Vamos revê-lo, dentro de dias, numa divertidíssima comédia de Jean Girault, «Um Buraco no Coreto», inspirada na peça americana «The Gazebo». Funés, que aparece ao lado de Bernard Blier, Michel Galabru e Claude Gensac, vê-se desta vez a braços com um defunto e... desejoso de se safar dele. Numa tal situação, já fàcilnente se imagina o que Funés é capaz de fazer. Chega ao ponto de cometer um «crime perfeito», depois de peripécias que se sucedem num turbilhão alucinante. O filme é um presente de Natal de Filmes Castello Lopes aos lisboetas.

Para os dois protagonistas, a série «Os Persuasores» é divertida e inteligente, embora seja um pouco difícil entender-lhe o real sentido.

Tony Curtis

Tony Curtis não pode dizer o que afirmava Roger Moore: «Atrai-me mais a televisão do que o cinema». Curtis, na pior das hipóteses, dirá que envelheceu, que está cansado ou que fracassou no cinema.

Mas, embora o diga, isso não é verdade. Tony Curtis, galã de sorrisos, alguns casos com estrelas, continua a ser engraçado, milionário, divertido e jovem. Jovem embora se negue a precisar a sua idade, e milionário, embora não esteja em condições de gastar muito dinheiro mal gasto. Supõe-se mesmo que antes dos «Persuasores» estava tão arruinado que, quando foi detido em Inglaterra, acusado de pretender introduzir drogas nesse país, não tinha, sequer, quatro mil escudos para pagar a fiança.

Mas o público inventa histórias divertidas que Curtis não consegue desmentir. O certo é que, vindo de um mísero bairro nova-iorquino, ele se converteu num dos ídolos de Hollywood. As suas «fans» foram primeiro as mães e depois as filhas. Agora, já maduro e sem pretender ocultá-lo, tem «fans» que usam desde calções curtos a meias negras.

- «Mas não foi fácil. Quando cheguei a Hollywood era um ignorante. Toda a gente me dizia: És um rapaz inculto, um tipo sem sentido. Era o mais torpe dos vinte mil candidatos para fazer carreira no cinema. E foi assim que me fui cultivando e, um dia, decidi lançar-me à conquista de um lugar cimeiro. O que outras pessoas faziam também eu podia fazer. Estou a pensar em Cary Grant e em Errol Flynn, que eram os meus ídolos.»

- Porquê Cary Grant?

- «Foi um lindo dia aquele em que nos tornamos amigos, porque eu tinha aprendido com ele. Cary não conseguiu o «Oscar», e está retirado, mas é um actor maleável, um puro espectáculo. Não sei de ninguém que diga ter-se aborrecido em qualquer dos filmes de Grant. Foi por isso que decidi tomá-lo como exemplo e passei a ver os seus filmes vinte e trinta vezes. Quando rodei «O Estrangulador de Boston» pensei nele. Tinha havido problemas com o produtor na hora de escolher os actores, e estou convencido que Cary Grant teria feito muito bem o papel. Por fim os heróis, ou os anti-heróis, foram o Henry Fonda e eu. Fonda também é uma excelente pessoa».

- Dir-se-ia que não tem inimigos!

- «Nao gostaria de tê-los, mas devem andar por aí. Quando se tem êxito, alguns sujeitos não perdoam o Rolls-Royce, nem a mulher, nem a fama. Durante muitos anos atacaram-me impiedosamente nas colunas dos jornais. Escreviam: «Curtis não é um actor, é um objecto». Por isso «O Estrangulador» foi importante, pois mostrei o que era capaz de fazer.»

- Antes não?

- «Antes também, mas tem que se saber o que é Hollywood para me perceber. Hollywood exportava o meu físico, não o meu talento. Sem dúvida que considero ter estado bem em filmes como «O Caminho do Século» e «Adeus Charlie». Sucedeu, também, que o público estava acostumado à minha felicidade com Janet Leigh e não percebeu as razões do divórcio.»

- Isso pode ser uma desculpa fácil. O público não é mais o de antes.

- «Quem disse? O público continua desfilando pelos cinemas que apresentam Marylin Monroe, ou Humphrey Bogarth, ou Sophia Loren, ou Elizabeth Taylor, ou Paul Newman. O público abre a boca quando lhe perguntam o que pensa de Richard Fleisher ou de Zurlini, ou quem quer que seja. As mulheres acorrem às películas com a mesma mentalidade que as levou a ver «E Tudo o Vento Levou». Em determinado momento abstraem-se do filme para dizer: «Que músculos formidáveis», ou: «Que tipo mais encantador!»

- Mas...

- «Mas os críticos (por quem tenho respeito) e a cultura estão transformando esta visão, e parece-me bom que assim esteja a acontecer.»

- Em que é que «Os Persuasores» ajudam a transformar essa visão?

«Em nada. «Os Persuasores» é um divertimento com uma audiência de quinhentos milhões de pessoas. O cinema, como

"OS PERSU

15 milhões de telespec

TONY CURTIS

o Persuasor» de Hollywood:

«Talvez acabem por entender que nesta série há uma ampla dose de crítica social».

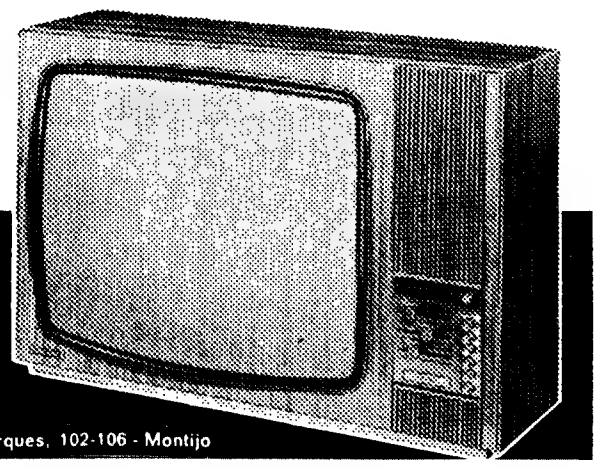
espectáculo, também deve entreter, e «Os Persuasores» é uma boa série. Creio que é uma série inteligente e na qual é um pouco difícil entrar. Em «Os Persuasores», para além dos socos e dos «flirts», há uma boa dose de crítica social. Talvez o resultado não seja muito claro, mas estou seguro da eficácia.»

Roger Moore

Roger Moore é bastante conhecido. Em certas ocasiões acontece que as suas palavras destroem a imagem que estamos habituados a ver, mas trata-se, apenas, da diferença entre o personagem e o intérprete.

Roger Moore, disfarçado de cavaleiro da Idade Média, de «Santo» ou de «persuasor», é o mesmo. A sua personalidade é tão definida que se contam pelos dedos da mão os ingleses que representem tão bem o Reino.

Moore, de quarenta e quatro anos, com um espírito de humor impagável, apresenta diferentes caras nos momentos

Compre agora o seu TV
ÚLTIMO MODELO
nos estabelecimentos Cancela
Beneficie do novo sistema de pagamento
e receba GRÁTIS 1 corte de fato
GRUNDIG

estabelecimentos Cancela CALÇADA DO COMBRO, 17 a 31 · LISBOA
FILIAIS: Avenida D. Afonso Henriques, 20 - Almada — Av. Combatentes da Grande Guerra, 85-B - Algés — Rua José Joaquim Marques, 102-106 - Montijo

ASORES"

tadores por semana

ROGER MOORE

O «Persuasor» de Londres:

«Tony e eu somos tão bons amigos que desconhecemos os ciúmes profissionais».

em que tem de enfrentar o público. Por um lado, em virtude dos personagens que interpreta, não se nota que envelhece. Por outro, vítima de um acusado complexo de timidez, deseja que a sua inteligência brilhe mais que as suas virtudes corporais.

__ «Claro que me considero um homem atraente. Um dia um produtor viu-me na rua e pagou-me os estudos de arte dramática. De outra vez pagaram-me bem para fazer do modelo. A acrescentar a isto tenho, ainda, quatro casamentos e numerosos devaneios eventuais. Sem dúvida que se fosse só meu rosto que tivesse importância poderia dar um tiro em mim próprio.»

__ Não obstante, você triunfou no cinema pelo físico.

__ «Ah! Agradeço muito que me fale de triunfo, mas deveria, antes ter dito televisão e não cinema. No cinema não fui muito bem. Hollywood era uma cidade estranha. Eles tinham medo dos ingleses. Suspeitavam que íamos de dicionário na mão para lhes ensinar a pronuncia correcta. O medo era tão vincado que queriam obrigar-me a falar como John Wayne.»

__ E conseguiram?

__ «Não. Suponho que não. Dir-lhe-ei, contudo, que mesmo para representar o papel de personagem da côrte de Inglaterra me suplicaram para falar como Wayne. Mas isto não foi o pior. Durante a minha época em Hollywood, os «guiões» estavam de folga e os produtores viam-se loucos com as ideias. Scott Fitzgerald descreveu muito bem este ambiente.»

__ Partiu por causa disso?

__ «Nunca gostei de partir, fosse de onde fosse. Nem sequer dos funerais a que ia. Enquanto estou bem sentado deixo a pele e só depois me levanto. Acontece, porém, que eu era novo e descobrira a força da televisão.»

__ Como se deu a sua entrada na televisão?

«Mediante uma série de telefilmes, naturalmente. Os acontecimentos passavam-se no Alasca e nós não saíamos dos estúdios. Havia penas por toda a parte. Para rodar as sequências da neve receei que tivessem caçado todos os patos do Mundo.»

__ Não houve fracasso de qualquer espécie na passagem para a televisão?

__ «Não. A minha juventude tinha-me despertado a curiosidade de interpretar uma história perante quinhentos milhões de espectadores, mas o êxito só teve credenciais quando foi o «Santo». Quando li as novelas de Leslie Charteris, identifiquei-me plenamente com a personagem. Pensei que a série havia sido escrita para mim. Chegámos a um acordo e começaram as rodagens.»

__ Deve alguma coisa ao «Santo»?

__ «Pagámo-nos mùtuamente. O «Santo» ajudou-me, e eu dei-lhe um empurrãozinho. Os livros de Charteris venderam milhões de exemplares graças à série.»

__ Suponho que não se passa o mesmo com «Os Persuasores»...

__ «Os Persuasores» têm uma outra história. Sei que Curtis goza de maior reputação que Moore, mas a ideia foi minha. De tal modo somos amigos, Tony e eu, que ignoramos os ciúmes profissionais. Quando a câmara o persegue apenas a ele, atiro-lhe piadas, e quando sou eu que actuo sózinho, é ele quem mas dirige. Estou muito satisfeito por contar com a ajuda de Curtis.»

__ Sem dúvida, esta nova série não goza de tão grande popularidade como o «Santo».

__ «Digamos que é mais complexa. Os norte-americanos riem-se muito, e os ingleses também. O êxito é menor nos países estrangeiros. Mas tudo se remediará. Introduzimos algumas modificações nos roteiros e estamos certos que resultarão.»

NORMAN MAILER

faz filmes

Norman Mailer viu-se sempre a si próprio como um romancista um romancista americano, talvez o único capaz de calçar os sapatos de Fitzgerald ou, quer ele queira, quer não, os de Hemingway. Mas à medida que mergulhava na noite escura daquilo a que o homem ocidental chama «meia-idade», o seu cérebro ia-se toldando com tanto Bourbon, a sua cintura ia alargando com tantas refeições exóticas e o seu espírito ia-se consumindo com tantas mulheres que se intitulam a si próprias de suas esposas que Mailer começou a imaginar que não, não senhor, não escreveria o Grande Romance Americano e, se não o escreveria, ninguém mais o poderia fazer.

Assim, Mailer tornou-se Jornalista. Não um jornalista como a maior parte dos jornalistas, não um repórter batendo à máquina notícias impessoais, mas um observador militante que diria **como fora** e, para Mailer, isso era como se fosse um romance. Sim, ele revelaria a verdade subterrânea dos mais significativos acontecimentos de hoje com as armas de um romancista, através do engenho e da arte de um Romancista. E assim ele tem feito, como hoje mais ninguém sabe fazer. Mas pouco depois de descobrir o Jornalismo, Mailer descobriu o Cinema.

Desta vez não foi a masturbadora musa de Hollywood que lhe devorara dois dos seus melhores romances, não **esse** cinema, mas o «novo» cinema, o cinema do «underground», o cinema de Fellini e Godard e, até possìvelmente, o cinema de Warhol.

E assim, Noman Mailer, o alcoólico ex-Romancista, Jornalista **part-time**, tornou-se Mailer, o realizador de cinema ou para soar melhor, Mailer, o **Film-maker**.

Um fazedor de filmes que levaria o filme na direcção totalmente oposta à seguida pela sua própria escrita e eis como neste arrolamento de factos __ cuja semelhança com uma crítica de cinema é uma espantosa coincidência __ surge, cronològicamente certa, a filmagem da ficção no estilo do cinema-verdade, primeiro com **Wild 90,** um trabalho estragado por uma banda sonora incompreensível, e depois com **Beyond The Law,** um relato feroz, selvagem e divertido de uma noite numa esquadra de Polícia em Nova York.

Finalmente, Mailer sentiu-se suficientemente confiante para criar um filme a sério e, assim, nasce **Maidstone,** um filme que choca pela originalidade do seu conceito, pois foi concebido como se se tratasse de uma verdadeira operação militar, com determinados objectivos a conquistar e com o seu exército de amigos em movimento.

Em **Maidstone,** o próprio Mailer desempenha o papel do maior realizador de cinema vivo da América, empenhado na realização do seu primeiro filme de grande orçamento e, simultâneamente, embarcando numa corrida para a Casa Branca (é bom não esquecer que é o mesmo Mailer que foi derrotado duas vezes nas eleições para **Mayor** de Nova York).

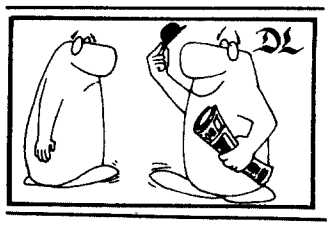
O enredo beneficia de mais complicações que lhe são fornecidas por uma conspiração de assassínio e por um irmão louco. Para se assegurar de que **Maidstone** não ficava a sofrer das deficiências técnicas que estragaram os seus primeiros filmes, Mailer soube rodear-se de operadores como Leacock e Pennebaker, Jan Welt e o casal Dianne e Sheldon Rochlin. E deu-lhes a liberdade de fotografarem e filmarem à vontade aquilo que decorreria no **happening** que é o filme e que durou, exactamente, quatro dias.

De Londres escreve JOAQUIM LETRIA

Para desempenhar o papel de irmão, Mailer escolheu Rip Torn, que teve de contribuir com o clímax da película, representado no seu violento ataque físico a Mailer. Quando tudo terminou, Norman estava convencido que tinha criado uma nova forma de Arte, apesar de agradecido a Godard, Warhol, Bunuel, Antonioni e Fellini; sentia, pelo menos, que tinha descoberto a única forma de se analisar a diarreia mental do homem do século XX.

Mas o general Mailer __ como se chama agora a si próprio __ acabou por reconhecer que era necessário ver-se **Maidstone** pelo menos 10 vezes para se entender todo o seu valor intrínseco.

Modestamente, sou forçado a proclamar que este filme audacioso, estranho, bastante divertido e por vezes genial merece ser visto no mínimo uma vez; se o leitor vier a Londres, não perca. Acabou de se estrear no Electric Cinema Club



ASSISTÊNCIA OFICIAL
FIAT

Assistência rápida, incluindo as revisões grátis: abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira, 62-A — Tel. 844169

HOSPITAIS

CIVIS DE LISBOA

Concurso de provas práticas para oficiais de 2.ª classe de oficinas (especialidade de Serralheiro)

Nos Hospitais Civis de Lisboa, encontram-se abertas as inscrições até ao dia 13 de Dezembro próximo, para o concurso de provas práticas para oficiais de 2.ª classe de oficinas com a especialidade de Serralheiro.

Os interessados deverão obedecer às seguintes condições:

a) Idade: mais de 18 e menos de 35 anos;

b) Habilitações literárias: 2.º grau da instrução primária.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Selecção um problema de liderança

Gomes da Silva gosta de errar

Texto: SANTIAGO CASAL

Bem feitas as contas, o que valemos realmente no panorama do futebol europeu e mundial? A avaliar pelo que estamos a fazer desde 1966, muito pouco. Isto no plano imediato da aferição dos resultados. Mas, para além desta crua realidade, talvez haja outros pormenores a observar.

Antes de mais nada, um pequeno balanço: a selecção nacional não foi capaz de superar uma primeira etapa do campeonato europeu em que os seus mais fortes adversários eram os medíocres belgas, que só existem como potência futebolística na imaginação do dr. Gomes da Silva e de alguns cronistas do «stablishment» futebolístico, capazes de encher vinte laudas pernósticas sobre um Tirsense-Boavista; Porto, Académica e Sporting foram ràpidamente rechaçados das actuais competições europeias; e o Vitória de Setúbal, com todos os seus internacionais, foi a Arad tomar uns humilhantes três a zero do Riopele romeno. Uma coisa destas desanima até o mais lunático.

EXCURSÕES

Nesse entretanto, o Porto vai ao Brasil e regressa invicto depois de quatro jogos em duas semanas, nos quais enfrentou até o calor tórrido de Manaus e de Belém do Pará. Que quer isto dizer? Ou melhor perguntando: significará isto, efectivamente, alguma coisa?

Sabem como é: a Académica também regressou invicta de uma excursão ao Brasil no ano passado, houve quem embandeirasse em arco, soltaram-se os foguetes habituais, mas a valia internacional do «team» coimbrão continua a ser secundária. Na hora da verdade, quando se trata de competição para valer, logo vem ao de cima um amadorismo que não se fez para longos vôos na alta roda do futebol mundial. Como disse uma vez um director do Botafogo ao excelente Afonsinho: «Olha, velho, ou você joga à bola ou tira o seu curso de médico. As duas coisas ao mesmo tempo é que não pode ser». Afonsinho não abriu mão do seu curso, foi parar no Olaria e agora é um dos muitos que ajudam o Vasco da Gama a disfarçar com um presente de mentiras um passado de glória.

Os «teams» que o Porto enfrentou no Brasil não espelham, nem de longe, o futebol que cometeu a façanha de se sagrar tricampeão mundial: o Vasco é uma colcha de retalhos a que nem Paulo Amaral, com o seu sentido disciplinador, conseguiu impor um mínimo de ordem; o Fast e o Nacional de Manaus equivalem, em termos brasileiros, a «teams» de terceira ou quarta divisão; e a seleção de Belém do Pará não tem, no momento, um só jogador que possa interessar ao Vitória de Guimarães, cliente habitual da feira da ladra nordestina.

Não quero ser desmancha-prazeres. Mas a verdade é esta. E ainda no domingo se viu, nas Antas, que o Porto continua com gravés problemas de estrutura, embora dispondo de três ou quatro «craques» autênticos (um Flávio, um Rolando, um Pavão).

Voltamos, portanto, ao princípio: hoje por hoje, o que é que valemos no concerto internacional? O terceiro lugar no «Mundial» da Inglaterra foi um acaso? O Benfica duas vezes campeão europeu e duas vezes vice-campeão mundial, outro acaso? Certos confrontos ao nível de clubes, por esse mundo fora, outros tantos acasos?

OBSTINAÇÃO

Não ter um futebol de primeira ordem note-se em tempo, não é vergonha para ninguém. Os noruegueses são uns **pernas-de-pau** em matéria de futebol e nem por isso se consideram uns desgraçados. E a Alemanha Oriental demonstrou recentemente, nos campeonatos europeus de atletismo, que há coisas muito mais fecundas e significativas para uma nação do que ter um Pelé, um Garrincha ou um Jairzinho.

Mas como é de futebol que estamos tratando, pois tomemos o futebol a sério. E falemos de futebol sem falar de futebol propriamente dito, isto é, de jogadores, de técnicos e de tácticas, mas de certos estados de espírito ou de conhecidas debilidades de liderança.

Por exemplo: o Sr. Gomes da Silva. O nosso prezado seleccionador disse, depois do Portugal-Bélgica (está nos jornais, pode ser confirmado pelos interessados), que, se lhe fosse dado voltar atrás, teria feito exactamente o que fez. Um homem de convicções firmes merece respeito. Mas um homem que sabe reconhecer os próprios erros também o merece. Todos viram que a selecção não teve acção atacante pela esquerda, que a defesa jogou em linha (João Saldanha chama-lhe «linha burra», que Eusébio não tinha condições físicas e anímicas, que Malta da Silva foi pèssimamente substituído, que José Mendes não vale um Adolfo, que José Torres foi um decepcionante «filho pródigo» (se jogasse no Marinhense, teria sido convocado) e que Damas não oferecia confiança para um jogo tão decísivo. E aí vem o seleccionador e diz orgulhosamente: «Teria feito exactamente o que fiz se pudesse começar tudo de novo».

Ai é? Pois olhe o Sr. Gomes da Silva que os jogadores entraram em campo com o mesmo ânimo com que Costa Ferreira encenou «A Salvação do Mundo». Explico melhor: Costa Ferreira sabia ter em mãos uma «lenga-lenga interminável?(como disse o crítico Carlos Porto), com a qual era inútil tentar obter bom teatro, um teatro capaz de chegar à plateia.

Também os jogadores sabiam que a selecção era ruim e o «texto» (ou as instruções de Gomes da Silva e Pedroto) piores ainda. E entraram em campo batidos, sem garra, sem imaginação, subjugados pela certeza de que com Eusébio adernado para estibordo e um «apadrinhado» incluído em cima da hora, para evitar a grita geral, a coisa tinha mesmo que dar para torto. Como deu e como voltará a dar sempre que tais factos se repitam.

Os melhores (e nem vale a pena citar Rolando) não foram a campo. Um Arnaldo, que seria certo se pertencesse ao Vitória de Setúbal, nem foi citado como hipótese. Então nós ficamos sem saber se valemos o que se viu na Luz e em Bruxelas (com outro «apadrinhado», Rebelo, a oferecer golos) ou se valemos um pouco mais do que Pedroto faz crer.

De 1966 para cá, chegamos a ficar abaixo da Grécia, da Bulgária, da Bélgica. Perdemos em casa para a Suécia um jogo que era altamente decisivo para confirmar ou desmentir as façanhas dos «Magriços». Acumulamos as exibições decepcionantes, caímos no culto dos «heróis», esperamos milagres mesmo quando tudo estava ao alcance de um planeamento afinal sacrificado ao empirismo habitual.

PORMENORES

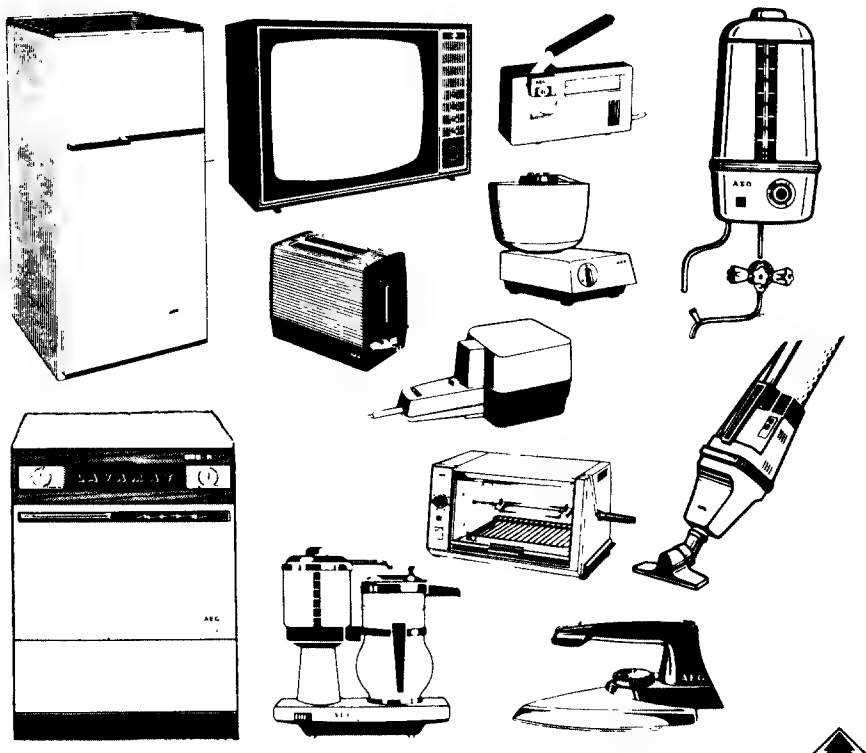
Falamos em pormenores. De facto, há pormenores que devem ser exaustivamente observados, discutidos, repisados. Por exemplo: o guarda-redes Joaquin Torres, do Vitória de Setúbal, chegou a ser suplente de Damas, nesta fase eliminatória do Campeonato Europeu, e agora é suplente de Vaz no seu próprio «team». Como é que chegou à selecção? Erro de avaliação de Pedroto? Por não haver ninguém melhor naquele momento? Ou, simplesmente, por pertencer ao mesmo clube do seleccionador, o mesmo clube que se apresentou na Coreia com um «team» só de internacionais, uma autêntica «selecção portuguesa», como rezava a publicidade?

Deixaremos sem resposta as perguntas iniciais. Que cada um a dê como melhor lhe aprouver. Mas não é por cada um de nós se sentir um seleccionador que todos sentimos que a selecção não tem sido uma representante genuina do real valor do nosso futebol. Valemos um pouco mais. Valemos, sem dúvida, mais do que a Grécia ou a Bélgica. E se esta nos passou à frente, é caso para fazer sentar o Sr. Gomes da Silva no banco dos réus, mais as «forças ocultas» que lhe impuseram aquele arremedo de selecção a que os belgas chamaram um figo.

sensacional! oportunidade!

adquira agora
nas melhores condições de preço
o material da consagrada marca

AEG-TELEFUNKEN



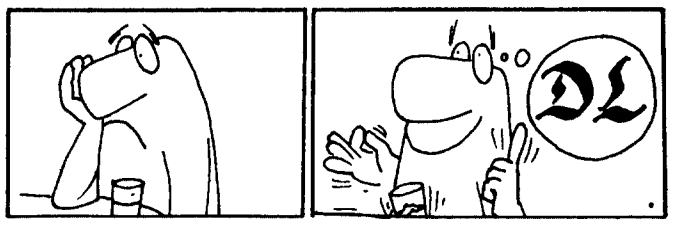
AEG TELEFUNKEN

Novo sistema de pagamentos.
Visite hoje mesmo os:

ESTABELECIMENTOS Cancela

CALÇADA DO COMBRO, 17–23–LISBOA
AV. COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 85–ALGÉS

ATRIVM
PARA VOS SERVIR
SELF SERVICE
SNACK BAR
Rua de S. Julião



GOLFE: uma pancadinha na bola

Upa-la-ursa, anda, Maria...Olha a vadia, onde foi parar!... Desolado, o sr. Celestino, abanando a cabeça e contraíndo o rosto comido, avermelhado (**a bebida ainda é a melhor companhia**, dirá depois) foi consolar o Augusto Paulino, azarento na tacada, pois a pequena bola branca ficou longe do buraco. Contigências do golfe.

Mas o que é isso do golfe?

Bom, isto feitas as contas, consiste em meter a bola nos buracos com o menor número de «pancadas» possível. Quem assim fizer é que ganha.Claro que é preciso muita prática, muita tacada e também muita calma. O bom jogador nem deve dar conversa ao adversário, para não se enervar, senão nem acerta com o buraco. Os buracos podem ser 18,20 ou 30, conforme se combinar. Uns 20 buracos dão aí quatro horas e cinco quilómetros de percurso. E, se mais houver, mais quilómetros e tempo haverá também. Eu já vou preparado com duas bananas e duas costeletas. Estes (os jogadores) não levam que petiscar. É lá com eles. Fome é que não passo. Só tenho pena de não levar uma garrafita. É que ela, aqui no saco, se vai de encontro aos tacos, parte-se.Não pode ser, paciência...

O golfe tem a sua beleza, é certo. Mas, imagens destas dão-lhe (indubitàvelmente) outro colorido

A bola já desapareceu no buraco. Tocou-a António Garrido, espanhol, um dos mestres do golfe. A seu lado o «caddie», a observar

«...Olha-me o vento, ovento, dá-lhe o desconto, mais à esquerda...» O sr. CELESTINO (homem do saco) orienta o Augusto Paulino

A bola partiu. Jogadores e «caddies» observam o seu vôo. Ficou longe, ficou perto? Um buraco e uma bandeira definem a «pancada». Se foi boa, se foi má

O sr. Celestino Soares, de 45 anos (eu dava-lhe 60), vive do golfe e para o golfe desde os 13 anos. É um «caddie» (o homem do saco). Há três espécies de «caddies»: **amarelos** (vestimenta amarela) de 18 buracos; **encarnados,** de segunda, ganham 35 escudos à «volta»; e uma outra categoria, sem farda específica, e cujo vencimento depende do critério do jogador a quem transportam os tacos.

O sr. Celestino é um «caddie» amarelo e já foi profissional do golfe. Aliás, os profissionais são muitas vezes antigos carregadores de sacos, cujo contacto permanente com os tacos, bola e campos de jogo os leva a fazer do golfe o «pão nosso de cada dia». Isso aconteceu com o **nosso homem** que acabou por voltar à primitiva profissão: carregador de tacos. E sabem quantos tacos há em cada saco? Nem mais nem menos de 15. Dez com base metálica e cinco com base de madeira.

O CATEDRÁTICO

Mas continuemos a ouvir o sr. Celestino, um «catedrático» do golfe:

Os tacos são bastantes porque a posição da bola ou os tacos onde ela vai parar o exigem. Por exemplo: este aqui é o «Driver» ou «Moca I». É o das pancadas para muito longe. Dá para mais de 400 metros. Aquele ali, com que o Augusto vai jogar agora, é o «Puter» (ou »Marreco»). Serve para jogar mesmo para o buraco, pois é o que atira mais rasteiro e com maior segurança. Este é o número 5 (o «Mexe») e é pr'a se aprender a jogar. Aquele é o «Estaline»(N.º 7) que dá para tudo, pancadas curtas e compridas. Este é o «Mussolini», um taco especial, muito grande, parece uma pá de rancho. É para as pancadas difíceis, na areia, por exemplo. Há quem lhe chame

Texto: EUGÉNIO ALVES Fotos: ANTÓNIO CAPELA

o «Saca-Ratas». Temos ainda o «Gordo» (N.º 2) e o «Semi-Gordo». São 15 ao todo, veja lá. Quem tinha piada a jogar esta coisa era um coronel escocês, já reformado, com quem eu andei aqui há tempos. Trazia sempre uma garrafa de «whiskey». Mas não se lembrava de mim. Eu tinha de me contentar com o tinto ou com uma cervejita de vez em quando. De qualquer modo, não era dos piores, pois não andava sempre a correr, e podíamos encostar e comer à vontade. É que são muitas horas seguidas a «DAR À PATA» e eu já não sou muito novo...

O CIGARRO

O Augusto Paulino tem 24 anos e é um dos dez profissionais portugueses que concorreram ao «17.º Campeonato Aberto de Portugal», patrocinado por 46 firmas e entidades, com 117 concorrentes (48 amadores e 69 profissionais). Portugueses, apenas 29; para 56 ingleses (36 profissionais), 18 espanhóis, 4 americanos, 4 suecos, um belga, um italiano e 2 dinamarqueses. O primeiro dos profissionais ganhou 100 contos, o segundo, 40. Os dois primeiros amadores receberam taças de prata. Só os amadores pagaram taxa de inscrição: 200 escudos.

O Augusto, cigarro nervoso a enganar o frio e a buscar a calma, procurava apenas uma boa classificação:

Vim de Moçambique há sete meses.

Estive em Mueda, por isso estou um bocado atrasado na forma. Os ingleses e espanhóis têm normalmente melhores possibilidades, pois treinam mais, entram em mais torneios e além disso são mais bem pagos. A nós, o que nos vale são as lições (100 escudos à hora) pois isto de campeonatos só dá se conseguirmos uma boa classificação. O que não é certo: pode calhar ou não.

É a sua vez de jogar. O buraco (desta vez) está a 190 metros. Celestino passa-lhe o «Semi-Gordo». Celestino é também uma espécie de orientador para o Augusto Paulino. É ele quem escolhe os tacos, e quem indica a melhor posição da bola para as «pancadas» a grande distância. Tem muitos anos de golfe, a carregar e a jogar. Conhece todos os segredos do jogo:

Deita o cigarro fora, Augusto. Olha-me o vento, mais à esquerda, dá-lhe o desconto. Tem a mania de fumar por tudo e por nada, e se não o aviso até joga com o cigarro na boca. Olhe aí o espanhol, repare nele, nunca fuma um cigarro durante o jôgo. E é um dos melhores jogadores do Mundo.

Augusto segue todas estas recomendações. Ele sabe da experiência do seu «caddie», bom golfista durante muitos anos. O adversário é de respeito. E o espanhol António Garrido, campeão do seu país em 1969 e que, neste torneio, foi o segundo classificado com menos um ponto do vencedor, o inglês Platts. Garrido já o ano passado foi o segundo classificado neste campeonato e pertence ao clube madrileno **Somosaguas**, onde joga há cerca de 10 anos. Ele quase não fala. Só quando a coisa não lhe corre bem, ou quando felicita o Paulino por uma boa jogada, é que ele **embrulha** duas ou três palavras. Porquê?

Gosto de andar permanentemente concentrado, enquanto jogo Além disso, quando era miúdo quis, por guiodice, mexer numa frigideira com azeite fervente, e o resultado foi esta cicatriz aqui na boca e que me dificulta um pouco a fala. Gosto de jogar aqui no Estoril. Os «greens»(relvados onde se localizam os buracos) são bons e os prémios tentadores.

AS BANHAS

E os amadores? Quem são e por que jogam? O sr. Celestino explicou:

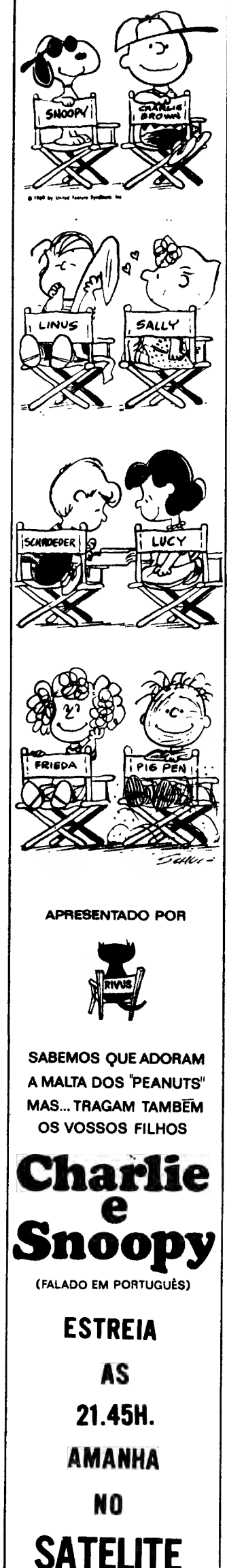
São pessoas com dinheiro. Fazem isto por gosto. Alguns são muito bons, sobretudo os mais novos como o sr. Lara de Sousa, o sr. Nuno Brito e Cunha, o sr. Gancedo. Mas, aos mais velhos, sobretudo aos ingleses (foram eles que fundaram «isto») serve é para derreter as banhas. Anda-se bastante. São horas e horas. É um exercício «porreiro». Está a ver, eles vêm lá de longe, só gastam dinheiro, pagam a inscrição e o mais que podem ganhar é umas taçazitas. Mas lá que fazem exercício fazem. Há dias que são quilómetros a andar. É quando há 36 buracos ou mais.

Também andei um bom bocado. O António Garrido e Augusto também dei umas «pancadas». E gostei. Qualquer dia há outro cliente para o golfe. Mas só aí para uns dez buracos. Mais do que isso é abusar das pernas e do estômago. Só se fizer como o amigo Celestino: umas bananas e umas costeletas. E uma garrafita, claro.

Uma bola á procura do buraco. Ninguém pode falar enquanto ela não entra. Silêncio total

A bola já passou. A meta agora é o «green», para as pancadinhas finais. Eles aí vão, a calcorrear mais umas centenas de metros. Que chegam a ser quilómetros...

Os heróis infantis com problemas adultos



APRESENTADO POR

SABEMOS QUE ADORAM A MALTA DOS "PEANUTS" MAS... TRAGAM TAMBÉM OS VOSSOS FILHOS

Charlie e Snoopy

(FALADO EM PORTUGUÊS)

ESTREIA AS 21.45H. AMANHA NO SATELITE

GRUPO A (para todos)

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritorio do Distrito de Lisboa

COMUNICADO

Não tendo a Assembleia Geral convocada para 30 de Novembro de 1971 concluído os seus trabalhos, comunica-se que a mesma continuará no próximo dia 7 do corrente, às 21,30 horas prefixas, para e votação do Orçamento ordinário para 1972, nas instalações deste Sindicato, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-º em Lisboa.

No decorrer da sessão realizada em 30 de Novembro, foi aprovado por unanimidade o Orçamento suplementar de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

JAIME FRANCO

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971-1972

DOMINGO — 16 HORAS

ÚLTIMA AUDIÇÃO DO 4.º CONCERTO

Pastoral, de Ivo Cruz
1.º Concerto para Piano, de Liszt
Burlesca para Piano, de R. Strauss
Pássaro de Fogo, de Strawinsky
MAESTRO: Silva Pereira
PIANISTA: Sérgio Varella Cid (Grupo A/6 anos)

5.º CONCERTO

16 de Dezembro de 1971 - 21.45 h. - (Grupo B/10 anos)
19 de Dezembro de 1971 - 16 h. - (Grupo A/6 anos)
3.º Concerto Brandeburguês, de Bach
Concerto para Piano e Orquestra, de Armando José Fernandes
7.ª Sinfonia, de Beethoven
MAESTRO: Manuel Ivo Cruz
PIANISTA: Nella Maissa

6 CONCERTO

29 de Dezembro de 1971 - 21.45 h. - (Grupos B/10 anos)
30 de Dezembro de 1971 - 18.30 h. - (Grupo A/6 anos)
3.ª Sinfonia, de Brahms
Círculo para Orquestra (1.ª Audição), de Álvaro Cassuto
Concerto para Viola, de Bela Bartok
MAESTRO: Alvaro Cassuto
VIOLA: Ana Bela Chaves

BILHETES À VENDA NO TEATRO DESDE 12$50

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE TEATRO 1971-72

Todas as noites, às 21.30 horas (Grupo B — 18 anos)

A SALVAÇÃO DO MUNDO

DE JOSÉ RÉGIO
Encenação de COSTA FERREIRA
Cenários e Figurinos de ARTUR CASAIS
ELENCO
(por ordem de entrada em cena)

JOÃO LOURENÇO — ALVARO BENAMOR — JOAQUIM ROSA — ROLANDO ALVES — HUGO CASAIS — EUNICE MUÑOZ — MARIA DE JESUS ARANDA — LUIZ MACHADO — CARLOS CABRAL — BAPTISTA FERNANDES — MÁRIO SARGEDAS — BRANCO ALVES — VICTOR DE SOUSA — CARLOS SANTOS — FERNANDA FIGUEIREDO — ANDRADE E SILVA — GILBERTO GONÇALVES — COSTA FERREIRA — DÁRIO DE BARROS — MARIA JOÃO GALOPE — JORGE DE SOUSA COSTA

5.as-Feiras — Dia de Descanso da Companhia

Bilhetes à venda, no Teatro, de 15$00 a 30$00

Dia 5, às 16 horas — CONCERTO PELA ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
dirigida por Silva Pereira — Solista Sérgio Varella Cid

NOVO COMPLEXO DE FERTILIZANTES EM ESTARREJA

EXPANSÃO DO AMONÍACO PORTUGUÊS

Realizou-se na Sede do Amoníaco Português a recepção das propostas formais para a Empreitada de Engenharia e Construção do Complexo de Fertilizantes - Estarreja III, na presença do Presidente do Conselho de Administração da Empresa, Dr. Lopo Cancella de Abreu, do Administrador-Delegado, eng.º João Paulo Castello Branco, pessoal superior da Empresa e das delegações dos concorrentes que são os grupos ENSA-PEC Engineering, de França, a Vöest-Continental - Engineering, Austro-Holandes e a firma SIM-CHEM Limited da Gran-Bretanha.

Em representação das empresas concorrentes assinaram o documento de recepção os Senhores Pierre Couroucé, Norbert J. Jochum e A. R. Johnson e em nome do Amoníaco Português o Dr. Lopo Cancella de Abreu e Eng.º João Paulo Castello Branco.

O despacho governamental de 27 de Maio de 1970 considerou que, dentro do esquema geral de desenvolvimento das indústrias químicas básicas, era de grande interesse para a economia nacional que o Amoníaco Português apresentasse urgentemente um pedido para a produção de adubos destinados ao mercado interno, nomeadamente sulfato de amónio, diluições nítrico amoniacais, adubos compostos e eventualmente outros produtos subsidiários.

Em consequência, o Amoníaco Português apresentou o pedido correspondente em 31 de Julho de 1970, tendo como objectivo principal o completo abastecimento do Norte e Centro do País em adubos de todas as qualidades requeridas. Esse pedido obteve despacho favorável em 14 de Janeiro já do corrente ano.

Foram iniciadas imediatamente consultas de qualificação a cerca de 30 firmas com a quais já havia contacto. há alguns meses. Após uma fase de intensa e cuidada selecção, enviaram-se em 15 de Junho passado, consultas formais às três firmas e grupos referidos que apresentaram agora as suas propostas.

O Amoníaco Português prevê adjudicar a empreitada no período de cerca de dois meses, devendo os trabalhos iniciar-se no primeiro semestre do próximo ano.

REUNIÃO DE PAIS EM COIMBRA

COIMBRA, 6 — Na Escola Primária n.º 2, na Avenida Sá da Bandeira, realizou-se uma reunião de pais dos alunos que decorreu em ambiente de grande interesse.

Compareceram cerca de 160 pessoas, que observaram a exposição de trabalhos feitos pelos alunos neste primeiro período de trabalho escolar e, depois, a directora da Escola fez a apresentação de todas as professoras, explicando os motivos que justificavam a realização da reunião, referindo-se a obrigatoriedade de frequência, pontualidade, faltas, Caixa Escolar, seu funcionamento, etc.

Por fim, cada um dos presentes falou, em particular, dos seus filhos com o professor respectivo, inteirando-se do grau de aproveitamento.

DUCELLIER

DBA

BUZINAS

DE 2 e 3 CORNETAS
6 e 12 volts

AUTO~LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

MORADIAS NUMA NOVA ZONA RESIDENCIAL EM CASCAIS

preços desde 380 contos

NOVA ZONA RESIDENCIAL DE MURCHES – CASCAIS
COM MORADIAS TOTALMENTE CONCLUÍDAS E PRONTAS
A HABITAR BEM SERVIDAS DE TRANSPORTES
COLECTIVOS E COMÉRCIO
LINDO PANORAMA E
VISTA DE MAR E SERRA

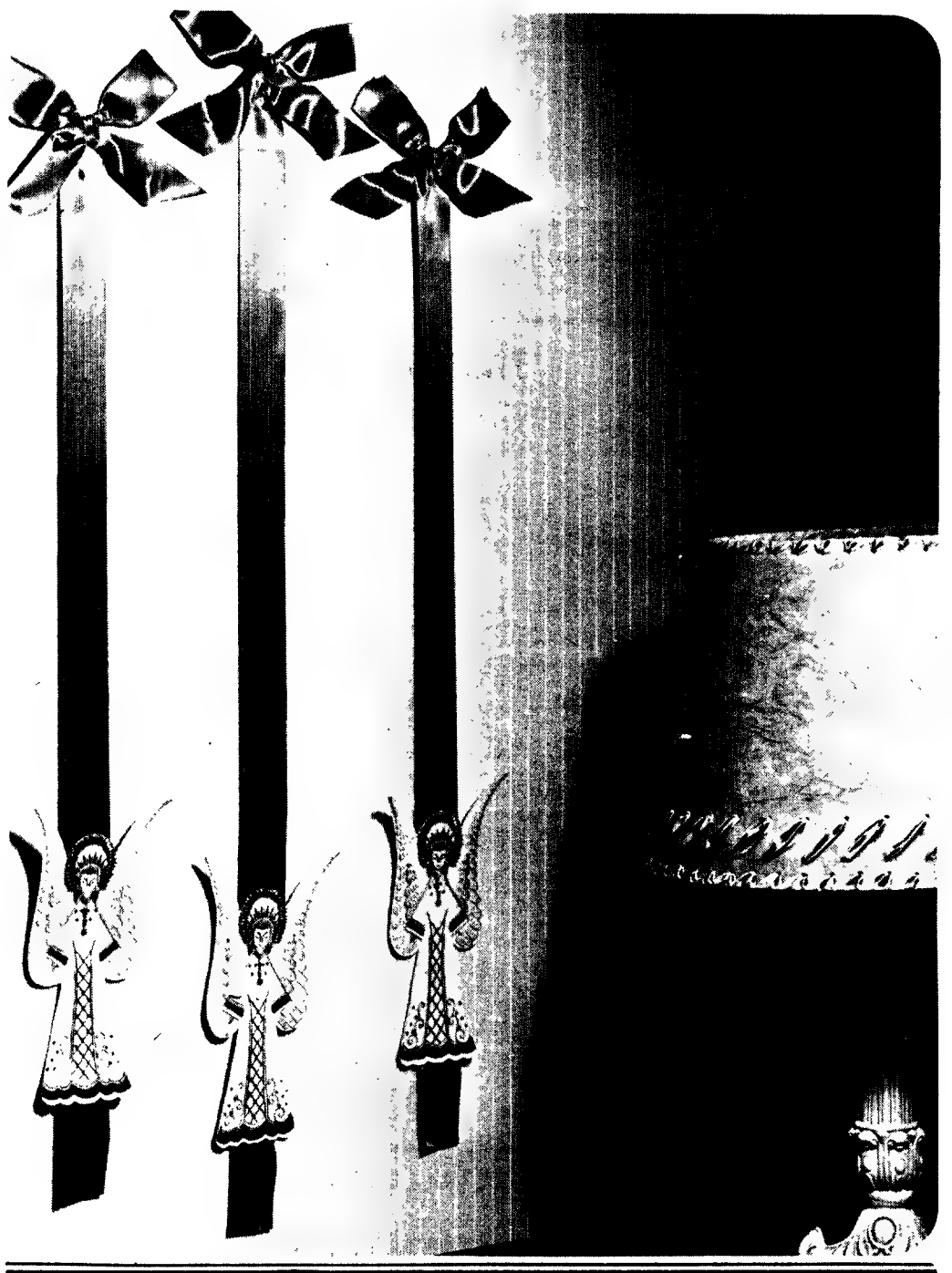
PROPRIEDADE
JOAQUIM BARAONA
AV. VALBOM, 28-1.º Dto
Telefs. 282145-282388
CASCAIS

valorização permanente

DECORAÇÃO

O Natal está a chegar

Eis uma ideia interessante para enfeitar a parede na época do Natal: três fitas largas de cetim vermelho que formam laços na parte superior e se prolongam em vertical. Em baixo são guarnecidas por uns anjos de feltro branco. recortado, bordados com vidrilhos dourados e filosela "Ancora" amarela, vermelha e azul. Ao longo das fitas prendem-se os cartões de «Boas Festas» que se vão recebendo.



LAMY

uma oferta pessoal, original no formato e na cor

Uma oferta pode tornar-se inesquecível. Basta ser LAMY. É um presente sempre presente: na requintada aparência da LAMY 2000 ou nas cores jovens da LAMY design 20 ... é um pouco do Natal que fica.

LAMY 2000 — verdadeira caneta para homem. Linhas modernas e funcionais, aparo de ouro 18 quilates coberto a platina, depósito de grande capacidade permitindo 3500 assinaturas. Várias vezes premiada internacionalmente, LAMY 2000 apresenta-se em negro fosco e aço despolido: pormenor de bom gosto.

LAMY design 20 — jovem e elegante. Caneta, esferográfica e marcador, dentro da arrojada linha de concepção LAMY, nas cores rosa velho, negro fosco ou ocre. Clip invulgar, aparo coberto a platina. Fabricada em aço e "makralon" inquebrável.

LAMY
caneta alemã o seu brinde neste Natal

À VENDA NAS BOAS CASAS

Em exposição na:
PAPELARIA DA MODA - R. do Ouro, 167

Representante: ARTUR WESTHEIMER Lda., R. Maria Andrade 42-2.º D. Lisboa-1

AUDIO MAGNÉTICA CASSETES, LDA.

CALDAS DA RAINHA
TEL. 23041/2/3/4

FABRICANTES MUNDIAIS DE CASSETES PARA GRAVADORES

NECESSITA

JOVEM ENGENHEIRO, preferìvelmente, mecânico, com serviço militar cumprido e alguma prática de desenho industrial, ferramentas, linhas de montagem, preparação de trabalhos, estudo de métodos e movimentos, para admissão imediata, ou muito brevemente.

FORMAÇÃO universitária ou equivalente. Entusiasta e desejoso de triunfar profissionalmente.

RESPONDER, pessoalmente, ou por escrito com fotografia, com curriculum, ordenado pretendido, para o Departamento de Relações Industriais, Apartado 12 — **Caldas da Rainha**

Para o periodo de 5 a 11 de Dezembro

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: A semana em curso apresenta-se bastante favorável para os seus interesses sentimentais e afectivos, não havendo motivos para recear complicações nesse sentido. O nosso conselho é cuidado, na sua vida familiar, onde surgirão aborrecimentos de certo modo importantes.

DINHEIRO: — A semana será inteiramente normal no que se refere aos seus assuntos económicos. Tanto os ganhos como os gastos mantêm-se no plano habitual.

PROFISSAO: — Período bastante apagado e monótomo, no que diz respeito ás suas actividades profissionais. Terá de seguir a rotina habitual, pois não existem neste momento condições para modificar a sua situação actual. Em todo o caso, não haverá contrariedades importantes.

SAUDE: — Tome as precauções necessárias para evitar possíveis constipações, que no entanto trazem consequências de vulto.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: — Este período apresenta-se bastante perigoso para os seus interesses, no que diz respeito aos seus interesses sentimentais e familiares e ainda no que se refere às suas relações de amizade. Os seus contactos humanos não serão favorecidos durante esta semana.

DINHEIRO: — Vigie atentamente as suas despesas, faça o possível por seguir à risca o orçamento estabelecido pois só assim poderá evitar situações difíceis.

PROFISSÃO: — Os seus assuntos profissionais não serão favorecidos pelas suas influências astrológicas desta semana, havendo portanto todos os motivos para recear contrariedades e obstáculos nesse sector da sua vida. Não desanime com isso, pois melhores tempos virão.

SAUDE: — Defenda cuidadosamente as suas vias respiratórias, e especialmente a zona da garganta, que stão expostas a perturbações de certa importância.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: — O período em curso apresenta-se mais ou menos benéfico para os seus interesses sentimentais, embora não seja ainda desta vez que consegue realizar os seus sonhos, as aspirações que tem vindo a acalentar. Não perca as esperanças pois conseguirá o que pretende.

DINHEIRO: — Os seus lucros registarão durante esta semana uma agradável subida, devida principalmente à maneira inteligente como saberá orientar as suas actividades, dirigir os seus empreendimentos.

PROFISSÃO: — Tem toda a necessidade de começar a encarar a hipótese de ter de mudar de emprego ou de actividade profissional, pois atingiu já um ponto em que precisa absolutamente de horizontes mais amplos. Não se precipite mas vá estudando a melhor maneira de conseguir os seus fins.

SAUDE: — Período normal no que diz respeito ao seu estado de saúde. Com efeito tudo correrá bem neste sector, durante a semana em curso.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: — As suas influências astrológicas para esta semana apresentam-se verdadeiramente favoráveis para si, no que diz respeito aos seus assuntos de ordem amorosa e afectiva em geral. Todos os seus problemas importantes serão durante esta semana solucionados definitivamente, em condições muito melhores do que esperava.

DINHEIRO: — Chegou finalmente o momento em que pode alargar os cordões à bolsa», fazer uma vida mais confortável, pois os seus recursos atingiram já um nível que lhe permite algumas fantasias.

PROFISSAO: — A sua posição sofrera alterações importantes que finalmente se traduzirão por uma melhoria substâncial e duradoira da sua situação profissional.Ponha de lado todos os receios que ainda alimenta pois não têm nenhuma espécie de justificação.

SAUDE: — O seu estado de saúde não sofrerá alterações importantes durante esta semana. Mantem inteiramente as condições de saúde actuais.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: — Não se entusiasme demasiado com algumas pequenas vitórias que obterá durante esta semana no domínio amoroso, pois esses êxitos não têm nem a significação nem a amplitude que terá tendência a atribuir-lhe. Mantenha-se em contacto com as realidades.

DINHEIRO: — Também no plano financeiro terá uma certa tendência a voar demasiado alto, o que, como sabe, muitas vezes dá origem a grandes quedas.

PROFISSAO: — Avance com prudência na realização dos seus empreendimentos visto que, embora as suas actividades profissionais sejam favorecidas durante esta semana, não pode pôr de lado as preocupações que na realidade são indispensáveis ao êxito. Seja optimista mas dentro de certos limites.

SAUDE: — O seu coração é o ponto do organismo que deve vigiar com mais atenção, durante este período, pois é aí que se localizarão eventuais perturbações de saúde que venha a sofrer.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: — Período bastante feliz para si, no que se refere à sua vida afectiva em geral. Tanto os seus assuntos de natureza sentimental como as suas relações familiares e de amizade evoluirão durante esta semana num sentido muito propício e agradável, proporcionando-lhe muitos momentos de felicidade e satisfação.

DINHEIRO: — Não se observam importantes possibilidades de surgirem contratempos importantes durante esta semana, no que diz respeito às suas finanças.

PROFISSAO: — Se a sua actividade profissional é de carácter artístico ou intelectual terá durante esta semana oportunidade de conquistar sucessos verdadeiramente magníficos, que serão um importante estímulo para os seus esforços e actividades futuras.

SAÚDE: — Cuide dos seus órgãos digestivos que durante esta semana registarão alguns desarranjos no seu funcionamento,

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: — Não se meta em aventuras de carácter sentimental, durante a semana em curso, pois os resultados seriam muito piores do que imagina. Não comprometa portanto a sua felicidade futura, em troca de alguns momentos agradáveis. Use de toda a prudência nesse sector.

DINHEIRO: — Sentirá durante esta semana uma forte tentação de tentar a aventura, através de jogos ou especulações financeiras. Ponha de lado, essas ideias, e lembre-se que os seus ganhos desta semana serão inteiramente conseguidos à custa do seu trabalho.

PROFISSÃO: — Não se observam acontecimentos importantes no seu ambiente profissional, durante esta semana. Tudo correrá de maneira mais ou menos normal, sem vantagens ou prejuizos apreciáveis.

SAUDE: — Use de cuidado no que diz respeito ao funcionamento dos seus rins, que durante esta semana poderão dar-lhe alguns motivos de preocupação.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: — E provável que a semana decorra em condições satisfatórias no que diz respeito à sua vida sentimental, mas para isso terá de adoptar uma atitude mais compreensiva do que é costume da sua parte. O mesmo se verifica no que diz respeito à sua vida familiar.

DINHEIRO: — Procure disciplinar as suas finanças, o seu orçamento, traçando uma linha de orientação e seguindo-a escrupulosamente.

PROFISSÃO: — Não deixe de dedicar toda a sua atenção aos problemas que se têm vindo a formar no seu ambiente profissional, para não ser mais tarde surpreendido por eles, quando já não possa fazer nada para os evitar. Procure prever e eliminar os perigos que possam ameaçar a sua posição.

SAÚDE: — Também no capítulo da saúde a semana em curso comporta alguns perigos de certa importância. Será talvez aconselhável consultar um médico.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: — O período em curso desenrolar-se-á em condições bastante agradáveis para si no que se refere à sua vida sentimental e familiar. Reinará à sua volta um ambiente de harmonia e tranquilidade, a que não serão estranhas as intervenções de algumas pessoas de família que muito o ajudarão.

DINHEIRO: — Obterá resultados muito interessantes durante esta semana, através de jogos ou operações financeiras oportunas e inteligentemente planeadas e executadas. Terá motivos para se orgulhar dos resultados obtidos

PROFISSÃO: — Deixe que as coisas vão seguindo o seu rumo natural, no que diz respeito às suas actividades profissionais. Uma intervenção descabida da sua parte poderia trazer consequências desagradáveis. Isto no entanto não significaria nada de maléfico, mas é necessário evitar-se.

SAUDE: — Estabeleça um regime alimentar apropriado à sua situação e siga-o à risca, pois a sua saúde não será muito boa, durante esta semana.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: — Não são de esperar acontecimentos importantes durante esta semana, no âmbito da sua vida sentimental, e afectiva. Tudo se passará mais ou menos como de costume, sem incidentes importantes a assinalar. Na sua vida familiar a situação será igualmente de calma.

DINHEIRO: — Nao pretenda enriquecer demasiado depressa. Lembre-se que as aventuras tanto podem trazer-lhe a fortuna dum momento para o outro como podem igualmente destruir a situação que já conquistou à custa do seu trabalho.

PROFISSÃO: — As suas actividades profissionais proporcionar-lhe-ão durante esta semana resultados francamente favoráveis e satisfatórios. Ao mesmo tempo nota-se um certo aumento do seu prestígio pessoal e da sua reputação profissional, o que só lhe será útil.

SAUDE: — Não alimente ideias pessimistas a respeito do seu estado actual de saúde, visto que na realidade não há motivos para inquietações.

AQUARIUS

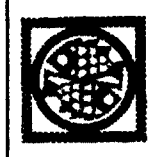
(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: — Se tem em vista um projecto de casamento é este o momento mais favorável para o pôr em prática. Os astros favorecem os seus interesses sentimentais e familiares, sobretudo no sentido da consolidação da sua situação amorosa.

DINHEIRO: — Nã terá verdadeiros problemas a enfrentar, no que diz respeito aos seus assuntos económicos. Tudo se passa normalmente.

PROFISSÃO: — Pode sem receio afrouxar um pouco o ritmo das suas actividades, pois isso não virá prejudicar a sua posição, os seus interesses. Precisa no entanto saber orientar a sua acção no sentido de não perder os privilégios conquistados, os direitos adquiridos.

SAUDE: — Durante a semana em curso estará um pouco exposto às constipações e também a acidentes, que embora pouco importantes será preferível tentar evitá-los.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: — Aproveite este momento mais ou menos festivo para consolidar a sua posição no que se refere à sua vida familiar. Dedique um pouco mais de interesse ás suas relações familiares, que neste momento exigirão de si, e com todos os motivos, para isso, uma certa atenção e solidariedade.

DINHEIRO: — Não há motivos para preocupações, no que diz respeito ás suas finanças. Tudo correrá de acordo com as suas previsões.

PROFISSÃO: — O momento é pouco próprio para se lançar em novas iniciativas ou empreendimentos, pois o seu espírito será atraído para outros assuntos, que no momento são mais importantes. Guarde portanto para mais tarde todas as iniciativas e ideias que tenha em mente.

SAUDE: — Acautele-se contra possíveis resfriamentos, constipações ou mesmo gripes, que durante esta semana poderão afectar o seu estado de saúde.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Grupo I — Concursos trimestrais e semestrais para fornecimento de:

Alhos	Farinha flor de milho
Azeite	Legumes secos
Bananas	Margarina
Batata	Marmelada
Bolacha	Massas alimentícias
Broas de milho e Bolo-rei	Mercearias diversas
Café	Óleo comestível
Carapau ou sardinha	Ovos
Cebola	Pão integral
Chá	Pão ralado
Carne de porco e outras	Produtos de salsicharia
Colorau	Sal
Concentrado de tomate	Sêmola de milho
Conservas de peixe	Vinhos (Consultas n.os 147 e 162)
Criação, incluindo peru	Vinagres
Hortaliças	

Até às 17.30 horas, do dia 16 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para os fornecimentos em referência.

LISBOA, em 3 de Dezembro de 1971.

O ADMINISTRADOR

THE KING OF WHISKIES

SANDEMAN SCOTCH WHISKY

PRODUCED AND BOTTLED IN SCOTLAND

ATRIVM

PARA VOS SERVIR

RESTAURANTE DE LUXO

Serviço de Bar

das 15h e 30m às 24h

Rua de S. Julião

Horus

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

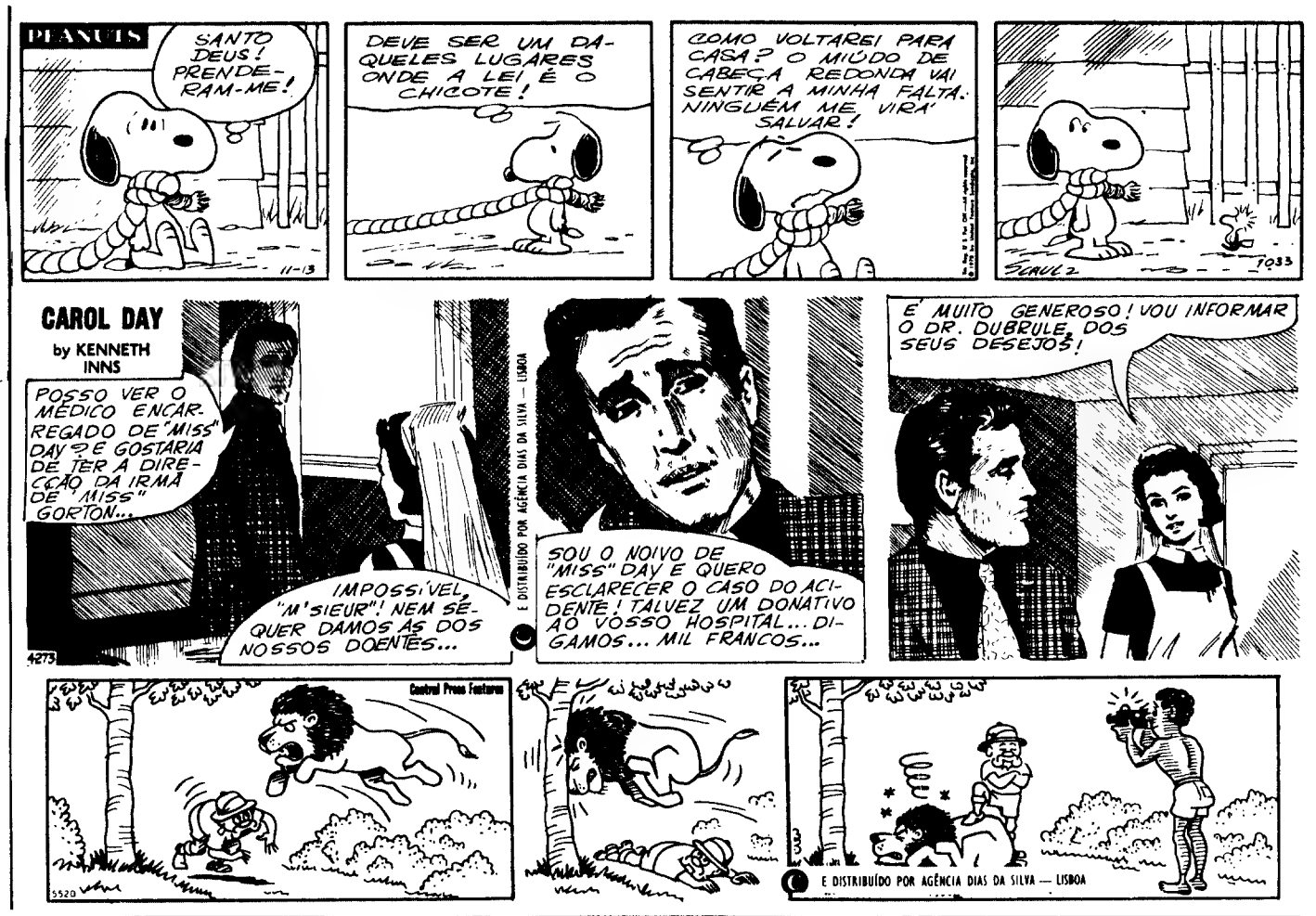
OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

UM URSO INGLÊS

Este simpático e brincalhão ursinho é «Pipaluk» (ou «o esquimó», para os mais pequenos), o primeiro nascido no Zoo de Londres de Regent's Park, em Dezembro de 1967, desde o aparecimento de outro célebre colega seu - o «Brumos» - em 1949.



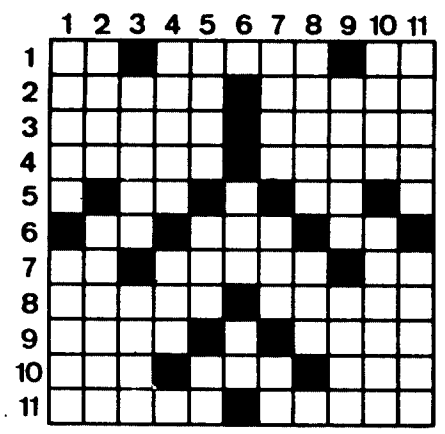
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 9937

HORIZONTAIS:

1 Terbio (s q). Detras Preposição
2 Rio de França Estacionam.
3 Habitat Lugar de contenda
4 Adeja Relativo aos rins
5 Em a Apelido.
6 Ruim Pico dos Pireneus Nota musical
7 Porco Manas Tumor. o mesmo que arrieira
8 Freguesia do concelho da Covilhã Flechas
9 Irmã Macaca
10 Voz do mocho Nome de letra. O ninho dos animais
11 Restos mortais Saíra frequentemente a rua



VERTICAIS:

1 Duração, Período
2 Pão de milho Apelido
3 Rio da Albânia. Aniversario
4 Ave trepadora Passada
5 Trama Grande Pertences
6 Caminha para ca Prefixo de negação
7 Mamífero desdentado espécie de tatu Freguesia do concelho de Penafiel Erbio (s q).
8 Cures Preposição
9 (Rangiferes Cabeça (pop)
10 Deserto da Arabia, entre o mar Vermelho e o golfo Persico Magnetizar (um corpo)
11 Mete em mala Guarcera de asas

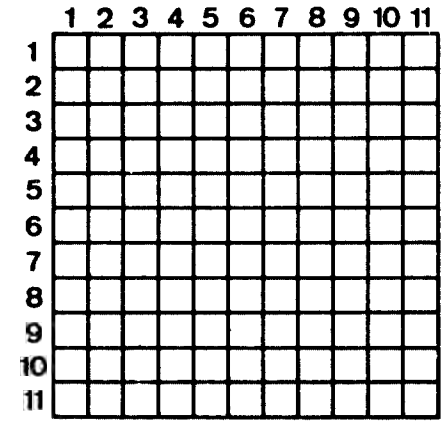
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6095

HORIZONAIS;

1 Freguesia do concelho e distrito de Bragança Género de plantas da família das aristoloquiaceas
2 Ajunta Uni
3 Origem Irmãos do pai.
4 O mesmo que sardosas
5 Nome de mulher
6 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire Poisa no mar (o avião) Viração
7 Terra calcaria, misturada de argila, que se emprega na olaria e para adubar o solo Zombaste
8 Boro (s.p) Cantiga
9 Facto Asa.
10 Romancista português autor de «A Ilustre Casa de Ramires». Possui Guarneço de asas
11 Resmungo. Muçulmano brasileiro, de origem africana



VERTICAIS:

1 Botequim Ruído Um cento
2 Peneiras em furos (Bras) Pingente (fig).
3 Relativo ao cerco Nome de flores
4 Mae de Ismael Arduo (fig)
5 Nota musical Especie de chibo africano Porco
6 Freguesia do 2.º bairro de Lisboa Ferro (s q)
7 Actinio (s q) Conta. Dois mil em romano
8 Medico inglês celebre pelos estudos sobre as doenças das vertebras lombares Encoleriza
9 Combinas Firma,
10 Extremidades dos braços Amarrasse
11 Suspiros O mesmo que três Preposição e artigo definido (pl)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9936

HORIZONTAIS:

1 Calar. Adail.
2 Rs Compadre.
3 Lia Aas.
4 Ais. Sa
5 Empaparam.
6 Niari. Unida
7 PROMESSAS
8 Op. Oso.
9 Dei SÃO.
10 Orçarias. Cr.
11 Soara. Urase

VERTICAIS:

1 Cri. ENGODOS.
2 As. Ami. Pero.
3 Papin. Iça
4 AC. Sarre. Ar
5 Rol Pio Sra
6 Mira Miai
7 Apa. Rue. Oau.
8 Da Ganso Sr
9 Ada Missa.
10 Iras Dão Cs.
11 Lesaras Cre.

PROVERBIO **Promessas são engodos**

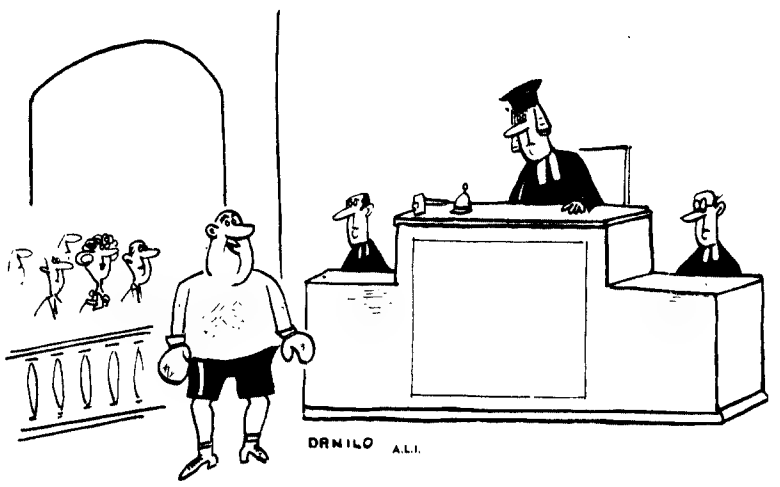
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6094

HORIZONTAIS:

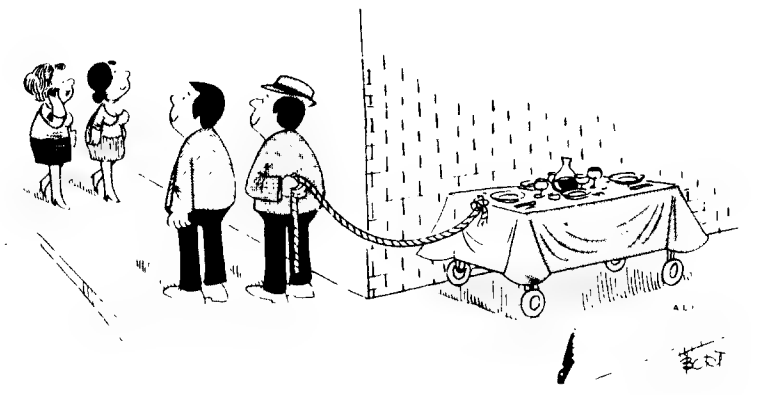
1 Apaga. Pisca.
2 Rui. Une. Art.
3 Rira Ador
4 Erada. Arome
5 Da. Impar Al.
6 Ato Rau
7 Siar. Osso
8 Lear. Oaio
9 Air Mia. Srs.
10 Itaca. Casão.
11 Sasse. Aneis.

VERTICAIS:

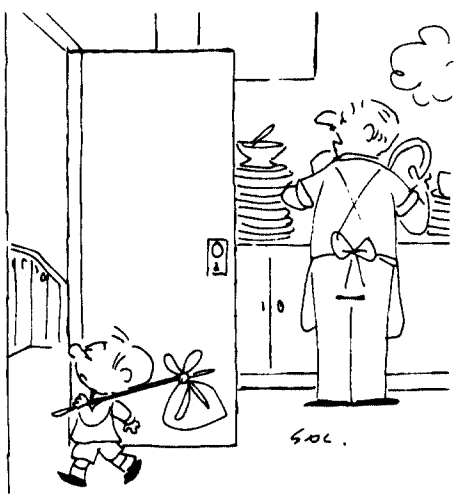
1 Arreda. Lais.
2 Puira. Seita.
3 Aira Alaras
4 Aditar. Cs.
5 Au Amor Mãe
6 No. Pi.
7 Pe. Aaro Aca.
8 Arraso. An
9 Sado Usasse
10 Croma. Oirai
11 Atrelo Osos.



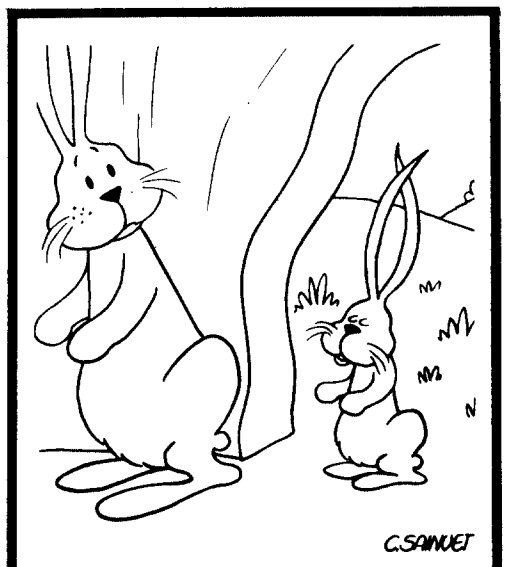
Se me premite Excelência, gostaria de assegurar a minha defesa!



Sempre quero ver se jantamos fora como eles nos prometeram



Espera, eu vou contigo!



Diz-me mamã, é verdade que nós nascemos no chapéu de um ilusionista?

DL CONTA CORRENTE

UM BARCO DE GRAÇA PARA CRUZAR OS RIOS

O POTENTE «Dori 13», com motor «Evinrude», que colocamos à disposição de um leitor do «Diário de Lisboa» participante na iniciativa «Conta-Corrente».

Valerá a pena recordar aos nossos companheiros de todos os dias que qualquer leitor do «Diário de Lisboa» está ainda a tempo de tornar-se milionário ou, no mínimo, ganhar uma pequena fortuna. Para isso bastará participar na Conta Corrente», adquirindo os produtos de que necessita para o seu dia-a-dia nas firmas ou marcas que referimos quotidianamente.

Assim, ninguém deve perder o ensejo de obter bons prénios sem dispender um tostão para além do seu normal gasto diário; essa é a caracteristica dominante da nossa oferta aos leitores do «Diário de Lisboa» que participam na iniciativa «Conta Corrente».

Com efeito, no ano em que comemora o seu 50.º aniversário, o «Diário de Lisboa» homenageia os seus leitores proporcionando-lhes um agradável passatempo, repleto de prémios autenticamente aliciantes. Uma torrente de prémios que oferecemos, sem qualquer problema, aos nossos dedicados companheiros de todos os dias.

Prémios que transcendem mais amplos sonhos do mortal comum, basta nunciá-los para que qualquer leitor do «Diário de Lisboa» fique, de imediato, arrebatado pelo desejo de os conquistar. Por exemplo: o barco a motor que constitue o terceiro prémio da «Conta Corrente». Trata-se de um modernissimo e elegante «Dori 13», dotado do poderoso motor «Evinrude», de alto prestígio internacional e grande aceitação entre os entusiastas dos desportos náuticos. À venda na conceituada firma Mendes de Almeida Comércio e Industria de Máquinas S.A.R.L., o «Dori 13» irá, inteirinho, para o leitor do «Diário de Lisboa» que obtiver o terceiro posto da classificação geral e logo ficará com o problema dos seus passeios náuticos inteiramente resolvido.

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em 4 de Dezembro de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Chrysler	10			
J. A. da Costa Pina	11			
O. C. L.-Olavo Cruz Ldª.	11			
Goya-Aqua Manda	13			
Fuji	15			
Diese	16			
Mercedes-Benz	17			
Companhia de Navegação Carregadores Açoreanos	18			
Siurbf	19			
Austin-J. J. Gonçalves Sucrs.	20			
Volkswagen-Guérin	21			
Efacec	dois			
Edições Comos	três			
Audi NSU	três			
TAP	quatro			
Morris-A. M. Almeida, Ldª,	cinco			
Vulcain	cinco			
J. Pimenta S. A. R. L.	seis			
Radiola	sete			
Daga	doze			
Diese	catorze			
Jante GT para Renault	desasseis			
J. Pimenta S. A. R. L.	dezasseis			

EDITAL

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE

Concurso público para arrematação da empreitada de «Abastecimento de água ao concelho de Lagos - 3.ª fase»

Faz-se público que no Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, localizado na Rua Rebelo da Silva, n.º 69, 1.º em Faro, se procederá à abertura das propostas para arrematação da empreitada acima referida, pelas 15 horas, do primeiro dia útil após decorridos 40 dias a contar da publicação do respectivo anúncio no Diário do Governo.

A base de licitação é de 8 622 708$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário:

a) Que o concorrente tenha efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, sua filiais, agências ou delegações o depósito de 215 568$00, mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo que figura no processo de concurso;

b) Que o concorrente esteja inscrito como empreiteiro de obras públicas na 3.º subcategoria da V categoria e na classe 2B ou na V categoria e na classe 2B ou superior, estabelecidas pela Portaria n.º 351/71, de 30 de Junho de 1971.

O depósito definitivo será de 5 do valor da adjudicação.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio sob registo ao Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve por forma a serem recebidas até às 17.30 horas do dia anterior ao da abertura das propostas e devem ser enviadas pelo correio sob registo ao Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve por forma a serem recebidas até às 17.30 horas do dia anterior ao da abertura das propostas e devem ser acompanhadas dos demais documentos legalmente exigidos.

As condições e mais elementos para esta empreitada encontram-se patente no Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, e na Direcção dos Serviços de Salubridade da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (Rua Conde de Redondo, 8, 4.º Lisboa-1) todos os dias úteis, durante a hora do expediente.

Faro e Comissão Regional de Turismo do Algarve, em 25 de Novembro 1971

O PRESIDENTE
a) José Teixeira Gomes Pearce de Azevedo

O ADMINISTRADOR-DELEGADO0
a) João Luís Olias Maldonado

5 razões para preferir MEL de ROSMANINHO

PURO, PRODUZIDO POR ABELHAS CRIADAS EM REGIME DE PASTOREIO SILVESTRE, SEM CONTACTO COM INSECTICIDAS (NÃO TÓXICO)

- aromático
- revitalizante
- extremamente agradável
- puro, da montanha
- com todas as virtudes medicinais do rosmaninho

Disponível em frascos, latas invioláveis e meleiras
Pedidos a
diese — Apartado 1382 — LISBOA 1

"ORFEU" de NATAL: de tudo para quase todos

Para abrir a temporada, a linha «Orfeu» apresenta-nos um panorama discográfico onde quase se pode dizer que há de tudo para todos. Quase...

Para já, os nomes dos artistas destes primeiros lançamentos: Florência, Sol Raye, George Baker Selection, Miguel Graça Moura, Pop Five Music Incorporated, Constantine, Albatroz, José Calvário, Adriano Correia de Oliveira e José Afonso.

Pop Five Music Inc. - os «pop» do Porto em discos Orfeu

Texto: NUNO GOMES DOS SANTOS

NACIONAIS

Nestes ainda há que fazer a destrinça, pois claro. Vamos pôr, de um lado, para já, **Adriano Correia de Oliveira** e **José Afonso.** O género de canções que o Adriano e o Zeca cantam não admite comparações com o dos outros nacionais da linha «Orfeu». Portanto, vamos passando à frente destes dois, cujos discos já foram referidos nas colunas deste jornal e que, sempre vamos dizendo, são, talvez, os melhores trabalhos de um e de outro.

Depois temos um disco novo de **Florência**, numa tentativa de viragem para um estilo mais «beat», embora não mereça referência especial a sua vocalização no disco, sem a qualidade necessária para se impôr (?), embora com um público mais ou menos certo a «consumir (se)».

«Melodia Para Afrodite» é o nome do primeiro «single» de **Miguel Graça Moura**, o músico-base do «Pop Five», agora num disco em que se procura afirmar sòzinho. Pena é que na face B tenhamos um lamentável «Teorema 1», que não tem nada a ver com o título do «single», pois «Melodia Para Afrodite» é um tema bonito e que nos impressionou favoràvelmente. E já que estamos com Miguel Graça Moura, falemos do «Pop Five» e do seu **«Stand By»**, «single» na linha de «Orange» e que nada vem acrescentar ao que já estava feito. Sempre um mesmo estilo «orquestral», digamos assim, sem fio melódico, sem inovações, sem fibra. Quase como se de uma repetição se tratasse.

«Albatroz» é um conjunto meio-português. Compõem-no Jean Sarbib e seu irmão André, Pedro Taveira e Rui «Pipas». Bastaria o nome de Sarbib (Jean) para dar «uma certa» garantia mas... é mais um conjunto dos muitos com bons executantes a dar-nos música com palavras e ideias inglesas.

Depois temos **José Calvário** (José Carlos Barbosa Calvário). O autor da música de «Flor sem tempo», classificada em segundo lugar no último Festival TV da Canção, surge-nos agora como orquestrador, num LP com títulos como «Menina», «Cavalo à Solta», «Crónica de Um Dia», **«Vejam Bem», «Flor Sem Tempo»**, etc. José Calvário tem 21 anos. E muito novo, portanto. E um LP como orquestrador para uma pessoa com 21 anos é uma coisa muito importante. Só que a pouca idade de José Carlos Calvário não desculpa os vícios «velhos» que repassam todo o disco. Se nos dissessem que os arranjos eram de Joaquim Luís Gomes não nos admiraríamos nada. E, com isto, está tudo dito: falta de inventiva, ausência de criação.

ESTRANGEIROS

Sol Raye tem 30 anos e ganhou o I Festival da Canção dos Dois Mundos, realizado no Porto há poucos meses sem ninguém dar por ele. Imitador de Nat «King» Cole no início da sua carreira, não conseguiu libertar-se disso e, aqui para nós, Nat «King» Cole houve um, e tudo o que for parecido será, apenas... parecido. Título do seu disco: **«If We Were Free».**

George Baker Selection é um grupo holandês, sem grandes novidades. Todos os elementos que o integram tocam vários instrumentos e o seu grande êxito é «Little Green Bag». Mais um grupo e pouco mais.

Quanto a **Constantine**, há um itinerário digno de ser apontado. Natural de Nova Iorque, exibiu-se no «Statler Hilton» com dezassete anos. Formou-se em Sociologia e Psicologia e dedicou-se a fundo à "Folk-music" exibindo-se quase sempre em locais frequentados por estudantes. O ponto mais alto da sua carreira foi a actuação no «St. Paul Theatre of Performing Arts».

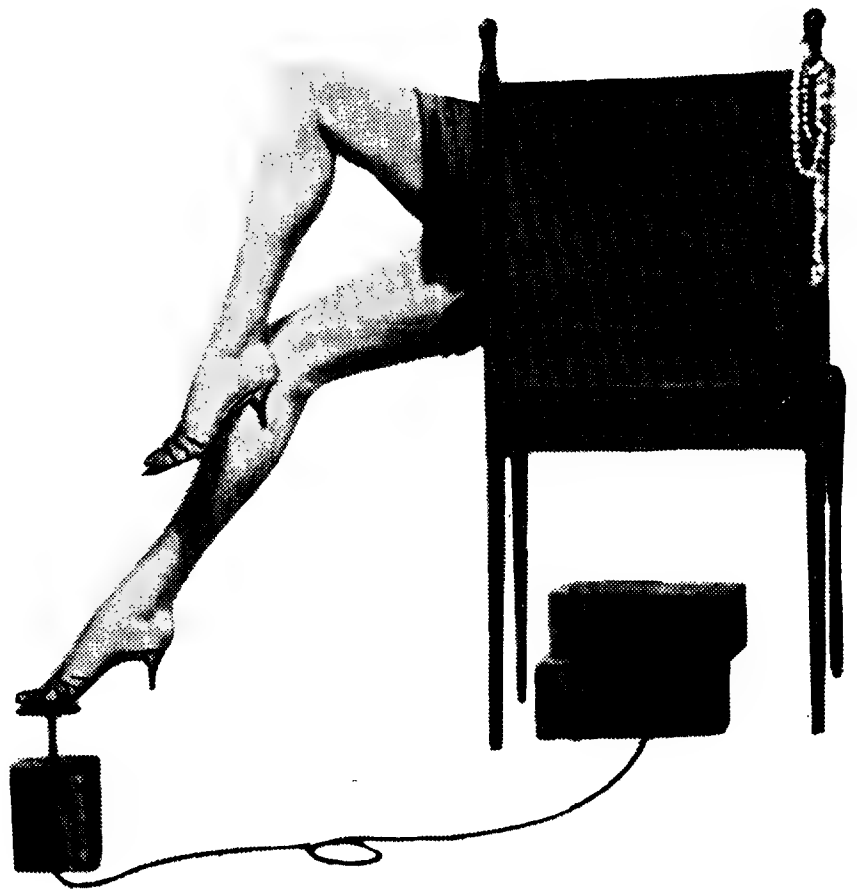
Com tudo isto, Constantine, que abandonou os Estados Unidos a fim de vir para a Europa Ocidental, canta medianamente (ou menos) um folk muito ao estilo de Dylan-do-início, sem interesse por aí além (ou muito aquém do interesse que seria de desejar).

CONCLUSÕES

Em suma: a «Orfeu» lança-se em quantidade à conquista do mercado de Natal, a época do ano em que mais discos se vendem. A qualidade também existe, como se prova com os álbuns de **Adriano Correia de Oliveira** e de **José Afonso**, mas não vai além deles. O que resta é o comercial.

Não se pense, por isso, que esse comercial é destituído, de todo, de qualidade. Dentro do comercial com qualidade voltamos a apontar a «Melodia Para Afrodite», de Graça Moura, da mesma maneira que apontamos «Teorema 1», do mesmo autor, como exemplo do comercial-só-isso. Mas tudo isso é pouco importante. Do programa da «Orfeu» para o início de época ficam-nos os ouvidos em «Gente de Aqui e de Agora» (Adriano) e nas estupendas «Cantigas de Maio», de José Afonso. Fica-nos isso e a certeza de que este último disco, se não for o melhor que até agora se fez no capítulo da música portuguesa não-erudita, é, pelo menos, um dos melhores. Ouçamos o «Cântico da Primavera» e esquecer-nos-emos do resto. De quase todo o resto de uma linha «Orfeu» que vale por dois discos.

Quem vai sentar-se nesta cadeira em tão singular (?) companhia?



GRUPO B – 10 anos

PEUGEOT
BATEDEIRA 682
O APARELHO QUE FALTAVA NA SUA COZINHA
finalmente um batedor diferente
claras em castelo
maionese
massas
purés
REPRESENTANTES
SABEL
Rua de D. Estefânia, 98 A LISBOA
Rua de Sta Catarina, 1209 PORTO

Luso Eléctrica

MARINHA

EQUIPAMENTO GERAL PARA NAVIOS DESTINADO A:

CONSTRUÇÃO
CONVÉS
ILUMINAÇÃO
NAVEGAÇÃO
PROTECÇÃO E SEGURANÇA
PROPULSÃO
REPARAÇÃO
SOBRESSALENTES
SERVIÇO AUXILIAR

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA ★ PORTO

SOCIEDADE «ESTORIL»
Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

Concurso para a exploração dos pavilhões de vendas nas estações de Paço de Arcos, Santo Amaro, S. João e Monte Estoril

1 — Até às 16 horas de 13 de de Dezembro de 1971, aceitam-se propostas para a exploração por 5 anos, de pavilhões de vendas nas estações de Paço de Arcos, Santo Amaro, S. João, e Monte Estoril.

2 — A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente, das 8 às 24 horas, na Consigne, Cais do Sodré.

Lisboa, 26 de Novembro de 1971

O DIRECTOR-GERAL
A. BUAL

ESCOLA DE CONDUÇÃO
CASA A. VIEIRA
Ensino perfeito de LIGEIROS, PESADOS e MOTOS. Inscreva-se hoje mesmo na Rua de Campolide 135.

GINÁSIO DE RECUPERAÇÃO
CEDE-SE
Em Lisboa, Avenidas Novas, c/ 6 assoalhadas, servido por autocarros e metropolitano. Resposta a este jornal ao n.º 943.

EM LEIRIA
Companhia estrangeira pretende colaboradores em full ou part-time.
Telef. 2 39 14
entre 12 e 14 h. amanhã

Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

Na sequência das medidas de racionalização da nossa exploração ferroviária, deixam de estar guarnecidas, a partir do dia 1 de Dezembro de 1971, as seguintes estações e apeadeiros:

Vilar do Rei
Branca
Ganfei
Verdoejo
Sabugosa
Castelo Melhor
Lapela

A venda de bilhetes aos Srs. Passageiros embarcados nas estações e apeadeiros acima indicados passará, a partir de 1 de Dezembro, a ser feito pelo revisor em trânsito, sem qualquer aumento

Pelo mesmo motivo, estas estações e apeadeiros deixam de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe, continuando, porém Sabugosa, Castelo Melhor e Lapela, a receber e expedir vagões completos. Para o efeito, os interessados devem dirigir-se, respectivamente, a Parada de Gonta, Almendra e Monção.

Serviço especial para Vila Viçosa por ocasião das festas a Nossa Senhora da Conceição no dia 8 de Dezembro de 1971

Bilhetes especiais de IDA E VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda, em 7 e 8 de Dezembro.

Validade para regresso, em 8 e 9 de Dezembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Casa Branca até Bosba e até Portalegre, e nas estações de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro, Montijo, Pinhal Novo, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Mora, Reguengos de Monsaraz, Viana, Vila Nova da Baronia, Beja e Setúbal, bilhetes especiais, de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de VILA VIÇOSA

NATAL E ANO NOVO

LISBOA-VILAR FORMOSO
(via Beira Alta)

HORARIO DOS COMBOIOS ESPECIAIS

Por motivo das FERIAS DO NATAL E ANO NOVO efectuar-se-ão, além do serviço regular, as seguintes circulações na LINHA DA BEIRA ALTA, nos dias que, para cada uma, se indicam:

— Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 0.30 e paragem em Fátima, Albergaria dos Doze, Pombal, Soure, Alfarelos, Coimbra, Souselas e Pampilhosa: nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

— Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 9.35 e paragem em Coimbra, Souselas e Pampilhosa: nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

— Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 11.25 e paragem em Coimbra, Souselas e Pampilhosa; nos dias 17, 18, 19, 20 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 15.00 e paragem em Coimbra, Souselas e Pampilhosa: nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

— Partida de Lisboa Santa Apolónia) às 15.45 e paragem em Vila Franca de Xira, Setil, Santarém, Entroncamento e estações seguintes até Vilar Formoso: nos dias 17, 18, 19 e 21 de Dezembro.

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 17.35 e paragem em Vila Franca de Xira, Setil, Santarém, Entroncamento e estações seguintes até Vilar Formoso: nos dias 17, 18, 19 e 20 de Dezembro; limitado ao percurso Lisboa (Santa Apolónia) à Guarda: no dia 23 de Dezembro.

— Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 19.35 e paragem em Coimbra, Souselas e Pampilhosa: nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

— Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 21.00 e paragem em Vila Franca de Xira, Setil, Santarém, Entroncamento e estações seguintes até Vilar Formoso: nos dias 18 e 19 de Dezembro; limitado ao percurso Lisboa (Santa Apolónia) à Guarda: no dia 23 de Dezembro.

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 22.40 e paragem em Vila Franca de Xira, Setil, Santarém, Entroncamento e estações seguintes até Pampilhosa, Luso, Santa Comba Dão, Nelas, Mangualde, Gouveia, Celorico da Beira, Vila Franca das Naves, Pinhel, Sobral, Guarda, Cerdeira e Vilar Formoso: no dia 21 de Dezembro; limitado ao percurso de Lisboa (Santa Apolónia) à Guarda: nos dias 20, 22 e 23 de Dezembro.

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 23.15 e paragem em Braço de Prata, Vila Franca de Xira, Setil, Santarém, Entroncamento e estações seguintes até Vilar Formoso: nos dias 18 e 20 de Dezembro; limitado ao percurso de Lisboa (Santa Apolónia) á Guarda: nos dias 21, 22 e 23 de Dezembro.

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 23.30 e paragem em Vila Franca de Xira, Setil, Santarém, Entroncamento, Fátima, Pombal, Alfarelos, Coimbra, Souselas e Pampilhosa: nos dias 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

Partida de Pampilhosa às 2.57 e paragem em Souselas, Coimbra, Alfarelos, Soure, Pombal, Albergaria dos Doze, Fátima, Entroncamento, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 3, 4, 5, 6, e 7 de Janeiro.

— Partida da Guarda às 2.55 e paragem em Vila Franca das Naves, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Gouveia, Mangualde, Nelas, Carregal do Sal, Santa Comba Dão, Mortágua, Luso, Pampilhosa, Coimbra, Formoselha e estações seguintes até Fátima, Entroncamento, Santarém, Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): no dia 24 de Dezembro.

— Partida de Pampilhosa às 10.41 e paragem em Souselas, Coimbra e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 3, 4, 5, 6 e 7 de Janeiro.

— Partida de Guarda às 8.45 e paragem em Vila Franca das Naves, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Gouveia, Mangualde, Nelas, Santa Comba Dão, Mortágua, Luso, Pampilhosa, Coimbra, Alfarelos e estações seguintes até Fátima, Entroncamento, Santarém, Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 23 e 24 de Dezembro.

— Partida de Guarda às 9.40 e paragem em Sobral, Vila Franca das Naves, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Gouveia, Mangualde, Nelas, Santa Comba Dão, Mortágua, Luso, Pampilhosa, Coimbra, Alfarelos e todas as estações até Fátima, Entroncamento, Santarém, Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 21, 22 e 24 de Dezembro.

— Partida de Guarda às 12.30 e paragen em Vila Franca das Naves, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Gouveia, Mangualde, Nelas, Santa Comba Dão, Mortágua, Luso, Pampilhosa, Coimbra, Alfarelos e todas as estações até Fátima, Entroncamento, Santarém, Vila Franca de Xira, Braço de Prata e Lisboa (Santa Apolónia); nos dias 23 e 24 de Dezembro.

— Partida de Pampilhosa às 17.27 e paragem em Souselas, Coimbra e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

Partida de Pampilhosa às 20.06 e paragem em Souselas, Coimbra e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro, 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

— Partida de Pampilhosa às 2.35 e paragem em Souselas, Coimbra, Alfarelos, Soure, Pombal, Albergaria dos Doze, Fátima, Entroncamento e Lisboa (Santa Apolónia): nos dias 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Dezembro 2, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro.

Os horários pormenorizados podem ser consultados nas estações.

Rectro-auricular

SURDOS
PRENDA DO NATAL

Entramos no mês de NATAL, época das FESTAS, dos PRESÉPIOS, sapatinhos na chaminé aguardando as prendas do menino JESUS.

Para as pessoas surdas a prenda mais valiosa é um SONOTONE, para que na noite da consoada possam ouvir os seus entes queridos viverem.

Eu agora ouço bem! Graças ao Senhor! Não deixem para amanhã as experiências que é grátis e a aquisição a preços sem competência, trocas, facilidades de pagamento, assistência técnica garantida tudo encontrareis para bem vos servir na CASA SONOTONE em:

LISBOA — Poço do Borratem, 33, s/l — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92, 1.° — Telef. 35602
LUANDA-Angola — Rua António Enes, 42, 2.° Apartado 26

televisão

SIEMENS ESTORIL electronic

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Eurovisão «Ski» Transmissão directa de Saint Moritz (Suiça) da Taça do Mundo
14.15 Nos bastidores da aventura
14.30 Hoje pode ver
14.45 Tarde de cinema «A Rebelde»
16.00 Concerto
18.30 TV Rural
19.00 Série comédia «Olho vivo»
19.30 Telejornal - 2ª Edição
19.45 Pop 25
20.35 TV 7
21.30 Telejornal - 3ª Edição
22.00 Série de aventuras «Os Persuasores»
23.05 Fados por Maria Rosário Bettencort
23.20 Domingo Desportivo
23.40 Marcha do Mundo
23.50 Meditação e fecho

2º Programa

20.30 Abertura e Dó Lá Si
21.00 Série filmada «Amor e mau genio»
21.30 Telejornal - 3ª Edição
22.00 Noite de cinema «O Solteirão e a pequena»
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Arnie»
13.45 Telejornal - 1ª Edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme Infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2ª Edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Arte Portuguesa - Arte Universal
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal - 3ª Edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e fecho.

2º Programa

20.30 Abertura e Um dia com...
21.00 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal - 3ª Edição
22.00 50 anos de história
23.30 Fecho.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo; o vento era moderado de nordeste; nevava nas Penhas da Saúde.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

Porto	4
Penhas Dour. (neg.)	1
Coimbra	10
Portalegre	5
Lisboa	10
Faro	10
Funchal	15

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 16,8

PENHAS DA SAÚDE
Mínima (neg.) 4

Temperaturas no Estoril

Agua do mar	14
Atmosfera	11,5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.16	**4,2 m**	11.39	**1,0 m**
18.44	**3,8 m**	23.53	**1,2 m**

DIA 6

7.03	**1,0 m**		
19.35	**3,7 m**	12.29	**1,1 m**

DIA 7

7.48	**3,8 m**	0.40	**1,4 m**
20.21	**3,5 m**	13.17	**1,3 m**

PREVISÃO GERAL
ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo excepto no Algarve onde poderão ocorrer períodos de céu muito nublado; vento moderado de nordeste; geada nas regiões abrigadas do interior.

AMANHA

Nascer às 8.40
Ocaso às 18.15

Dia 9	Dia 17	Dia 25	Dia 31

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 TARDE DESPORTIVA - RADIO DESPORTO - FUTEBOL: Relato, informações e comentários dos Jogos da 10.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1ª Divisão
17.45 Actualidade desportiva
18.05 Girândola
19.10 Musica da europa
20.00 Diário Sonoro
20.20 Éxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades do estudio
22.00 Teatro das comédias: «A HIPERBOLE», originaldeJorgede Filgueiras
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 Ritmos em contraste
24.00 Fecho.

2.º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Richard Strauss - Música vocal
17.46 Musica de câmara
18.00 Intercâmbio musical CONCERTO DE DOMINGO - 1ª Parte:
18.40 Intervalo: Tema e Variações op 33 (Weber) por Jacques Lancelot (Clarinete) e Annie d'Arco (Piano)
18.52 IntercâmbioMusical-CONSERTO DE DOMINGO
19.35 Quarteto nº 78, em si bemol maior, op 76 n.º 4, «A Aurora» (Haydn) pelo Quarteto Dinamarquês
20.00 Diário sonoro
20.20 Cinco miniaturas (Legley) pelo Quarteto Belga de Saxofones
20.30 As grandes figuras do mundo português, p/dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de violino e piano, pelo duo: Antonino David-Katharina Heinz
21.30 QUE QUER OUVIR? (Programa elaborado p/Margarida Brandão)
23.00 A voz do ocidente
01.15 Fecho

EMISSÃO EM FM 2

14.30 Música sinfónica: Concerto em Fá maior, K 459 (Mozart)
15.00 1.º Acto da Opera «Arabella» (Strauss)
16.10 Concerto em Ré menor, para dois violinos e orquestra (Bach)
16.30 Música de piano
17.00 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Musica coral sinfónica - A Paixão de Jesus Cristo (João Pedro de Almeida Motta)
00.50 Fantasia em ré menor, KV 39 (Mozart) Amil Gillels (piano)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Formula 1
19.30 Rádio jornal
20.07 A orquestra de domingo
20.15 Comentador desportivo
20.30 Semana 7
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas
23.19 Grande roda
00.02 «P. B. X.»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Automobilismo
18.05 Programa Meada
18.30 Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires
20.00 Música para o seu jantar
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Desfile de sucessos musicais
23.00 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RADIO PENINSULAR
Das 07.00 às 08.00 das 10.00 às 12.00- e das 22.00 às 02.00
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17.00
CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 08.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30
RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Teles, R. João de Barros, 2 (tel. 638249).

ALCÂNTARA:
Nogueira, R. da Creche, 2 (tel. 631635).

ALFAMA:
Nacional, Rua S. João da Praça, 26 (tel. 863632).

ALTO DE S. JOÃO:
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10 - A (telef. 842518); **Oriente**, Rua Lopes, 120 (tel. 843381).

ARCO DO CEGO:
Palma, Av. Duque de Avila, 25 - 31 (tel. 47088).

ALVALADE:
Cartaxo, Avenida da Igreja, 21 - C (tel. 776358); **Brisália**, Avenida Rio de Janeiro, 66 - A (tel. 722358); **Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 12 (tel. 727721); **Avis**, Avenida de Roma, 56 - B (tel. 715370).

AREEIRO:
Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38 - A (tel. 774920); **João XXI**, Av. João XXI, 16 - A (tel. 726462).

ARROIOS:
Matos, Rua Alvaro Coutinho, 10 (tel. 40471); **Nunes**, Rua Ângela Pinto, 32 (tel. 497556).

AVENIDA DA LIBERDADE:
Nacional, Rua do Salitre, 7 (tel. 46858).

AVENIDAS NOVAS:
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147 - A (ao cruzamento da Av. Barbosa du Bocage, (tel. 763107); **Avenidas**, Av. da Republica, 27 - A (tel. 533688); **Império**, Rua Filipe Folque, 40 - A (tel. 48002).

BAIRRO ALTO:
Veritas, R. da Misericórdia, 133 (Tel. 324554-327563-4)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, P. do Norte, 11 (tel. 311216).

BAIXA:
Barral, Rua Augusta, 225 (tels. 361534-5).

BELÉM:
Remisio, Rua dos Jerónimos, 14 - C (tel. 631699).

BENFICA:
Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (tel. 703393); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027).

CALÇADA DA BOA HORA:
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94 - A (tel. 631958).

CAMPOLIDE:
Pátria, Calçada dos Mestres, 30 - A (tel. 680627); **Lab**, Rua Rodrigo da Fonseca, 101 (tel. 682333).

CAMPO DE OURIQUE:
Ourique, Rua Freitas Gazul, 32 - B (tel. 671667); **Castro Fonseca**, Rua 4 de Infantaria, 28 - . (tel. 688857).

CARNIDE:
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181).

CONDE DE REDONDO:
Ducal, Av. Duque Loulé, 21 (tel 48946).

ESTEFÂNIA:
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438).

GRAÇA:
Santa António, R. Leite de Vasconcelos, 72 - C (tel. 862333); **Rosas & Viegas**, R. de S. Vicente, 31 (tel. 864351).

LAPA:
Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 39 (tel. 667460).

LUMIAR:
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12 - C (tel. 790704); **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres, 201 - B (tel. 790742).

MADRAGOA:
Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (tel. 661275).

MARQUÊS DE POMBAL:
Ducal, Avenida Duque de Loulé, 21 (tel. 28946).

OLIVAIS:
Nova dos Olivais, R. E, 1, lote 469 (Olivais-Sul) (tel. 316402).

PENHA DE FRANÇA:
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10 - A (tel. 842518).

PICHELEIRA:
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16 - A (tels. 72835-720703).

RATO:
Janeiro, Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (tel. 661453).

REGO:
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29 - D (tel. 778953).

SANTA CATARINA:
Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7 - A (tel. 678896).

SOCORRO:
Ferrão, R. da Mouraria, 12 (tel. 860464).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98 - A (tels. 764629-768343).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miramar, R. Ernesto Silva, 212048)

CAXIAS NOVA:
Rua Bernardin Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS:
Alcântara Guerreiro, Parque Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691)

PAREDE:
Macau, R. José Elias Garcia, 60C (Tel. 2471785)

ESTORIL:
S. João ,s. João do Estoril (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL:
Costa, Av. Sabóia, 29 (Tel. 260085)

CASCAIS:
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte real, Bairro Caixas (Tel 282407)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA:
Confiança, Est. Militar Lote D (Tel. 9710231)

AMADORA:
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Tel. 938703)

QUELUZ:
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS:
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA:
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES:
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, (Tel. 234137)

ALHOR VEDROS:
Portugal, Av. da Bela Rosa, (Tel. 224250)

ALMADA:
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA:
Nopa Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO:
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273212)

COVA DA PIEDADE:
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)

MOITA:
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, (Tel. 239025)

MONTIJO:
Moderna, R. Batalhão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA:
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL:
Costa, L. da Misericórdia (Tel 22760). **Brasil**, P. do Brasil (Tel 24788)

SEIXAL:
Soromelho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

Aliança, Rua da Conceição, 2; **Bonfim**, Rua do Bonfim, 73; **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Correia**, P. Mous. de Albuquerque, 50; **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584; **Ferreira**, Praça D. Afonso V, 55-B; **Ferreira de Carvalho**, Rua do Bonjardim, 354; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449; **Henriques** Praça da Batalha, 64-64-A; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140; **Moreno, Lda.**, Largo de S. Domingos, 44; **Porto**, Praça da República, 22; **Prelada**, Rua Central de Francos, 316; **S. Diniz**, Rua de S. Diniz, 428; **Campos**, R. Pe. L. Cabral, 943 — Foz.

COIMBRA

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (tel 33120); **Nazaré**, Rua Ferreira Borges, 135 - 139 (tel 22605); **S. Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28 (tel. 24916).

cinemas

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
2.ª semana de êxito
(Grupo D. M. 18 anos)
TEMPO DE VIVER, c/Fanye Dunway, o diário intímo da vida de uma mulher

LYZ (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D. M. 18 anos)
A FILHA DE RYAN

IMPÉRIO (Teel 555134/5)
15.15 - 18 - 21.30
(Grupo D. M. 18 anos)
3.ª semana
O PEQUENO GRANDE HOMEM. Uma obra prima de Arthur Penn c/Dustin Hoffman e Faye Dunaway 70 m/m.

SÃO JORGE
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D . 18 anos)
Agora em écran grande e a cores «A 7.ª MULHER DE HENRIQUE VIII» com: Sidney James e Joan Sims

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
(Grupo D. M. 18 anos)
Sidney Poitier é o ESTRANHO JOHN KANE

POLITEAMA (Telef. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
Em 2.ª semana de êxito O BENEFÍCIO DA DUVIDA c/ Peter Sellers e Cyril Cusak

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
12.ª semana triunfal
LOVE STORY
C/Ali Mac Graw e James Olsen

ALVALADE
15.15 - 18.15 - 21.30
John Wayne em EU JULGAVA-O MORTO, MR. JACKE

ESTÚDIO 444
14.30 - 16.45 - 19.00
À noite às 21.45. (Grupo D M. 18 anos)
«Quando nos amámos» com Anouk Aimée.
00.30 h. só aos sábados «Doutor vamos a isto.

ROMA (Tel. 72778)
15.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
3.ª semana
Eastmacolor
«O DOCE CORPO DO DELITO» Victorio Gassman, Anna Mofo, Anita Ekberg

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
(Grupo D — M. 18 anos)
em continuação de estreia-3.ª semana em cinemascope e technicolor «O Comissario Pepe» c/ Ugo Tognazzi

EDEN
15.15 - 18.15 - 21.30
Um verdadeiro Western EU JULGAVA-O MORTO, Mr. JACKE

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - M. 18 anos)
DESPERTAR DUMA ADOLESCENTE e O ASSALTO À CIDADE.

ODEON (Telef. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
3.ª Semana triunfal c/ Sara Montiel, no filme que apaixonou as mulheres A AMANTE CANÇÕES MARAVILHOSAS EASTMANCOLOR

ESTÚDIO
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
Em 2.ª semana
Grupo A - M. 6 anos)
RUBINSTEIN, O AMOR DE UMA VIDA:

AVIZ
15.30 - 21.45
Lou Castell em OS ASSASSINOS TAMBÉM CHORAM com Mark Dammon. Eastmacolor

EUROPA
15.15 - 21.30
Grupo B (M. 10 anos). Technicolor. A CAVERNA DO HOMEM MONSTRO
18.15. Grupo A (M. 6 anos) «BAMBI»

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.00 (17 anos)
«E tudo o vento levou» com Clark Gable, Vivien Leigh

TIVOLI
15.00 - 21.30
Grupo B M. 10 anos)
Grande êxito do último filme de Jacques Tati SIM, SR: HULOT «TRAFIC»

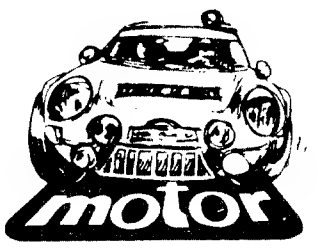
BERNA
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo C.M. 14 anos) 3.ª semana de êxito Arthur Hill, David Wayne e James Olsen numa espectacular aventura
A AMEAÇA DE ANDROMEDA, um filme de ficção em tecnicolor.

APOLO 70 (Telef. 763319)
15.00-18.15-21.30
(Grupo C-14 anos)
Em 9.ª semana IVAN O TERRÍVEL. Um filme genial de Sergei Eisenstein

ROYAL
15.00 - 21.00
(M. 17 anos) um êxito uma história inédita. O PATIFE O REGRESSO DOS SETE MAGNÍFICOS

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(M. 18 anos)
A ULTIMA FUGA c/ George Scott

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D. M. 18 anos
Em 11.ª semana MORTE EM VENEZA c/Dirk Bogard, Silvana Mangano e Björn Andresen



outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

VILLARET
20.45 - 23.00
«O aniversario da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00
«O Zé aperta o cinto»

A.B.C.
20.45-23.00
(18 anos)
«Saidas da casca»

VARIEDADES
20.45 e 23.00
(18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

CAPITÓLIO
21.45
(18 anos)
«A Querida Mamã»

LAURA ALVES
21.45
(18 anos)
«O Vison Voador»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Caligula»

COLISEU
21.30 (10 anos)
Companhia Internacional de circo.

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18.00 (10 anos)
«O Enigma da Esfinge»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«O Tesouro de Tarzan»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Os Condenados»

ARCO IRIS
21.30 (10 anos)
«Massacre no Forte da Perdição»

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Comissário Pepe»

ROYAL
21.30 (18 anos)
«O Patife»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Assalto ao carro blindado»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«O Pirata negro»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (18 anos)
«Diz-me que me amas Judy Moon»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«O Gigante»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (17 anos)
«E tudo o vento levou»

Palácio
21.30 (10 anos)
Tora! Tora! Tora!»

CASCAIS
S.José
21.30 (18 anos)
«A Ameaça»
«Le mans»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«O Inferno para mais um»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Vitória amarga»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Os Canhões de Navarone»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Os Maridos de Elisabeth»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (10 anos)
«Os abutres têm fome»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Honra da família»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos)
«O Pai da família»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (10 anos)
«A Rapariga e o grego»

COSTA DA CAPARICA
Copacabana
21.00 (10 anos)
«A filha do Maioral»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Rosas brancas»

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (10 anos)
«O INVENCÍVEL ROBIN DOS BOSQUES»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.15 (18 anos)
«A Rapariga do auto-stop»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos) «Os fidalgos da Casa Mourisca»

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
!O Circulo Vermelho»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Uma certa forma de amar»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«O homem que não matei»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos) «A Doce Vida de Casta Susana»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Vergonha»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Love Story»

TRINDADE
21.30 (6 anos)
«24 horas de Le Mans»

VALE FORMOSO
21.30 (17 anos)
«Passaporte para a morte»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Estocolmo — Berlim»

PASSOS MANUEL
21.30 (10 anos) «Corrida contra o destino»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«O Archeiro do fogo»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Valdez»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos) «O falso profeta»

TIVOLI
21.30(14 anos) «Odio Velho»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«O Falcão do deserto»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

VIELA Cantam Sérgio, Berta Cardoso Beatriz Ferreira Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa Beatriz da Conceição António Melo-Correia Maria da Nazaré Colaboração de João Braga e Vicente da Câmara Tocam Fontes Rocha José Luis Nobre Costa e Pedro Leal Encerra aos domingos Consumo mínimo 90$00 **Beco dos Curtumes, 10. Telef. 860816**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando Emilio Reis Luis Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo mínimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24 Telefs. 676655 e 672431**

BATACLAM Bar Discoteca Bar aberto das 19.00 as 3.30h Disc Aberto das 22.00 as 3.30h Noites de Paris em Lisboa Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigão, 39-A Telef 560430**

«A SERENATA» Cantam Cidalia Moreira António Rocha e Amelia Proença Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diario de Noticias, 122. Telefs. 32359 e 324381.**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Noticias, 107. Telef. 328307**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo Tina Ferreira Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo Os Arautos Tocam Liberto Conde e Americo Silva Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira Encerra as segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

D QUIXOTE BAR BOITE com Carlos Villaret e Tony Vieira Aberto até as 5 da madrugada Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9. Telef 327109**

TAMILA Marão e s/ conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé,69. Telef. 534117.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa Musica constante Encerra às 3.30 horas **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Musica constante **Calçada Marques de Abrantes, 64-66. Telef. 667264**

HIPOPPOTAMO Conj Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver **Av. Duque de Loulé, 73 Telef 530171**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefs 26451-264526-264596-264621-264946**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S Tome, 86. ABC Alfama Lisboa Telef. 861633**

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º?,º?E-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Um subcontinente em guerra

Em Dacca os soldados de Yahaya Khan prendem suspeitos

Por A. VILLAVERDE CABRAL

O subcontinente indiano, hàbilmente dividido em dois países e três partes pelos ingleses, envolveu-se, mais uma vez, numa guerra sem quartel. São 547 milhões de indianos e 163 milhões de paquistaneses que se vêem envolvidos nesta enorme explosão do terceiro mundo, como se a fome e a miséria mais negra não lhes bastasse já.

Para o presidente do regime de ditadura militar de Islamabad, a novel capital do Paquistão, considera este confronto «final» e «decisivo». Se o marechal Yahya Khan tem ou não razão só o tempo o poderá dizer. Contudo, uma coisa poderá ficar como certo. O conflito indo-paquistanês só se poderá considerar definitivamente resolvido no dia em que os falsos antagonismos religiosos, que os ingleses exploraram quando se viram forçados a conceder a independência à península do Industão, ficarem esquecidos e o subcontinente de qualquer forma unificado. Por enquanto, para os indianos e para o mundo em geral, a questão centra-se no Bengala Oriental. Aí reside a causa próxima do actual confronto e o governo de Indira Gandhi está disposto - pelas palavras e pelos actos - a resolvê-lo de uma vez para sempre, terminando com a dominação dos 78 milhões de bengalis orientais pelos dirigentes militares dos 58 milhões de paquistaneses ocidentais.

Para a Índia, a agressão começou quando a situação no Paquistão Oriental forçou milhões dos seus habitantes (a última contagem dava-os como sendo já nove milhões) a refugiarem-se no Bengala Ocidental, pertencente à Índia. Na verdade, o governo de Nova Delhi tem aí um argumento precioso, embora não totalmente abonatório da sua capacidade para resolver as questões internas. Salta aos olhos de qualquer pessoa que uma invasão de nove milhões de esfomeados se torna um peso incomportável para um país que não consegue dar de comer aos que já lá estão.

Mas a questão tornou-se terrìvelmente alarmante sobretudo porque a organização social indiana não se encontra preparada para tais emergências. Além das epidemias que logo grassaram entre os refugiados e da necessidade de lhes dar um mínimo de sustento (o que nem sempre, ou quase nunca, foi feito), a região viu-se a braços com um número enorme de desempregados que se oferecem por metade do preço de um trabalhador indiano, que, convenhamos, é dos mais mal pagos no mundo.

Tudo isto lançou naturalmente os indianos num apoio franco e aberto às forças do Bangla Desh. E aí voltamos ao cerne da questão. Por que razão se lançaria o Paquistão numa guerra que sabe só lhe poder ser eventualmente favorável momentâneamente? A razão só pode ver-se na situação interna do país.

Desde a independência em 1947 que a classe dirigente paquistanesa assentou a sua dominação sobre um tratamento colonial em relação aos habitantes do Bengala Oriental, que até são em maior número. As últimas eleições realizadas no Paquistão deram, como se sabe, a maioria à Liga Awamy do Xeque Mujibur Rahman. O facto não deveria surpreender, pois o xeque propunha-se lutar por uma maior autonomia da sua região o que, naturalmente, agradava aos seus constituintes. O resultado foi o que também se sabe. Adiamento **sine die** da reunião da Assembleia Nacional, proibição da Liga Awami,. revolta no Paquistão Oriental, repressão da revolta de forma violentíssima, prisão do «leader» bengali oriental. Daí aos refugiados e ao início da guerrilha não foi sequer um passo. Foi imediato.

A situação dentro da província paquistanesa do delta do Ganges e Bramaputra deteriorava-se dia a dia. O governo de Islamabad sentiu que a terra lhe fugia debaixo dos pés. Mesmo que a guerrilha do Mutki Bahini demorasse ainda muito tempo a obter uma vitória total, a verdade é que a base do sistema paquistanês estava a ruir. A situação era desesperada. Por isso, o marechal Khan, como bom militar, resolveu fugir para a frente. Como no caso do Biafra, trata-se de um separatismo que, para o governo central, é preciso evitar a todo o custo, pois ele significaria o fim do resto da nação ou, pelo menos, do seu presente sistema. Mas, ao contrário do Biafra, não se trata aqui de uma tentativa de alguns dirigentes empurrados por potências interessadas em petróleo, mas sim de um povo que dentro do seu território só conhece a miséria.

Mas, tal como o caso do Biafra, esta é uma das guerras possíveis do nosso tempo. Na verdade, as grandes guerras que envolvem as grandes potências, são hoje cada vez mais dificies e improváveis, se não mesmo impossíveis.

Poder-se-á dizer que por detrás dos dois países em conflito estão as três maiores potências dos nossos dias. E verdade. A China e os Estados Unidos (fujamos a tentações) apoiam o governo de Yahya Khan, enquanto a União Soviética tem tratados firmados com a União Indiana. Mas não cremos que nenhum deles venha a meter-se directamente na guerra, pois não se joga ali nada de decisivo para qualquer um. Mesmo que Pequim decida aproveitar a situação para dar um ar da sua graça, os outros dois supergrandes não se lançarão num holocausto mundial por uma questão que todos querem ver localizada.

restaurantes
premiados no concurso
A MELHOR EMENTA TURÍSTICA

ementa turística

A QUALIDADE DA
EMENTA TURISTICA
DEFINE
UM RESTAURANTE

SONANTE ET/PR 1

GALETO
RESTAURANTE DE 1ª LISBOA
ANTÓNIO
RESTAURANTE DE 2ª LISBOA
ABADIA
RESTAURANTE DE 2ª PORTO
ALPENDRE
RESTAURANTE DE 2ª LAGOS
PORTO DE ABRIGO
RESTAURANTE DE 3ª LISBOA

COMO VOCÊ GOSTA *

* filhos robustos:
ossos rijos,
bons músculos,
dentes sãos...
filhos alegres
e saudáveis.

Em cápsulas, puro, concentrado, o ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU «DIESE» é o melhor que você pode fazer pela saúde dos seus filhos.
E assim, em cápsulas, é tão fácil de tomar.

Peça ainda hoje uma embalagem de ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU «DIESE».

embalagens:
50 cápsulas . . . . . 25$00
250 cápsulas . . . . . 80$00
500 cápsulas . . . . . 150$00

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL
Avenida da República, 46 • Lisboa 1

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

Nas páginas centrais
João Jose Cochofel refere a aventura do

A CAÇA AO SNARK

Bonecos de JOHN TENNIEL para a edição de «ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS»

MANUEL JOÃO GOMES
FALA-NOS SOBRE
O QUE PODERIA SER
UM TEATRO
COM UM MÍNIMO
DE POSSIBILIDADES
PARA PREENCHER
UMA FUNÇÃO

Traduz-se neste momento em todo o mundo a «Caça ao Snark», poema de Lewis Carroll, obra prima da poética humorística; toda fundada em um "nonsense" que Breton chamaria surreal e a que, por agora, não vamos chamar nada senão parábola política (kultural). Passamos entretanto a descrevê-la:

Em caça de uma coisa chamada «ab initio» «snark» (palavra que não vem nos dicionários) desembarca na praia a tripulação de um barco: um sineiro, um padeiro, um legista, um banqueiro, personagens que o autor descreve ponto por ponto, até onde essa descrição é permitida pelo «Nada» que nesta expedição andam a fazer. Um antagonista acabará por aparecer nesta aventura __ é o medo que todos têm de, em vez do «snark», virem a caçar um «jujub», (palavra que também não vem no dicionário). Tanto a caçada como o poema terminam com o efectivo apanhar do tal «jujub». Consternação geral.

A quem aplicaremos esta parábola, a que realidade assimilaremos esta ficção do autor de «ALICE»? Ela é semelhante ao que se passa na expedição em que nos embarcam hoje e aqui, à hora não digo já da «rentrée» escolar, mas pode ser que da temporada talvez teatral.

Vasco Morgado abriu com umas tantas espectáculas. Mas o que Vasco Morgado é, é um marginal, trabalhando anàrquicamente, quase sem publicidade; tão ingénuo que não vê o que perde com afastar do teatro as lidas e ledas ju(jub)ventudes das sessões clássicas e dos estúdios, os fãs de Lauro António e etc.; e que a tentativa de representar Edward Albee não representa nada e, só com a crítica toda subornada, é que conseguirá ajuntar meia dúzia de espectadores: porque a peça, além de não «divertir» (como ele quer) não é uma «peça de qualidade» (como eles gostam).

Estamos a afastar-nos quer do mito **Hunting the Snark** quer dessa invenção **recente, reaccionária** e **maluca** de V.M. ser um marginal, trabalhando anàrquicamente. Não desliguemos: V.M. tem os dias contados e ainda mal, porque o que lhe suceder será ainda pior. Tem Vasco contra ele todos os «off-sets» dos suplementos que se envergonham do seu «Ancien Régime», ao mesmo tempo que promovem, entusiastas e progressistas, tudo o que não seja ele.

Vasco Morgado faz pena!

Vasco Morgado faz pena porque outro poder mais alto se alevanta (e mais forte) num momento em que nem é nada difícil erguer-se contra o que ele é de inofensivo, enquanto não lhe passar pela cabeça uma reforma. E faz tanto mais pena quanto nós todos ficamos na mesma, reduzidos a coisíssima nenhuma, quer Vasco caia quer ele se alevante. Porque a qualidade que os são luises, os calígulas e os jornais propagandeiam com as cores todas é mesmo propaganda da boa, a que Vasco não usa, a que Vasco, velho como está, não se resolve a adoptar. Se calhar porque a política dele é o trabalho.

Não acrediteis, irmãos na época teatral, na qualidade da época teatral que tendes à porta. Não acrediteis e ouvi agora o que na parábola do **HUNTING THE SNARK** vos é ensinado:

DE COMO A CRISE NÃO O É, POIS QUE NÃO CORRE PERIGOS A CHAMADA INSTITUIÇÃO TEATRAL

Crise é uma boa coisa. Que o seu reino chegue é desejável. Que não vai chegàr é mais que certo.

Observando o que vulgarmente se chama teatro aqui (e que não é diferente do que há nome teatro em outros lados) deparamos com objectos que existem sem qualquer razão de existirem. Não se pode, por exemplo, aplicar o nome de arte ao que se vê nas casas do teatro português __ onde se faz gala de ignorar tudo sobre uma gramática exacta, científica e em constante progresso; onde todos se honram de saber muito (tudo) sobre o que antigamente tinha na realidade o nome de **Estatuto da arte teatral** __ aterrador de simplismo e de caquectismo e de hermetismo e de academismo; onde se está satisfeito por ignorar tudo sobre um possível desenvolvimento no sentido de fazer mudar de rumo ou contrariar esse estatuto.

Quando entre nós se fala de crise; quando se diz melancòlicamente que, teatro entre nós é pouco e mau, ainda se quer dizer que entre nós não há quem saiba umas certas (quais?) regras de bem fazer um espectáculo teatral. Por aqui se há-de ver o tempo que demorará a descobrirmos quanto **o teatro-como-arte** é Coisa sem Função, Instituição Excessiva e, tal como se faz, Estagnação do **TEATRO CAPAZ DE TER UMA RAZÃO, EXISTIR PARA UM FIM E INVENTAR-SE COMO COISA IMPORTANTE.**

Instituição implacàvelmente fechada e inabalável, ninguém sente necessidade de a reinventar.

Nada se move adentro da instituição teatral; passou o teatro mais ou menos de pais para filhos, sempre velho e impotente, preenchendo hoje necessidades de algumas famílias, algumas profissões, alguns nomes, alguns inquilinos, algumas letras (literatas).

De crise, portanto, não é honesto falar. Não há crise, porque no teatro o que se impõe é **o convencional** sobre **o novo**; é o **estabelecido** e o **definido** quem vinga e não se notam nem sinais do que se possa chamar o poder jovem. Que esse sim, era capaz de estabelecer uma crise, pondo em risco a instituição.

A satisfação de duvidosas ou falsas necessidades, tem pois sido a razão de haver, relativamente florescente, um teatro em nossos dias. E nesse campo Armando Cortez e Carlos Avilez não são fenómeno a distinguir de Roger Planchon e Arnold

Continua na pág. seguinte

A caça ao Snark

NEW THEATRE-ou o teatro com uma função; outra; «O Bood and Flesh Theatre Action», à entrada do Museu de Arte Moderna de Nova Yorque, em intervenção. «Negue-se ao teatro o ser arte se toda a arte não for teatro».

Weesker __ porque se trata de uma comum negação ao incómodo de reflectir (pensar de novo) a função dessa coisa chamada teatro e porque uma tal doença não sentiu ainda necessidade de médico.

Para onde vai isto tudo? A pergunta parece dramática, mas não tem sequer razão de ser: não vai para lado nenhum; tudo vai ficar na mesma; o poder do convencionado-estabelecido-definido está de pé e pouco há que se preocupar com o pôr das mais simples questões.

Como por exemplo: para que serve isto tudo?

II O FIM, PORTANTO, DO TEATRO COMO ARTE (ESPECTÁCULO) PARA PASSAR A SER UMA ACTIVIDADE OUTRA

Uma arte terá razão de existir quando tiver razão de existir no lugar e com a função de arte. Pelo que se tornaria necessário definir a arte e sua função __ e para não termos que perder tempo, definir a arte a que chamam teatro. __ Procurando as primitivas funções da **actividade teatral** e a definição original do **lugar** que, por acaso, o teatro alguma vez tenha preenchido.

Voltar ao tal princípio. (Procurar as estruturas?)

E, a propósito, será então que o teatro (a história do teatro) ainda vai no princípio?

Será que o teatro preencheu primitivamente um lugar, mas deixou, hoje, de ter uma função?

Por acaso não terá acontecido ao teatro ter-se deixado afogar, para já, pela literatura __ a qual é uma manifestação mais forte e integrável nas ideologias dominantes sobre as «culturas?»

Não será ao fim e ao cabo, a função do teatro, uma auto-injecção no estabelecido?

A resposta a todas estas perguntas é sim. E a última de todas dá a chave para uma **definição de teatro**, que procurávamos. O carácter que o teatro tem de ser uma «arte» a fazer com o corpo (se possível nu) e não uma «arte» feita com pincéis, celuloide, mármore, violinos, farrapos ou letras __ esse carácter define o teatro como qualquer coisa capaz de, **ao ser feita, como sempre o foi, colectivamente**, de ver uma actividade que **realiza**, contestando-os e significando-os, **mundos vivos de homens vivos, a tomar consciência de que o são**.

III AQUI SE VAI CORRER O RISCO DO HISTORICISMO

Digamos a priori que o risco de voltar atrás (para o reencontrar com o teatro em seu tempo e espaço) se corre aqui por causa de ser impraticável o encontrá-lo nas estruturas dessa coisa viciada e transtornada

Godard: o voltar do Cinema para Grifith e Eisenstein.

Primeira constatação:

A actividade dita teatro têm primitivamente lugar como manifestação colectiva. Na tribo africana toda a manifestação de vida em comum tem a ver com a arte. E teatral a caça e a pesca e a guerra e os rituais sagrados __ tudo está envolvido em teatro, havendo desde já a notar que nada disso se confunde com espectáculo. (1)

O espírito do teatro presidirá e é indissociável da feira-festa religiosa medieval.

O medievo teatro eclesiástico ou «brecht», o didacta, «avant la lettre. (2)

O teatro em Atenas é a suprema manifestação da cidade democrática (até certo ponto, não?)

Os primeiros a pôr, nos dias de hoje, a questão da função do teatro foram os pintores americanos depois de 1947. (4) A ACTION-PAINTING era o seguinte: pintar e esculpir passa a ser **uma actividade que um indivíduo realiza** e não o objecto que se realiza; o pintor tem razão de ser enquanto pinta e deixa de a ter depois de ter pintado. Em vez de **pintura** ser o que se vende e se pendura na parede, passa a ser o **acto de pintar**. Donde que ao teatro haveriam de, com o dobro da razão, o definir **como o acto de fazer teatro**, em vez de ser o bem montado objecto espectacular, que se pode ver sentadamente depois de comprar o bilhete. E John Cage, inicialmente pintor, haveria de dizer e fazer isto ao nível do **«espectáculo»** musical: o **concerto** tem de ser uma acção. Colectiva. Que adquire o valor máximo na expressão comunitária. É livre e desregrada. É um «happening».

Liberdade e **comunidade** erguem-se hoje como regras básicas no fazer do teatro. Revelam-se também como capazes de, finalmente, restituírem ao teatro a **função** que sob a sua forma de espectáculo tradicional, perdeu, perdida que esta a **função artística** paralela à do cinema, televisão, desporto de bancada. Por aí o teatro voltará ao lugar que parece ser o seu, em vez de se confinar (definir em) na condição de parente pobre das artes espectaculares.

O **acto de fazer teatro** opõe-se pois ao **teatro representado**, oferecido a quem o queira ver (quando não imposto a quem o veio espreitar) __ sem violência nem eficácia, preso só às três paredes de um palco mais ou menos aberto na boca e inclinado no soalho.

Depois de Artaud, o **New Theatre** vem revelar a teatralidade como a violência essencial do acto até hoje dito artístico **Arte é o que de teatro houver na manifestação dita artística**.

E aí se define a função política da arte __ no estar tomada de teatro.

Será que é preciso dar definições escolásticas? Vem o teatro a ser **toda a acção COMUNITÁRIA, feita num LUGAR NOVO ou TRANSFORMADO, com vista a SIGNIFICAR O (a vida) REAL, através de formas de jogo realizadas por HOMENS (NUS)**

Uma tal definição ultrapassa os limites de, por exemplo, outras que colocam o teatro como representação ao vivo do real __ definição que o senso comum, bonsenso como é, não desprezará por agora. E contudo, nada mais falso, como acção social, do que representar o real. E se o Teatro é isso __ como se mostra que é __ nada há tão sem razao.

IV SEJAM ENTÃO ALGUMAS IDEIAS CAPAZES DE PROVOCAR UMA CRISE NA INSTITUIÇÃO TEATRAL

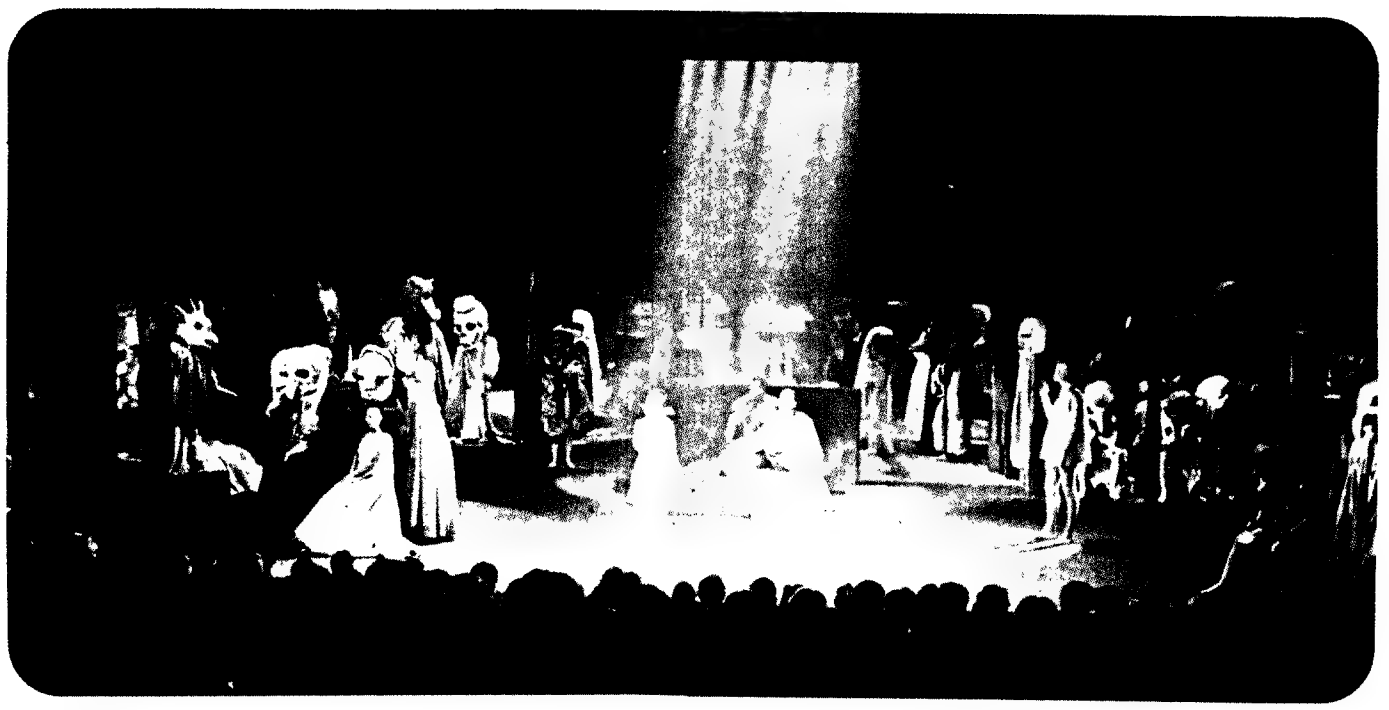
Acima se falou dos modos de exercer o teatro.

Reconhecida a não-função da arte teatral, no caso de ela ser ; e reconhecida a função à parte que ao teatro convém forma vitaminada de literatura (como até hoje lhe tem acontecido ser.); e reconhecida a função àparte que ao teatro convém como capaz de envolver todas as artes sem por elas ser formado, dando a todas o seu carácter intangível e superabundante __ reconhecido isso, trata-se de iniciarmos o teatro restituído àquilo que profundamente ele é.

Para isso se nega ao teatro.

__ que continue a ser uma arte feita por autor, em que um todo-poderoso encenador dirija o funcionamento de um sistema de exploração de pessoas, impondo-se como artista, personalidade demiúrgica e aproveitando-se como duma coisa sua se nega ao teatro que seja, como até agora, um serviço prestado a este ou aquele texto literário; e responsabilizamos para já os literatos da estagnação e deformação do teatro: quer dizer que de momento é necessário negar tudo, de Sófocles a Brecht, passando por Gil Vicente e Henry Miller

__ se nega ao teatro que seja uma arte,, enquanto a arte não começar a ser um teatro



__ se nega ao teatro o direito de continuar a fazer vigorar, dentro de si, relações entre pessoas tal como lhe têm sido marcadas; como libertação de homens, na sua totalidade de homens, o teatro não poderá aceitar para si um conceito de relação a que se apliquem os cristianíssimos termos de humildade, disciplina, organização. Na base do que se disse no 1.º parágrafo.

__ se nega ao teatro toda e qualquer forma de se exercer a não ser de forma comunitária, manifestando, no modo como é feito, o que nunca lhe foi ou será possível no resultado final. Aí começará o teatro, à custa da morte da arte teatral. Que já não serve.

V O QUE SERIA POIS UM TEATRO COM UM MÍNIMO DE POSSIBILIDADES PARA PREENCHER UMA FUNÇÃO

O **Jovem Teatro** sempre impôs a si mesmo uma forma de vida que fosse, em si mesma, mais que um divertimento ou didactismo, o exemplo de uma forma de estar no mundo.

Ao teatro agora se terá de exigir que seja pobre, dado que a instituição teatral central subsiste como organismo que tem a ver, sob todas as formas com a actividade mercantil. Um teatro, a funcionar, terá que ser radicalmente pobre e mostrar-se como tal, ao ponto de fazer da pobreza um sinal daquilo que pode chamar-se a sua gramática estética, se é que isso tem razão de existir; porque também **pobreza** vem a querer dizer renúncia a essas gramáticas, por amor de uma actividade orgulhosamente livre e sobretudo liberta.

A isto se liga depois o aspecto principal de que temos falado e que se define como função do teatro __ o facto de o teatro ser por definição uma acção comunitária. Porque é feito por pobres e se nega aos dogmas dum estatuto estético, o teatro é também o caminho para uma aprendizagem de relações inter pessoas: o teatro estuda e é já, antes de mais, uma aprendizagem vital. Antes (e pelo contrário) que uma representação do real.

Um teatro de pobres, comunitário, pobre e desregrado, capaz de realizar **in se** a aprendizagem de novas relações __ esse será aquele para que temos de caminhar decididamente e, esse sim, poderá **PREENCHER UMA FUNÇÃO HOJE NA CIDADE**. Ao contrário de um teatro para pôr à venda, que será eficaz ùnicamente para um comércio capitalista; ao contrário de um teatro para divertir que será eficaz na alienação; ao contrário de um teatro caro e rico (de esteticismos e materiais para lá do corpo humano) que será eficaz como impostura ao contrário de um teatro artístico e cultural.

Que se poderá fazer de momento? Não é de bom aviso que nos iludamos: os grupos universitários podem já hoje ser capazes de inventar o teatro como actividade comunitária, ao mesmo tempo científica, com a eficácia que a um teatro universitário se exige. A visão que o espectáculo do «Teuc» deu de «HAMLET», por superficial e restrita, não satisfaria; pode porém ser um princípio de acção que, levada às últimas consequências, ensinará ao teatro outra função e outra forma de exercício. Mesmo que os críticos não queiram entender.

A longo prazo tem o teatro feito por grupos populares trabalhadores e cientìficamente dirigido, a possibilidade de chegar ao exercício de uma actividade teatral em que uma cultura própria apareça à luz para ser vitalmente assumida.

Ao teatro profissional bom é entretanto que se aconselhe: não queiram enganar-se nem enganar-nos __ vendam o mais que possam e façam os bonitos que souberem.

Notem-se pois os limites __ onde começa e acaba o teatro ainda vigente: __ Brecht acaba quando começa a ser posta em questão uma fórmula estética que tudo deve às fórmulas instituídas; aí começa New Theatre, o qual acaba onde começa Grotowsky e o estudo científico, ainda no princípio, de um corpo que experimenta encontrar-se para se libertar; Grotowsky, por sua vez, acabará no dia em que o teatro para elites se reencontrar como actividade capaz de se tornar colectiva e capaz também de adquirir a ciência de uma cultura nova e inventada: aí começa também a ter um lugar a coragem de cada um dos homens vivos, capazes de necessitar ardentemente a harmonia consigo mesmos, com o cosmos e com os outros. Estas coisas são afinal todas o mesmo; já não são o mesmo (portanto repugna) os operários fabris __ a representar Arthur Miller __ encenados por Jacinto Ramos __ num concurso oficial...

MANUEL JOÃO GOMES

(1) Elie Faure __ **L'Esprit des Formes** __ Pg. 130-1; Poche-**1966**

(2) La cité Grecque de Gustave Glotz-ALBIN MICHEL __ **1966**

(3) Frank Jotterand __ **Le Nouveau Théatre Américain** e Françoise Kourilsky __ **Créer un, deux, plusieurs théatres radicaux** in **Travail Théatral n.º 1** respectivamente Ed. Seuil (col. POINTS) e La Cité __ **1970.**

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

RATO

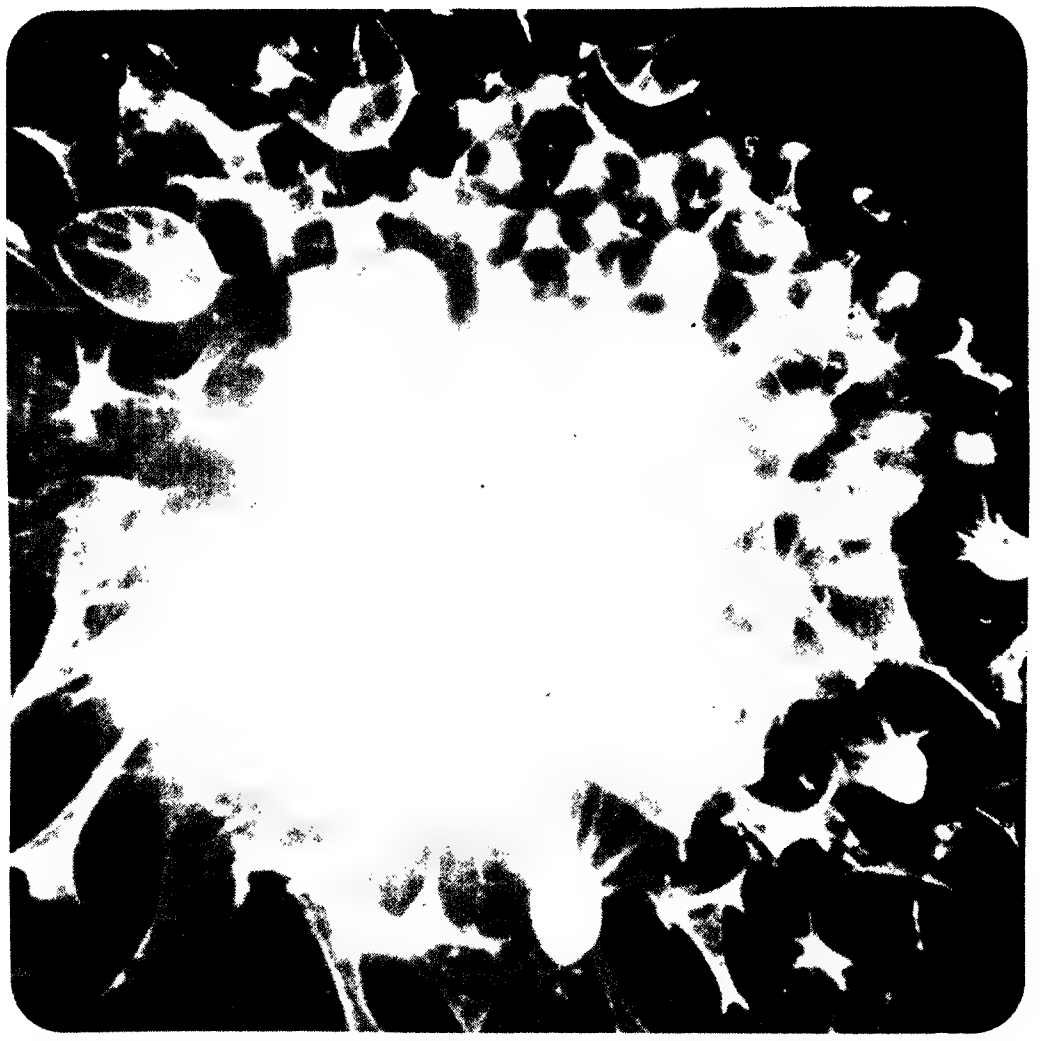
Obturações; Extracções; Correcção de dentes; Dentaduras
Preços de Policlínica — Consultas das 9 às 20 horas
Calçada Bento da Rocha Cabral (ao Rato)
Telef.. 68 41 91

Ainda sobre o "Vocabulário de Psicanálise"

Algumas reacções provocou o texto de Pedro Luzes sobre a tradução portuguesa do«Vocabulário de Psicanálise», publicado neste Suplemento no dia 14 de Novembro.

Entre elas, sem dúvida a mais séria e melhor fundamentada, é a de Maria Filomena Folgado.

Aqui a deixamos portanto publicada para consideração e juizo dos leitores interessados.



De MARIA FILOMENA FOLGADO

No dia 14 do corrente mês, no «Suplemento Literário» desse Jornal e incluída no título «Vocabulário de Psicanálise e outros livros recentes de psicanálise, em português», veio a público uma crítica da edição portuguesa (Moraes, Editores) saída há pouco, do «Vocabulário de Psicanálise» - obra francesa - de Jean Laplanche e J.B. Pontalis, assinada pelo Exmº Sr. Dr. Pedro Luzes.

A sua crítica é bastante desfavorável, afirmando mesmo, o seu autor, que «esta edição portuguesa do Vocabulário da Psicanálise não pode vir a ocupar o lugar importante que lhe seria destinado...» e que «...ficará apenas com uma tentativa gorada, como demonstração da improvisação nacional», em oposição à excelência da obra original e da categoria dos seus autores.

Perante afirmações tão duras, cuja clareza não deixa dúvidas acerca da opinião do crítico no que respeita à referida edição, parece-me do maior interesse ver das razões em que se apoiou para tomar tal posição.

As acusações feitas podem, quanto a mim, dividir-se em dois grupos:

1º - A falta de clareza do texto, «...em muitas passagens...»;

2º - A inadequada terminologia usada.

Quanto ao 1º grupo, nele se incluem «lapsos (grátis) frequentes: aspas que não são fechadas, traços de união erradamente substituidos por travessões, etc.»

Até aqui, tenho que estar de acordo com o crítico, pois são inadmissíveis, em textos impressos e muito menos em obras científicas, desleixos deste tipo, (mas que todavia, parecem já ser uma instituição nacional e de que o «Diário de Lisboa» é um dos indesmentíveis representantes), sem dúvida susceptíveis de dificultar ou atraiçoar o real sentido dum pensamento.

Incluem-se, ainda, no 1º grupo, os erros referentes aos inconvenientes duma tradução «à letra», palavra por palavra... (mesmo) ... em expressões idiomáticas francesas». Tais erros são ilustrados com dois exemplos:

1º - (da pág. 103) - «A noção de clivagem... é definida no **quadro** de uma reflexão sobre as psicoses...» (o sublinhado é meu).

Propõe o crítico, como mais correcto: «nasceu de uma reflexão sobre as psicoses» ou «aparece na perspectiva de uma reflexão».

2º - (da pág. 172) - «...no **seio** do aparelho psíquico» (o sublinhado é meu).

Quanto ao crítico, melhor seria: «no funcionamento do aparelho psíquico».

Ora, o que chocou o crítico na 1ª frase, foi a tradução literal de «cadre» para **quadro**. Se, no entanto, recorrermos a um dicionário de português, encontramos, entre outros significados da palavra **quadro** o termo **panorama** e como significado de **perspectiva** (proposição do crítico), também o mesmo termo: **panorama**. Assim, se **perspectiva** não seria inadequado, **quadro também não, pelo que o sentido da frase não está comprometido. Se fosse adoptada a frase: «nasceu duma reflexão sobre as psicoses», a ideia do (s) autor (es) (do original) não ficava inteira e rigorosamente expressa por omissão do tal quadro** ou **perspectiva**.

Na 2ª frase, é **seio** («sein», no francês) que o Exmº Sr. Dr. Pedro Luzes propõe que deveria ter sido substituída por **funcionamento**.

Aqui, pela leitura do texto original, pode compreender-se que, primeiramente, Freud, utilizava o termo «Ich» («moi», em francês) como designativo «da personalidade no seu conjunto», enquanto que, mais tarde, o utiliza como designativo duma das instâncias do aparelho psíquico, isto é, uma das suas componentes, passando a localizá-lo num todo (aparelho psíquico), **dentro** dum todo, onde lhe «são atribuídas funções bem determinadas». Daí a palavra **seio** estar correctamente utilizada em português como o «sein» o foi em francês. Mais uma vez, a clareza do pensamento original não foi traída (o tradutor não está tão mal informado como parece ao crítico) e que, por certo, sê-la-ia se, por fuga a uma tradução à letra, se caísse na libérrima tradução de «sein» para **funcionamento** (!).

Vejamos, agora, as acusações que englobei no 2º grupo, as referentes à terminologia.

Antes de mais e para melhor compreensão da minha posição, convém que exponha como entendo o que seja uma correcta terminologia das ciências:

Enquanto na linguagem utilizada nas relações sociais ou na literatura (literária) se pode admitir e até desejar, que um termo signifique várias coisas ou uma coisa seja designada por vários termos (nisto reside uma das riquezas dum idioma), já numa ciência, tal não posso aceitar: cada um deles **só** deverá significar, referir-se, ou designar um objecto **concreto**, um **determinado** conceito, uma acção **precisa**, etc., **inerentes à ciência em questão** e inaplicável aos conteúdos de qualquer outra e **muito menos aos da linguagem «corrente»**. De resto, não há sombra de originalidade nesta opinião, igual à de tantas pessoas idóneas.

Ora, nas ciências ditas Humanas, em particular, não se observa, na maior parte dos termos utilizados, este cuidado, antes se adopta uma terminologia tirada, infelizmente, ou de outras ciencias ou do vocabulário «corrente», em que, ainda por cima, o mesmo termo é, com frequência, usado em diferentes acepções.

Não tenho, portanto, dúvidas que a necessidade de estabelecer, para estas ciências, vocabulários estritos, minuciosos, inequívocos, se impõe com a máxima premência.

Não posso e, todavia, fazer questão das raízes em que possa vir a ser organizada essa terminologia, isto é, que os termos provenham do latim, por exemplo (dado ser uma língua em desuso, proporciona a vantagem de evitar dúvidas por confusão com vocábulos existentes nas línguas vivas) ou doutros idiomas em uso, por construção de neologismos, mas que garantissem a especificidade dos conceitos de termos impróprios, já tão abundantes, complicando, cada vez mais, o problema das terminologias, ao momento suficientemente complexo, na **falsa** defesa do idioma português. Mas, como se sabe, nunca ele nem qualquer outro, foi prejudicado (antes pelo contrário) com a introdução de novos termos: e afinal, como nasce um idioma? Claro que, a formação e adopção de neologismos tem hoje, num verdadeiro idioma, sem dúvida, de revestir-se de cuidados necessários a uma **justa** defesa do português, o que caberá ao filósofo em diálogo com o cientista.

Pois o Exmº Sr. Dr. Luzes se, por um lado defende a criação, para a Psicanálise, de uma terminologia a adoptar em Portugal, não aceita, por outro lado, que ela vá enraizar no latim (e no grego?), ou seja inspirada nos vocabulários estrangeiros, do que resultaria o que chama de «francesismos e brasileirismos» (neste último caso nem se trata duma língua estrangeira). Todavia, estes pruridos não o impediram de empregar na sua crítica a expressão «constata-se» e, concerteza que emprega sem qualquer repugnância, palavras tais como: **lanche**, **bebé**, **futebol**, neologismos de origem francesa e inglesa e que já fazem oficialmente parte da nossa língua, sem a sua ofensa. julgo que, também, não substitui por outras, as palavras **esquizofrenia** ou psicose (ambas de origem grega) e que, como as anteriores, são já pertença oficial do português.

Dada a sua opinião, não tolera que na referida edição, figurem os termos:

da pág. 429) «Perlaboração», propondo «**elaboração**»

(da pág. 441) «Posteridade, posterior, posteriormente», propondo «**diferido**» e

(da pág. 421) «Pára-excitações», propondo «**barreira protectora contra os estímulos**» (os sublinhados são meus)

Sem propor termos que poderia julgar adequados, visto conhecer a minha incompetência para tal, permito-me ùnicamente, perguntar ao crítico:

- Os termos que propõe, nos dois primeiros casos, servirão exactamente (ou, pelo menos, mais exactamente que os da nossa edição) aos conceitos em causa?

- Não acha que «elaboração» e «diferido» por pertencerem à linguagem «corrente» e já serem utilizados nas ciências Humanas, passariam a ter ainda mais outro significado?

- Acha que os responsáveis pela tradução estavam insensíveis ao perigo em que incorreriam, por ligeireza na substituição dos termos, caindo em erros ainda maiores do que os que porventura já podem advir da fidelidade aos mencionados no original, em português?

Não nos podemos esquecer que uma terminologia não se estabelece definitiva e rigorosamente ao traduzir uma única obra, no tempo limitado que esse trabalho ocupa. E caberá, aos tradutores, sòzinhos, essa tarefa?

Por outro lado, a impossibilidade da superação total deste tipo de obstáculo não deve ser, absoluto, impeditiva de se traduzirem obras da importância da presente; de contrário, de um mal, de certo, mais ou menos grande, vai-se cair num outro ainda maior: a ausência de fontes de informação (nem todos são poliglotas!). Relembro que, no Prefácio desta obra, Lagache refere as dificuldades sobre a terminologia, também sentida para a criação do «Vocabulário de Psicanálise», mas nem por isso se deixou de ir para diante e obter-se os resultados que merecem o elogio do Exmº Sr. Dr. Luzes.

Quanto à proposta para o terceiro caso: «barreira protectora contra os estímulos», pergunto:

- Não é ela, já em si, um conceito?

- Como designaria esse conceito?

É provável que ao escolher, ou antes, ao obedecer aos vocábulos e termos em português (usados por um país de idioma português) que contam do original, não fosse sempre, uma atitude plenamente aceitável, mas a terminologia do Exmº Sr. Dr. Luzes não me parece melhor.

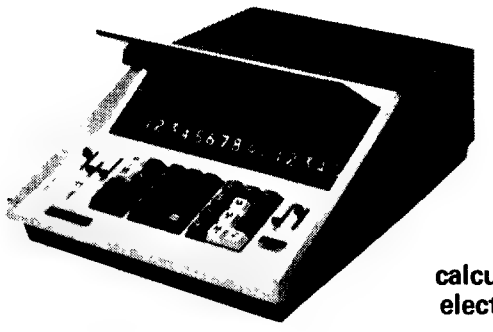
Além disto, se esses termos são utilizados no Brasil (e ainda mais, se estiverem estabelecidos como definitivos na terminologia psicanalítica o que, é certo, duvido), qual o motivo duma tão grande repugnância em adoptá-los entre nós, já que a., o ensino, a prática e até a investigação da Psicologia estão muito mais propagadas e desenvolvidas do que aqui? Este enjeitar sem mais aqueles aliados aos tais medos de ferir o nosso idioma e à inércia dos nossos psicanalistas e psicólogos, em geral, em se juntarem a filólogos (o trabalho é de todos eles e demorado, porém viável) impede um acerto da terminologia, deixando-nos de mãos a abanar e com a boca cheia de frágeis defesas da língua materna e de impropérios ao trabalho alheio.

Outros erros concretos que o autor da crítica aponta são os da utilização de «ego», «superego» e «pulsão» que, quanto a ele, deveriam ter sido substituídos por «eu», «supereu» (ou «sobre-eu» (?), que os péssimos trabalhos de revisão e/ou composição do Jornal, transformaram, por fusão de **eu** com **ropeu**, em «europeu» (?)) e «impulso ou instinto».

Continua na pág. sete

PLANO

rigorosamente cerebral



calculadoras
electrónicas

SONY.

Programa de 111 passos
Sete registos de memória e memória total
Simplicidade operacional e de leitura
Circuito integrado e Monolítico
Raiz quadrada automática
Arredondamento automático
Cálculo instantâneo, preciso e silencioso

SOBAX — ICC — 1500 E - simples
SOBAX — ICC — 2500 E - programável

NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRAFIA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3º - Telef. 77 91 51/5 — LISBOA 1
PORTUGAL

A PROPÓSITO DO

GRANDE DICIONÁRIO DA LITERATURA PORTUGUESA E DE TEORIA LITERÁRIA

Entrevista com
JOÃO JOSÉ COCHOFEL

A grande aventura de um dicionário

Há meses, neste mesmo suplemento, saudámos o aparecimento do fascículo n.º 1 de uma obra a muitos títulos importante: O Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, dirigido por João José Cochofel para as Iniciativas Editoriais. Logo nessas 48 páginas profusa e inteligentemente ilustradas fomos sensíveis à extrema qualidade das primeiras entradas do «Dicionário», confiadas a um escol de colaboradores que, pela lista impressa na capilha, se nos afigura incluir pelo menos o melhor, o mais sério, o mais informado da cultura portuguesa de hoje. Sob nenhum pretexto, escrevemos então, devia o leitor ignorar o acontecimento. Relativamente atrasado (por motivos que João José Cochofel adiante explica), aí está agora o fascículo n.º 2. Mais: o director promete regularidade de publicação.

A entrevista concebida meses atrás demorou òbviamente o que o próprio **Dicionário** demorou a reaparecer. Eis que se encontram. A primeira pergunta, claro, diz respeito ao atraso mencionado.

«O atraso deve-se ao facto de os editores entenderam aproveitar este intervalo de alguns meses para lançarem o **Dicionário de Literatura** enquanto ultimavam o **Dicionário de História de Portugal**, dirigido por Joel Serrão. Mas penso que doravante a regularidade está assegurada».

«Os colaboradores têm correspondido?»

«Sim, a maioria dos colaboradores tem correspondido à iniciativa de uma maneira que eu, para falar com franqueza, estava longe de esperar. Não apenas na qualidade e na pontualidade de entrega dos originais, muitos deles firmados por nomes prestigiosos nacionais e estrangeiros, mas dando-me ainda sugestões utilissímas Aliás, e repito o que já tive ocasião de escrever na **Apresentação** distribuída com o primeiro fascículo da obra, o **Dicionário** não é meu, é deles, e só graças a eles será possível».

ANOS DE PREPARAÇÃO

Uma obra da envergadura desta exige muitos trabalhos convergindo para o trabalho final comum. Quantas pessoas envolve, pois, o **Dicionário**?

«São mais de duzentos colaboradores, nacionais e estrangeiros», diz-nos o autor da **Iniciação Estética**. «Mais estrangeiros, até, do que nacionais. Entre estes, seria ingrato se não citasse especialmente uma figura de primeiro plano, o prof. Manuel Rodrigues Lapa, para lhe agradecer pùblicamente a sua ajuda, os seus conselhos, os seus ensinamentos, que de muito me valeram na fase de preparação do **Dicionário**».

Mais concretamente, como se estende no tempo a preparação de uma obra tão ambiciosa como é este **Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária?**

«A preparação levou anos. Houve, primeiramente, que consultar grande número de fontes de informação para estabelecer o ficheiro, e depois proceder ao recrutamento dos colaboradores, por toda a parte onde soubesse que existia um especialista em determinada matéria».

«Já nos disse que os estrangeiros são em maior número do que os portugueses. Muitos brasileiros? Muitos espanhóis?».

«Temos brasileiros, espanhóis, e também italianos, franceses, holandeses, alemães, ingleses e norte-americanos».

SEIS MIL ENTRADAS

Como funcionam as duas centenas de colaboradores? Como foi gizada a estratégia da obra? Responde o seu director:

«Qualquer dicionário serve para informar, para tirar dúvidas. Ora o meu intento foi que este informasse o mais possível, tirasse o maior número de dúvidas. Estão previstas cerca de seis mil entradas, que se completarão umas às outras por um sistema de remissões. Por vezes, a complexidade ou a multiplicidade de aspectos de certas matérias levou-me a distribuí-las por vários colaboradores, consoante a sua especialidade. No próximo fascículo aparece já um caso desses, com o tropo «Alegoria», tratado por um especialista de Retórica, Rosado Fernandes, e seguido de um artigo sobre «A alegoria na Literatura Portuguesa», a cargo de Jorge de Sena».

Uma precisão em tempo:

«Todas as definições teóricas são acompanhadas de citações e exemplos tirados de autores portugueses e nalguns casos estrangeiros».

TAMBÉM A «TEORIA LITERÁRIA»

Já no fascículo n.º 1 a amplitude do **Dicionário** é um facto: de par com entradas para escritores como Ruben A., Augusto Abelaira, Augusto dos Santos Abranches, aparecem outras dedicadas a personagens de ficção (Conselheiro Acácio), jornais e revistas, instituições culturais, noções literárias, territórios com cultura própria, etc., etc., para darmos uma ideia, imprecisa embora, da diversidade do(s) trabalho(s). João José Cochôfel explica-nos a propósito:

«O **Dicionário** abrange toda a literatura portuguesa, desde os seus primórdios até aos nossos dias, e consigna os autores de todos os tempos que ofereçam algum interesse, sem esquecer os jovens de hoje já com provas dadas e incluindo mesmo os estrangeiros que nos têm prestado atenção. Mas pareceu-me que o esforço ficaria incompleto sem a inclusão de rubricas consagradas ao que designarei genèricamente por problemática literária e de notícias sobre as obras que em particular se distinguiram pela qualidade ou por motivos de qualquer outra ordem, sobre algumas personalidades mais salientes e paradigmáticas, e ainda sobre as revistas e jornais literários que de há século e meio para cá constituem as mais sensíveis antenas dos movimentos, das correntes e das tendências».

«Mas o **Dicionário** intitula-se **da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária**. Porquê essa distinção?»

«Porque, se há problemas e aspectos literários que dizem respeito apenas à literatura portuguesa, outros há que são comuns a toda a literatura. Com a designação muito larga de «Teoria Literária» quís portanto agrupar os temas de Teoria e Filosõfia da Literatura, Estética, Linguística, Gramática, Poética, Estilística e Retórica, e outras disciplinas ligadas ao exercício da palavra escrita e oral».

Uma derradeira palavra sobre o aspecto exterior da obra: a sua apresentação é cuidadíssima.

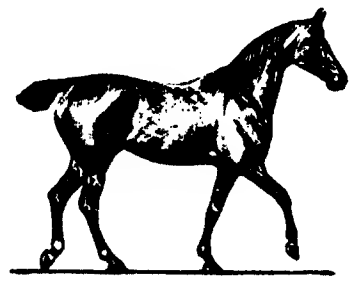
«Sim, o **Dicionário** tem uma boa apresentação», concede o seu director. «Mas isso já não pertence ao meu pelouro. Deve-se ao bom gosto do Vítor Belém, o director gráfico. Eu limito-me a escolher as gravuras, ou a sugerir certas ilustrações. Sei que o leitor gosta de «ver» aquilo de que lhe falam. E tenho-me esforçado por satisfazer-lhe a curiosidade, apesar de neste ponto serem grandes as dificuldades de pesquisa, por não haver ficheiros e serviços públicos bem organizados nesse sentido. Dificuldades acrescidas com o moroso funcionamento dos serviços fotográficos da Biblioteca Nacional».

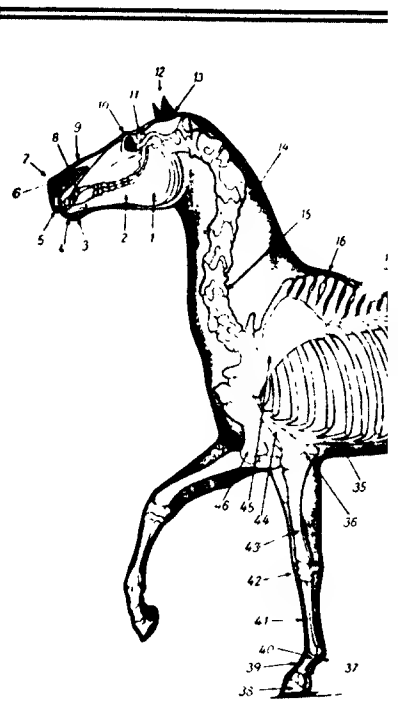
Pronti

E de repente «o saltador em altura/conseguiu transpor/ dois metros e vinte;/músculos a ascenderem/só por si; o treino, a obsessão: à neve,/ no estádio sem ninguém.» É o novo livro de poemas de Carlos de Oliveira, um belo e grave livro, acontecimento maior deste ano da graça de 1971. Depois de «Micropaisagem», volume de abertura dos cadernos de Poesia D. Quixote, esperámos 34 meses por notícias do poeta, que entretanto cedia lugar ao romancista, ao ensaísta e ao memorialista. Ei-lo de regresso com «Entre duas memórias», n.º 21 da citada colecção.

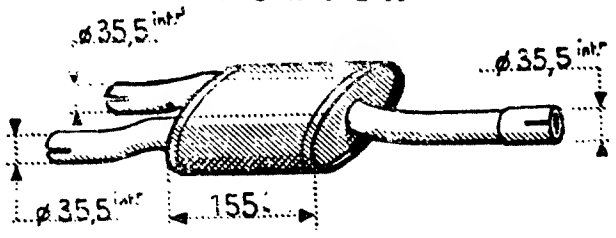
Se muito se escreveu acerca de **Micropaisagem**, muito se escreverá, arrisca o Prontuário, sobre esta recolha subsequente. Ela está conforme com o que disse em 1969 Nelson de Matos: «é do rigor que nos fala Carlos de Oliveira, é à exactidão que aspira toda a sua linguagem poética». No rigor, na exactidão (dir-se-à rigor e não rigidez, exactidão e não infalibilidade) parece o poeta mover-se agora mais à vontade: livre de toda a ganga, a sua voz ressoa como um severo, porém límpido cristal.

Entre duas memórias, que inclui um ciclo de poemas já inserto no n.º 1 dos textos **Outubro,** de seu título (mas a conotação aqui é outra) **Cristal em Sória,** avulta no panorama da poesia que hoje se faz em língua portuguesa pelo perfeito domínio da matéria verbal; pela proposta de clarificação que traz implícita (no extremo oposto vemos Herberto Helder); pela coerência impla-





SILENCIOSOS E TUBOS DE ESCAPE
BORTEX



O nosso fabrico está garantido, por processos modernos todos mecanizados assim como a montagem rápida a preços excepcionais
Consulte-nos e verá
SEDE: Rua Marquês de Fronteira, 110 P P C 651945-650763-680788
FÁBRICA: Rua Vitor Cardos, 10-12—PONTINHA—Telef 990051
SECÇÃO DE MONTAGEM DE ESCAPES: Rua do Arco de Carvalhão, 75-A — LISBOA

MODELO 707

SURDOS
CASA SONOTONE

Há muitas casas da especialidade... mas... SONOTONE há só uma. NÃO CONFUNDAM! Trocas, facilidades de pagamento, tudo encontrareis inclusivé os aparelhos populares que continuamos vendendo por 2.500$00, com garantia.

As nossas CASAS esperam-vos:

Em Lisboa, Poço do Borratém, 33 s/l. — Telef. 86 83 52
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.° — Telef. 3 56 02
Em Angola, R. António Enes, 42-2.° Apart.° 26 — Luanda

uário das Letras

CARLOS DE OLIVEIRA

cável de uma poética que abomina a desmesura; enfim pela defesa intransigente do homem contra as forças aniquiladoras ou tão-só alienantes. Um grave, um grande livro de um poeta que, como o saltador do poema, transpõe a fasquia à custa

ÁLVARO GUERRA

da «obsessão» e do «treino». Um grande poeta em forma.

MAIS POESIA

Há mais poesia a recensear. Por exemplo os **Poemas inactuais** de Raul de Carvalho (Poetas de Hoje, Portugália Editora), que não devemos ignorar. Bastante «fora do circuito», o poeta de Alvito tem-se visto forçado a editar por si o que em muitos países interessaria qualquer editora de poesia com um programa correcto. Personalidade-charneira, estreia-se em 1949 **(As sombras e as vozes)** para seis anos depois, com **Poesia**, antecipar alguma coisa que comummente se diz ser do início dos anos 60. Cremos que um dia se lhe fará justiça: merece-a como poucos. E oxalá o interesse da Portugália queira significar o termo de uma situação deprimente.

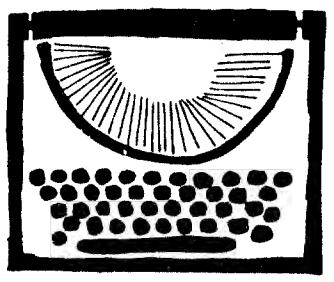
Poeta com editor certo (a Verbo), António Manuel Couto Viana publica agora **Pátria exausta**, volume precedido de um estudo de Eduino de Jesus. O responsável do programa televisivo **Convergência** vê «sob o **manto diáfano** da ironia» de A. M. Couto Viana «uma consciência angustiada mas vigilante do homem contemporâneo, ameaçado de extinção violenta, mas ainda procurando ilusões onde esconder a cabeça como o avestruz.». Mas quando lemos um poema como **Registo** («E duro e com bolor/Qualquer resto de pão que me consagre./E o vinho do amor/Sabe-me sempre a vinagre.//É minha condição/Este enlaçar o corpo do prazer/E pedir-me perdão/De não me arrepender») estamos diante de uma outra e irremediável ilusão: a de uma poesia datada que não descobre o modo de revivificar-se.

Rápida recensão: a D. Quixote lançou a 2.ª edição da **Antologia breve** de Pablo Neruda, vertida para português por F. A. Pacheco. Do mesmo poeta, com trabalho do mesmo tradutor, sairão brevemente as versões de **Veinte poemas de amor y una canción desesperada** (edição bilingue) e **Una casa en la arena.**

NOVA PROSA

Inesperadamente não é um romance que nos dá Alvaro Guerra, mas uma colectânea de textos, alguns curtíssimos (e alguns entrando pela poesia dentro). **Memória**, uma experiência que a Estampa abona com a sua chancela, tem de estimulante duas coisas: a pesquisa formal e a coragem intelectual. Trata-se porventura do livro mais importante de Guerra, e isto sob a aparência de uma obra feita em amálgama. Se repararmos melhor, porém, **Memória** possui a coesão dos livros perfeitamente controlados: a exclusão de um texto que fosse prejudicá-lo-ia. Depois, aborda vários tabus com aparente sem cerimónia. Também se repararmos melhor não é sem cerimónia, mas coragem, e em vão procurar-amos na narrativa portuguesa de hoje, para além de dois ou três casos exemplares, quem como Alvaro Guerra tenha decidido falar do que verdadeiramente nos **toca.** Menção especial para o conto **Ponta Tenente,** onde as propostas de Gabriel Garc a Márquez foram inteligentemente assimiladas.

Reencontro, de Vicente Campinas (Colecção Planeta, edição Razão Actual), junta duas novelas para nos transmitir em globo a visão de um mundo empenhado na sua transformação. Personagens lutadores enchem as 120 páginas do volume: a sua generosidade comove-nos e faz incidir a mais crua das luzes sobre a nossa imobilidade. Libelo, apologia, longo poema ingénuo a espaços, **Reencontro** fala-nos do povo com palavras despojadas. Sem ser um grande livro, chega quase a ser um livro importante pela sua lição.



«CRÍTICA»: VAMOS LER?

Vamos ler «Cr.tica»? Parece que temos mesmo de ler: é importante. Propriedade e edição de Eduarda Dionísio, com direcção de Jorge Silva Melo, o jornal (mensal) vem tentar arejar o panorama cultural português, analisá-lo com o possível rigor,dar conta do que se faz, e como, e porquê, ou do que se não faz, idem, idem. Dezasseis páginas cerradas, ricas de conteúdo, vivas de tom. Custa sete e quinhentos. Maço e meio de cigarros com filtro.

«Cr.tica» apresenta, logo no primeiro número, muito material de interesse. Por exemplo uma longa e bem conduzida entrevista com Augusto Abelaira; um «Elogio do nosso teatro de revista», de Luís Miguel Cintra; um penetrante, apesar de curto, estudo de Eduarda Dionísio sobre os **EXERCÍCIOS de ESTILO** de Luís Pacheco; dois artigos sobre **Uma abelha na chuva**, o romance e o filme; etc., etc.. No etc., incluímos as notas críticas e (pág. 16) uma secção ao ataque, «Sublinhados nossos». Vamos ler?

ALMADA ENSAÍSTA

Esse que Jorge de Sena classificou de «pessoa admirável» também ouviu Fernando Pessoa dizer: «Almada Negreiros, você não imagina como eu lhe agradeço o facto de você existir.» A Estampa acaba de distribuir o vol. 5 das Obras Completas de Almada, primeiro dos dois programas de **Ensaios**. Abrange 21 anos de actividade: desde 1927 **O desenho**, conferência proferida em Madrid e reproduzida n' **A Ideia Nacional** até 1948 (**O pintor no teatro**, texto inserto num programa do Teatro-Estúdio do Salitre).

Sobretudo inclui um inédito, **Os pioneiros - para a história do movimento moderno em Portugal**, onde se lê, a propósito do grupo do **Orpheu** («um grupo de **élite**, sem chefes e todos autores») que «nenhum de nós sentia a mínima curiosidade por política». Mais: a revista teria aparecido «num meio hostil, congestionado de realidades políticas que tiranizavam exclusivisticamente todo o país.»

EDITORA EM FOCO

Em foco as Edições 70, de Lisboa, cujo programa de qualidade se confirma. Surgida há meses, a jovem editora fez depois disso uma pausa prolongada, como que à procura de balanço.O último lançamento é importante: além da 3.ª edição de **O que é a inflação**, de Armando Castro, que já vai espectacularmente em 13 mil exemplares, temos na mesma série **O que é a reforma agrária**, de Blasco Hugo Fer-

ALBERTO FERREIRA

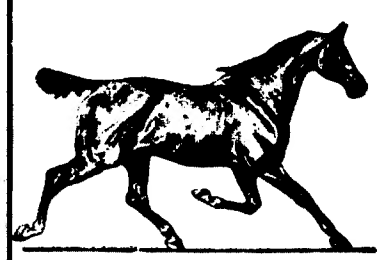
nandes, onde a situação da agricultura portuguesa vem tratado com profundidade (incidência particular no fomento da motomecanização e no novo regime cerealífero), e uma obra de grande fôlego, **Perspectiva do Romantismo português**, de Alberto Ferreira.

Este livro de Alberto Ferreira bastaria para projectar o autor para a primeira linha da cultura portuguesa se acaso ele já lá não estivesse desde pelo menos o fascinante **Diário de Édipo**, que a Seara Nova reeditou há pouco. Articulando com brilho as linhas de força do movimento romântico no nosso país, propõe frequentemente a **releitura** dessa época e sistematiza-a em três compartimentos: dois deles paralelos (iluminista, com Garrett à cabeça, e sentimental, representado principalmente por Herculano) e um terceiro (social) na sequência da vaga revolucionária de 1848. Exemplo da **releitura** de que falámos: o terceiro romantismo«antecede, prepara e explica» a Geração de 70. Sugerira-o entretanto Victor de Sá, mas Alberto Ferreira carreia para esta área de investigação a força persuasiva do dinamizador.

PRONTO PARA LER

CARPENTIER, Alejo: O grande romancista cubano começa a interessar as nossas editoras. E assim que a Presença lhe traduziu **El reino de este mundo** (1949), tremendo relato situado na côrte haitiana de Henry Christophe. Violência, tirania e botões de latão.E uma soberba linguagem que a tradução portuguesa procura transpôr sem o conseguir inteiramente.

D' AUREVILLY, Barbey: Na Estampa (colecção Livro B) a versão de um romance de 1854 assinado por um cristão intransigente e vingativo, sobrado do século XVIII, mas não obstante com o estofo de Walter Scott (**apud** Albert Thibaudet). Referimo-nos a **A embruxada**. Para os leitores de magazines franceses esclarecemos que Barbey d'Aurevilly é o autor de **Le chevalier des Touches**, título de uma muito celebrada série da TV gaulesa.



Sob o signo do cavalo

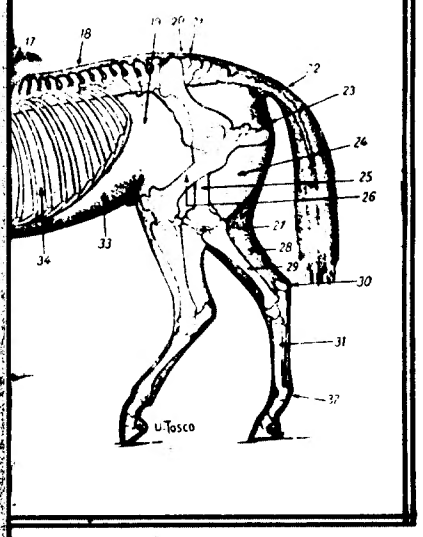
Ignoro quais as repercussões que os acontecimentos de que vou dar notícia poderão provocar nas secções horoscópicas dos periódicos, em particular, e na ciência astrológica, em geral. Mas o certo é que não existe, pelo menos até à altura, tal signo como que acima se enuncia, e a sugestão dum «aggiornamento» horoscopal ocupou, sou forçado a confessá-lo, parte das minhas recentes cogitações. Pelo menos, no que diz respeito à oportunidade de admissão de alguns susignos, por assim dizer, de efeitos temporais mais reduzidos - semanais, por exemplo.

Nomeadamente: como causa imediata da proposta, e, ao mesmo tempo, como primeira possibilidade de aplicação, menciono a passada semana de 8 a 14 de Outubro.

A coisa começou por um pressentimento. Vago. Pois um punhado de vezes passara já pela livraria, no passeio exposta, frente à estação do Rossio. Sem qualquer relance, circunstancial que fosse, de há muito habituado, como estava, ao inevitável estendal de foto-novelas e estimadíssima edições de obras, não passadas da meia dúzia de exemplares efectivamente vendidos e das muitas centenas entregues ao quilo pelos habituais pontos de distribuição do género - ali, no Coliseu, no Parque Mayer, no Saldanha, e nuns tantos mais.

Mas a paragem deu-se. Involuntária? Ou compulsiva de algum modo, como mais tarde não pude deixar inquietantemente de sentir, sem saber bem porquê?

E a verdade é que comprei. Juntamente com outros três títulos, porventura mais sugestivos, uma brochura quáse a desfazer-se:



BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS / CADA VOLUME 50 REIS «O EXTERIOR DO CAVALLO» / 1886, David Corazzi, Editor

Abri ao acaso. Uma curta passagem saltou-me então à atenção:

Expressão moral - Os olhos são o espelho fiel e verdadeiro, onde se vêm reflectir todas as paixões do animal, a sua indocilidade, coragem, malvadez, dor, etc. Basta às vezes examinar o seu olhar para agoirar logo da natureza dos sentimentos, que o agitam... Nas raças finas os olhos são grandes e resplendecentes, parecendo emitir jorros de luz.

Nos sendeiros são baços e lânguidos, e muitas vezes pequenos.

Um exemplo velhíssimo a desfazer-se, entre outros três, porventura mais sugestivos. A suscitar, todavia, o começo da conversão insidiosa do pressentimento numa suspeita.

Quinta-feira, no fim da tarde. A rotineira acumulação de outros vespertinos, por causa do suplemento. E já no primeiro folhear descuidado e de circunstância pelo restante corpo do jornal, lá vinha em grandes parangonas:

Por FERNANDO ARROIO

NA GOLEGÃ a feira de S. Martinho (grande exibição do Cavalo) começou hoje animadamente.

Foi nesta altura que dei uma grandessíssima palmada mental no lado de dentro da testa: a notícia, lida não me lembrava já onde - mas ainda dentro da mesma semana - da inauguração dum hipódromo, acontecimento e local fundamentais para a conveniente promoção da criação do cavalo nacional. Uma criação que se impunha.

Devia estar febril. Porque saltei imediatamente para o suplemento; não verifiquei, como só mais tarde dei conta, que a Agustina não vinha na primeira página; nem as mãos do Medina travaram a busca precipitada que as minhas mãos prosseguiam sem objectivo aparentemente consciente; até que a meta inevitável arrivou, como que pirèticamente predestinada;

Afirmações do grande crítico francês (Prof. René Huyghe): ...Guernica é a luta de um cavalo com um touro e nada tem que ver com a especulação

Continua na página seguinte

NOVA CARREIRA

LISBOA — SETÚBAL

COM PARTIDA E CHEGADA À PRAÇA DE ESPANHA (JUNTO AO METROPOLITANO) E PASSAGEM POR ALCANTARA

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE de JOÃO CÂNDIDO BELO & C.ª, LDA.

VILA FRESCA DE AZEITÃO - TELEFS. 22 80 29 - 22 80 62 - 22 80 78

INICIA NO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 1971 A CARREIRA LISBOA — SETÚBAL, COM O HORÁRIO SEGUINTE:

Partidas de: LISBOA	Partidas de: SETÚBAL
07,30	00,25 (e)
07,50	07,30
08,00 (f)	07,40
08,30	08,15 (b)
13,00	11,05
14,05	11,30
14,25 (a)	11,40
17,00	15,02
17,45	18,15 (b)
18,30 (b)	19,00
20,15 (b)	19,41 (f)
20,35 (c)	19,55
21,00 (d)	21,05

Efectua-se diàriamente

OBSERVAÇÕES

(a) — Ao sábado, excepto se coincidir com feriados nacionais equiparados.
(b) — Excepto aos domingos e feriados nacionais equiparados.
(c) — Nos dias 14/Agosto e 24/Dezembro, excepto se coincidirem com sábados, domingos ou 2.as feiras.
(d) — Ao domingo excepto se este dia coincidir com véspera de feriado nacional equiparado; nesse caso a viagem será transferida para o dia seguinte. Nos dias 14/Agosto e 24/Dezembro, excepto se coincidirem com 2.as feiras ou sábados.
(e) — Aos domingos de Julho, Agosto e Setembro e, no dia 14/Agosto, excepto se este coincidir com 6.ª feira ou sábado.
(f) — Efectua-se diàriamente. A partida e chegada em Lisboa, destas viagens, verifica-se na Avenida 5 de Outubro, 54-C.

NOTA: Esta carreira substitui a que a Empresa explora com partida e chegada a Alcântara. Peça-nos horários detalhados.

SOB O SIGNO DO CAVALO

Continuação da pág. anterior

política que se faz em volta da tela.»

Tremia. Lá estava finalmente, localizado na pista do meu interesse, como previsto, o cavalo. E foi a altura de começar a reagir.

Se eu fosse um tipo que entrasse na obra de arte, logo de caras, pela via extrínseca, havia de ter feito o que muito boa gente, escandalizadíssima, provàvelmente faria. Qualquer coisa como tenho aqui à mão a Enciclopédia Britânica, por exemplo. Uma fonte imediata, conveniente, porque longe de qualquer suspeição de «parti-pris» contestável; meramente informativa. As duas entradas referentes à «Guernica» participam:

PINTURA: ...em 1937 (Picasso) produziu o seu famoso painel mural «Guernica», destinado ao pavilhão espanhol da esposição de Paris. Este grande mural, pintado em preto, branco e cinzento, foi concebido como protesto contra a destruição da cidade basca Guernica, por bombardeiros alemães a soldo do Gen. F. Franco Bahamonte.»

PICASSO: «O deflagrar da guerra Civil Espanhola, que impressionou grandemente Picasso inspirou a grande e dilacerante composição «Guernica» (1937; Museu de Arte Moderna, Nova Iorque).

Aguentemos, porém. Vamos aceitar a obra de arte, **em si**, como o ponto de arranque suficiente e necessário para todo e qualquer juízo de ordem crítica. Pois bem: temos então a luta entre um touro e um cavalo. E daí?

Lembrava-me ainda vincadamente da primeira vez que uma pequena reprodução da tela, no abrir inconsciente dum album ou de uma revista, me gritou aos olhos à cara, a todo o meu físico e psíquico, o mundo incompreensível de traços cortados, de formas em choque, de obsessiva uniformidade cromática; a revelação, o apelo, a chamada para uma angústia, uma perplexidade de que ignorava o nome - o de uma guerra? o de uma injustiça revoltante? o de uma destruição cruel, inútil e absurda? conceitos isolados que desintegradamente tentavam penetrar pela fronteira das lembranças remetidas, não sabia quando, para um canto qualquer da minha subconsciência (ou inconsciência?) de ser humano à procura da definição necessária que os articulasse e resolvesse duma vez para sempre. Um choque, e uma **impressão** inicial também, sem dúvida. Mas um ponto de partida, também **coerente**, porque situado na obra, e que, pela sua específica natureza, impunha o prosseguimento: PORQUÊ?

Com que então, a luta entre um cavalo e um touro? Aceitemos, porque não? MAS É ISSO, TUDO?

Porquê o cavalo? que cavalo? Porquê o touro? que touro? **Onde a arte? Onde a projecção** numa universidade de teor humano para justificar a sua existência sim, sem mais molho?

Na verdade, e em matéria de molho, o Prof. Huyghe dissera **antes**: «o êxito de Picasso encontra-se na forma como o artista conseguiu exprimir a tensão do nosso tempo, na forma como pintou a discordância do homem com uma força violenta». Pois. Mas acrescenta: «No fundo, o que ele traduziu sempre e o que fez a sua grandeza, foi a luta entre o touro e o cavalo. Que é a «Guernica»? A luta de um cavalo com um touro, quanto a mim sem nada que ver com a especulação política que se fez em volta da tela». Um mero cartaz de propaganda ao toureiro equestre, portanto.

Pois, outra vez. O que me parece, no fim de contas, como um tremendíssimo mergulho, vertical, de cachola, no mar dessa mesma especulação política.

Apenas duas últimas notícias (nesta altura já marginais):

PARA QUANDO A FEIRA NACIONAL DO CAVALO? POIS SERÁ JÁ PARA O ANO (no mesmo vespertino)

Continua a ouvir-se o «Cavalo à solta», a canção (na rádio)

FERNANDO ARROIO

Com o lugar de honra à sua mesa de festa

Whisky King George IV — um ponto a considerar numa selecção dos melhores whiskies escoceses

Mercier — um nome, um champanhe, entre algumas das melhores marcas do mundo

Cointreau — sabor internacionalmente único

Vermute «Carpano» — numa linha que vem desde 1786

Cerveja «Carlsmunder» — entre outras de fama mundial

Aguardentes nacionais e estrangeiras

Gins nacionais e estrangeiros

Vodkas

Espumantes nacionais

Vinhos de mesa nacionais e estrangeiros (verdes, maduros e rosés)

Brandies nacionais e estrangeiros

Vinhos do Porto, Madeira e Gerês

Licores nacionais e estrangeiros

Conhaques e Armanhaques

Em atraentes embalagens para as suas ofertas de Natal.

Representante e distribuidor:
ANTÓNIO A. TEIXEIRA, LDA.
LISBOA - PORTO

MATISSE E ARAGON

Por ALAIN BOSQUET EXCLUSIVO «LE MONDE» - «D.L.»

Auto-retrato de Matisse

Aragon visto por Matisse

O «Matisse» de Aragon, de que há meses se ouvia falar, apareceu finalmente nos escaparates das livrarias. São dois grossos volumes, cujo valor os coloca imediatamente entre os mais belos livros de arte. Baptizada de «romance» («Henri Matisse, roman»), esta obra é composta por textos escritos a partir de 1941, e muitos deles já foram publicados. Os capítulos antigos são enriquecidos de comentários e por aquilo a que Aragon chama «parêntesis». Os textos inéditos incluem treze capítulos muito importantes.

As reproduções são de qualidade excepcional: mais de cento e vinte cores, assim como um número impressionante de desenhos e fotografias de Matisse. As reproduções das obras-primas ocupam páginas inteiras; há, aliás, um equilíbrio vivo e sàbiamente estabelecido entre a tipografia e a imagem.

LONGA AMIZADE

Que poderá haver de comum entre Aragon e Matisse? Não pertencem à mesma geração. Nem sequer o temperamento os aproxima. Serão capazes de dialogar? Matisse, como homem, era delicado, um tanto erótico e voltado para dentro, a ponto de parecer tímido ou reservado. Aragon é nervoso, brusco, insolente.

O pintor atingiu o génio como que devido a um lento e feliz devotamento: é a graça natural, a que se acrescenta uma graça estudada que nunca vai até ao maneirismo. O poeta é de génio muito diferente: de desafio, primeiro, à emoção, a seguir, mostra-se tão consciente das suas descobertas como público e comunicativo. O pintor inscreve-se no seu tempo quase sem lhe dar importância e como se, na escolha dos temas e das belezas, lamentasse o passado. O poeta aferra-se ao seu século, luta com ele, sucumbe, triunfa, vive de riscos, de estratégias, e, quando o domina, não se coibe, se preciso for, de o espezinhar. Matisse trabalha na solidão e não proclama que o faz. Aragon justifica-se, fustiga os outros e não detesta fustigar-se a si próprio: a tribuna fornece-lhe entusiasmos quotidianos e como que a forma mais sonâmbula da sua inspiração.

Desta incompatibilidade poderia ter nascido em 1941, quando se encontraram em Nice, como que uma enorme curiosidade e um «coup de foudre», entremeados de manobras de aproximação, de timidez, de mal-entendidos. Mas não: o encontro foi cordeal, a princípio, sem brilho. O acaso, a mútua estima, a França depressa, poucas palavras, poucos gestos. Tudo banal, nessa banalidade, qualquer coisa que se assemelha a um mutismo caloroso. Também não se aperceberam de que as obras de um e outro seguiam caminhos que nunca seriam paralelos.

Seja porém como for, o primeiro encontro bastou para que Aragon, durante vinte e sete anos, pense na obra de Matisse, escreva sobre ela, a assimile, nela participe. **«Henri Matisse, romance»** é a colagem, a desmontagem — noções muito matissianas — desta longa amizade amorosa e pudica. O livro tem duas faces: revela-nos tanto Matisse como Aragon, de modo que temos de o considerar um diário íntimo a duas vozes. E Matisse visto por Aragon, e o próprio poeta se revela diante do pintor.

O CONVÍVIO COM OS PINTORES

Aragon não abdica de nenhum dos aspectos do seu estilo, tal como o conhecemos desde os «anos sórdidos»: uma gama completa, a que não falta o poeta dadaísta e surrealista. Eis-nos perante o historiador e o cronista: os primeiros encontros, as telas que evoluem lentamente para de súbito se simplificarem numa radiosa palpitação, os inúmeros retratos de Luis e Elsa, a grave operação de Matisse, que pede aos médicos mais três ou quatro anos de vida para terminar a sua obra, quando ainda tem treze à sua frente, o doente que, cheio de paciência, pinta a felicidade e a alegria.

Um outro capítulo é consagrado à autobiografia, tendo a história como pano de fundo. Outro ainda fala de arte: não de crítica mas de filosofia, em termos resolutamente inimigos de qualquer teorização. Há notas lapidares que vêm por vezes corrigir um texto antigo ou acrescentar esclarecimentos sobre o que continuava obscuro nesta ou naquela interpretação de um quadro.

Acrescentam-se paralelos entre poetas, para se desculpar de que o convívio com os pintores não seja para o escritor mais do que uma armadilha: inebriante, por certo, mas perigosa.

Noutro ponto o poeta e os seus versos: talvez o que melhor captou a essência de Matisse, porque precisamente se debruçava sobre ele como criador e não como analista; a quente, quantos tesouros se descobrem ao ceder à descoberta do outro! O polemista também, o homem partido, que se bate contra a sedução que o arrebata. Quanto a Deus, estes dois descrentes — o pintor que prepara a sua capela e o poeta que de entrada recusa todo e qualquer compromisso — chegaram quase a separar-se. O moralista? Quase nunca: aqui e ali Aragon fala de França, e de Matisse, como de um jardim à francesa.

A piedade — como qualificar esta admiração mesclada de ternura e moderação? — impede-lhe as grandes tiradas eloquentes à Malraux.

«No fundo todos os meus livros», afirma Aragon, «escritos ou sonhados, terminados ou perdidos, nunca foram outra coisa senão parêntesis entrelaçados. Com este romance do pintor, a diferença estava em que o não podia (ou pelo menos não queria) disfarçar.» Excelente definição da variedade de Aragon perante a unidade de Matisse.

Se o sereno — e muito previsível — caminhar do pintor se encontra em todas as páginas deste romance, trata-se do problema de que Aragon se acerca de mais perto. Vem várias vezes à carga e termina, graças à sua ideia preconcebida de multiplicidade de estilos, por enunciá-los de maneira fascinante. Mas detém-se diante da solução demasiado límpida ou falaciosa: a aproximação inspirada lhe basta, e trata-se, assim, de justiça feita a Matisse. O mesmo acerca do «sinal»: esta perpétua depuração do objecto ou da linha que começa nos confins do realismo e termina no símbolo exemplar.

E temos o estudo das cores, que escondem como que «cores de ideias»; entre o ver e o reflectir não existe como que uma passagem imperceptível, em que desaparecem as meias-tintas inúteis? Encontramo-nos sempre com Matisse em plena luz, porque o imponderável, o invisível, devem nascer da própria evidência. O mesmo se passa com os objectos: os seus atributos tangíveis, vasos, frutos, toalhas, que o artista pinta e repinta até à saciedade, como se no termo da sua idealização existisse uma promessa de misticismo, à maneira das naturezas mortas de Zurbarán.

São admiráveis as páginas de Aragon sobre a semelhança. Claro, Matisse pinta conforme a natureza e em presença de modelos. Mas em que se tornam eles? Libertam-se deles próprios mas não perdem substância; perde particularidades sem perder a essência; ao serem alegremente expressos, interiorizam-se e proclamam a sua eterna fragilidade. Matisse talvez conseguisse, muito simplesmente, elevar os seus objectos e as suas figuras femininas a um nível para lá deles próprios, a uma confortável e luxuriosa atitude, que poderia ser a de uma tímida e mal entrevista espiritualidade. Covém, no entanto, conservar intacto o mistério do pintor. O respeito de Aragon consiste também em não insistir na análise do belo, sob o pretexto de a ele nos converter.

Um livro de imagens terá necessidade de palavras? Vulgarmente os textos limitam-se a um estudo histórico e umas tantas referências. Quando têm a pretensão de extrapolar, perdem-se na eloquência e abastardam a obra glorificada. Os «parênteses» — e o «romance» que constituem — têm uma virtude tónica: aprofundam o que analisam e recusam-se a fazer-lhe concorrência. Uma espantosa gama de estilos e de humores dá às imagens de Matisse tanto como uma súbita vivacidade como uma imprevista dimensão. Aragon não nos revela o pintor: confirma-o. O que é mais raro e mais justo.

«Anémonos e mulher», um Matisse da época «Fauve»

Ainda sobre o "Vocabulário de Psicanálise"

Continuação da página três

O crítico baseia a pertinência das suas propostas nos factos de:

1º - «ego» e «superego» serem de origem latina e pertencerem às terminologias inglesas e brasileiras.

- E onde está o mal de qualquer das coisas?

Se propõe o «eu» como substituto de «ego», é por que, provàvelmente, deveríamos seguir o exemplo dos franceses que traduziram «Ich» para «moi» (eu).

No entanto, os franceses, além do **moi**, têm ainda, o **je**, puderam, até certo ponto, escolher (o que ainda não os livra de confusões com o termo), mas se nós usassemos o «eu» como tradução do «Ich», lá o teríamos a servir para designar uma das instâncias do aparelho psíquico, segundo Freud e para, por exemplo, designar uma das características da linguagem da criança entre os 2,5 e 3 anos. Para quê aumentar a confusão?

2º - «Pulsão» ser «um vocábulo só usado pelos franceses e que soa bastante mal na nossa língua.

Tanto quanto me conste, **pulsão** não é uma palavra francesa, quando muito a tradução mais ou menos correcta de «pulsion». Mas pondo de parte este meu preciosismo, que mal há, mais uma vez pergunto, em que seja utilizada por outros países?

Quanto a soar mal, é uma questão de gosto pessoalíssimo e, por isso mesmo, bastante discutível, não tendo, esse facto, nada que ver com a propriedade ou não do termo usado, que é o que importa. Mas eu até posso aceitar que a estética sonora não deva ser menosprezada. Nesse caso, e apesar de não o referir, é muito provável e lógico que o Exmº Sr. Dr. Luzes ache que Id» («Es») devesse ser substituído por **isso**, para ficar tudo em bom português: **isso, eu, eupereu**. E este **isso**, acha que soa bem?

Para superar o grande defeito (?) do termo **pulsão**, surgem o de **impulso** ou, nada mais nada menos, o de **instinto**.

Impulso, ainda vá (mas até nem é original: na edição francesa figura como usado na nossa língua), mas **instinto**!!!

Acha o crítico que **impulso** (substituto de pulsão mas, claro, mantendo o conceito) é sinónimo de **instinto**, quer este seja tomado no sentido clássico, quer no sentido freudiano?! Valha-nos Deus! É impossível que não seja gralha (caso contrário o Jornal que me desculpe); não posso acreditar que o Exm. Sr. Dr. Luzes ingnore as diferenças (grandes). De resto, a edição original do «Vocabulário da Psicanálise», eluci-da-nos perfeitamente, a esse respeito. Felizmente que neste caso não cabe afirmar-se que as «...indicações (do Exmº. Sr. Dr. João dos Santos) não foram seguramente utilizadas».

Posto tudo isto, parece-me que os erros (?), «escolhidos ao acaso» (o acaso pode ser traiçoeiro!), apontados pelo crítico, não são suficientes, quer em número, quer **particularmente** em gravidade (se é que se podem considerar como erros), para poderem anular o esforço (até ver, meritório) que o trabalho, de qualquer forma, traduz.

Teria, pois, o crítico, de procurar defeitos de maior monta e arranjar sugestões mais interessantes. Se tiver tempo e paciência e vier a encontrar aqueles e a arranjar estas, dará, então, uma prestimosa contribuição à defesa do justo crédito e compreensão de que a Psicanálise ainda não desfruta totalmente em Portugal.

Se se quedar onde ficou, apenas restarão e por pouco tempo, palavras como «gorada» ou «improvisação que, dada a pobreza em que se fundamentam, se revestem da simplicidade inerentes à destruição.

Seguidamente à crítica a que me venho referindo, dá ainda, o Exmº Sr. Dr. Luzes, breves pareceres a propósito de outras edições portuguesas de obras sobre Psicanálise.

Referindo-se à «tradução espanhola das Obras de Freud da Editorial Biblioteca Nueva de Madrid...», mas sem mencionar o seu autor, considera-a «confusa e pouco digna de confiança».

A tradução para castelhano das Obras Completas de Freud e que essa edição utiliza, data dos anos 20, foi feita por Luis López-Ballesteros y de Torres e foi revista pelo próprio Freud que envia, de Viena, àquele tradutor, com data de 7 de Maio de 1923, o seu parecer em que diz:

«.....pude...verificar o acerto da sua versão espanhola das minhas obras, cuja leitura me causa sempre muito agrado **pela correstíssima interpretação do meu pensamento** e elegância do estilo. Admira-me, sobretudo, como, não sendo, o senhor, médico nem psiquiatra de profissão, conseguiu o **domínio tão absoluto e preciso** duma matéria assaz intrincada e por vezes obscura». (Os sublinhados são meus)

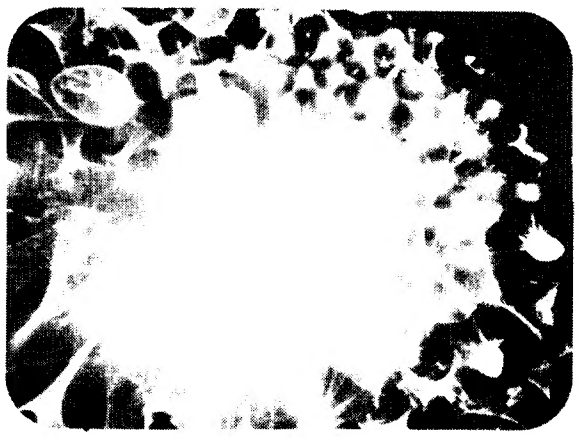
Só mais uma pergunta: Será que o Exmº Sr. Dr. Pedro Luzes considera a sua opinião, neste caso, mais válida que a de Freud?

Antes de terminar, não quero deixar de acrescentar, à guisa de **nota** que, tanto no que respeita ao tradutor do «Vocabulário da Psicanálise» - Exmº Sr. Pedro Tamen (não mencionado na crítica) - como ao colaborador para a terminologia portuguesa - Exmº Sr. Dr. João dos Santos - apenas deles tenho conhecimento de nome (e este último também de vista, por ter assistido a uma sua conferência, há poucos meses, na Fundação Gulbenkian). Também só de nome conheço o Exmº Sr. Dr. Pedro Luzes.

Assim, nem estou obrigado, seja pelo que for, àqueles senhores, nem molestada por este, o que me isenta duma possível e desagradável acusação, de terem sido «motivos pessoais» que me levaram a escrever estas considerações.

Lisboa, 24 de Novembro de 1971

MARIA FILOMENA FOLGADO



Aplausos & assobios

SUPLEMENTO LITERÁRIO

OK, ARTUR!

De há uns anos para cá tem Artur Portela Filho mantido, com irregular qualidade (defeito dele) e assiduidade crónica «A FUNDA» no «Jornal do Fundão».

Dada a sua acutilância crítica e a vivacidade do seu humor(moldados num estilo que muito deve à «maneira» queirosiana - mas só a ela...) não admira que Portela Filho tenha garantido a admiração de alguns e o verdete, mal escondido, de muitos. É que o cronista não se limita à caricatura (mais ou menos generalizada) de uma sociedade e de uma época: indo mais fundo n'A FUNDA, refere nomes e situações, não foge com o esse mesmo à seringa, bisturiza este Reino de Paxecos até à evidência exemplificativa.

Numa terra onde a coragem termina quase sempre em reticências, apetece aplaudir o incómodo «desanimador» cultural (E convidar a lê-lo).

O PIOR ESPECTADOR

Luís de Pina, responsável do programa «Noite de Cinema» da R.T.P., declarou ao «Diário Popular» de 28 de Novembro ser o **pior espectador** do referido programa: **Não gosto de ver as** «Noites de Cinema» **porque não gosto de ver nenhum filme na televisão - a não ser os que são feitos para a televisão.**

E mais disse: **Tudo o que seja feito para** cinema a sério, **tudo o que puxe por todas as virtualidades da imagem, na televisão não resulta** (...).

E ainda: **Estou convencido de que não há nenhuma televisão, no Mundo, que não deixe de levar filmes. No entanto, às vezes, quando vejo as** «Noites de Cinema» **- e é raro - fico revoltado comigo mesmo e saio da sala a dizer: Mas que horror, a televisão matou este enquadramento, matou esta encenação, matou este efeito visual! (...).**

E mais à frente, na sequência: **Por estas razões todas sou um péssimo espectador das** «Noites de Cinema» **e já tem acontecido desligar o aparelho e não querer ver mais.**

Perante as (pelo menos) insólitas declarações do senhor que aceita impingir aos outros aquilo que nem ele gosta de ver, temos na circunstância duas atitudes:

1) APLAUSOS à sinceridade;
2) ASSOBIOS à pouca vergonha.

EM QUADRUPLICADO

Disse o sr. Nicholson (ex-actor e comediógrafo M.P., Gerifalto e R.T.P., e actual colaborador de «A Capital» e da companhia do Teatro Estúdio de Lisboa) ao «Diário de Lisboa» de 26 de Novembro:

Ir à televisão só é comprometedor se o programa for comprometedor. De resto não. E é preciso pensar numa coisa: só se pode actuar junto das massas se a nossa cara for conhecida. E, em termos de eficácia, talvez muito melhor do que ser «revolucionário» e ficar sentado no «Monte Carlo» ou no «Monumental», sabendo tudo sobre o Vietnam, ou sobre a constituição da equipa do Benfica para o próximo desafio.

Com que então **de resto não?**

Com que então, eficácia junto das massas?

Com que então, dedinho indicador para os «revolucionários» do Monte Carlo e do «Monumental»?

Com que então, misturar o Vietnam com a equipa do Benfica?

Assobios em quadruplicado!

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

Um cigarro mal apagado pode causar graves prejuízos

concurso
PHILIPS
TêVêr
toda a vida!

170
PRÉMIOS
GARANTIDÍSSIMOS
de valor incalculável

Qualquer pessoa com mais de 21 anos que comprar um televisor Philips, fica habilitada aos seguintes prémios:

20 certificados de garantia total e vitalícia, que asseguram ao premiado o direito de trocar o seu aparelho por um novo, de 4 em 4 anos **durante toda a vida!**

*

50 certificados de garantia total pelo período **de 10 anos,** podendo o premiado trocar 2 vezes o seu aparelho por um novo!

*

100 certificados de garantia total durante **5 anos,** do televisor adquirido!

*

Informe-se de todos os detalhes deste concurso único, no Agente Philips mais próximo.

PHILIPS

um concurso em que todos têm tudo a ganhar... por muitos anos ou por toda a vida!

PHILIPS

Rocha de Sousa

Lírica enganadora

Artes Visuais

Vasco Costa realizou a sua primeira exposição individual em 1969, no Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris. Integrando-se na Exposição do Banco Português do Atlântico, na Sociedade Nacional de Belas Artes, e expondo de novo individualmente na Galeria Buchholz, o artista alcançou, de um momento para o outro, uma posição destacada no panorama artístico do nosso país. Premiado e referido calorosamente pela crítica mais responsável, Vasco Costa volta a expôr em Portugal, desta vez na 111. Fernando Pernes chama-lhe «caso» («Vida Mundial», n.º 1693). Mas o «caso» não parece residir fundamentalmente nas qualidades específicas da obra daquele autor: antes parece decorrer de uma corte convergente que a crítica, explicàvelmente implacável quanto a outros artistas, inexplicàvelmente lhe dirige.

O COMENTÁRIO DOS CRÍTICOS

Tendo cumprido a maior parte da sua vida fora do nosso país (principalmente Estados Unidos e França) Vasco Costa foi há pouco tempo redescoberto pela crítica portuguesa, um pouco disputado pelas galerias e supreendentemente imposto ao nosso público. É evidente que se trata de um autor com alguns aspectos cativantes na sua vida um pouco nómada (emigração, mobilização na Europa, durante a guerra, prática apaixonada da pintura em Paris). É evidente também que a sua pintura, «gestual, lírica e sensual», encerra particularidades que justificam o interesse da nossa atenção e a necessidade de uma leitura adequada. Mas os valores aí implicados, o recúo do modo de expressão aí reconhecido, a repetição das fórmulas e o seu precário desenvolvimento evolutivo, envolvem todo um comportamento criativo que de forma nenhuma pode explicar o movimento de adesão tecido em volta do pintor Vasco Costa.

Henry Galy-Carles escreveu, a propósito da obra deste autor: «Agora reencontramos nas suas novas «Paisagens Interiores» uma arquitectura, sempre subjacente e sòlidamente equilibrada, e um movimento eruptivo e contínuo, tradutor de uma realidade subjectiva. Realidade que ele sabe pictòricamente assumir e cujos diversos ritmos sensitivos, como sensíveis, se multiplicam e sobrepõem. Nos seus últimos quadros revemos anàlogamente a sua característica fluidez dinâmica, mais fragmentada ainda, como se o pintor quisesse concretizar os infinitos «movimentos do movimento», tornando mais ténues os referenciais gráficos em prol duma maior vibração que lhe mantém a mesma sensual e profunda poesia, que lhe sublinha os seus permanentes acordos cromáticos onde dominam os vermelhos e os azuis calorosos; onde amarelos e verdes luminosos nos vêm confirmar ser a obra de Vasco Costa um hino à vida .

Fernando Pernes, por seu lado, propôs (e propôs numa linguagem mais correcta): «Paisagística» ainda, a pintura de Vasco Costa fecha-se retrospectivamente no ciclo cumprido da não-figuração lírica. Mas projecta-se também pelas sendas informais onde se gerou uma nova visão da existência, uma nova consciência do estar no mundo que, portuguêsmente, ganha na sua presença melhor garantia histórica de lógico encadeamento de gerações .

A NOSSA LEITURA

Poderemos a c e i t a r, com efeito, que a pintura de Vasco Costa se proponha num interesse (para nós) museológico — e aí Fernando Pernes soube dar-lhe a volta correcta e a data adequada. Tal pintura ajudaria a esclarecer um possível encadeamento de gerações e funcionaria nesse sentido com uma satisfatória projecção didáctica, fora do tempo actual como via interventora, mas aproveitável numa relação de cultura ainda necessária. A obra de Vasco Costa traduz (não retraduz) valores sobreviventes do impressionismo abstracto e da estética gestual. Aponta, em grande medida, aos impulsos e à intimidade sofisticada de uma certa pintura francesa de escrita fluente, repousando (mas muito relativamente) na lembrança do espaço paisagístico. Esta última anotação, assumida pelo próprio pintor na maior parte dos títulos das suas séries, integra finalmente uma transferência dos estímulos da realidade exterior para a realidade interior, revelando um comportamento que se remete para constantes relações de subjectividade. À força do expressionismo vai esta obra buscar apenas a intensidade da caligrafia, uma certa ausência de amaciamento, um certo gosto de brutalidade. Mas, a esse nível, como noutros planos, a sua ambiguidade é uma nota frágil que a todo o momento emerge das formas: o gesto finge, não assume, a truculência ou a violência que o poderia explicar definitivamente.

Mas vejamos de mais perto a pintura de Vasco Costa:

O espaço de acção é um espaço a duas dimensões, determinado pelo suporte de tela. Em geral, esse espaço envolve uma escala física acentuada, com a qual o autor pretende naturalmente impor e sublinhar a largueza do gesto. Tem-se no entanto a impressão, logo nesse aspecto, que a extensão da superfície propõe uma relação de quantidade que só em pouca medida interfere na relação de qualidade. Ou seja: somos levados a concluir que as dimensões determinadas pela grandeza da escala, e tendo em vista o comportamento imprimido aos materiais, poderiam ser reduzidos sem que a pintura sofresse uma substancial alteração de sentido. A escala dos objectos não parece, assim, corresponder a uma exigência fundamental da estrutura pictórica: parece, pelo contrário, resumir-se a um expediente destinado a iludir a ausência, na forma pictórica, de poder contaminador da visão.

O modo de formar de Vasco Costa decorre de uma nítida agitação dos instrumentos. E preciso dizer que esses instrumentos são os instrumentos convencionais da pintura convencional em superfície. As matérias revelam a mesma ortodoxia, o que não pode ser medido por defeito mas que os alerta para uma realidade técnica bem caracterizada. Essa realidade técnica pressupõe certas regras no seu exercício e, a ser subvertida, pressupõe um íntimo conhecimento da sua mecânica e do significado das formas de subversão identificáveis nesse plano. Vasco Costa não parece estar na posse desses dados: a sua oficina não exprime a subversão dos meios que a informam à partida, antes revela uma escrita maquinal e desprovida de invenção, uma displicência sem ressonância expressiva, uma falta de intencionalidade, em suma, pela qual a forma resultante traduz apenas a monotonia de um estilo de receita e nunca a força de uma agressão aos pressupostos da técnica ou aos ciclos normais da nossa expectativa. A cada movimento de leitura, por mais insistência e disponibilidade que assistam ao espectador, a pintura de Vasco Costa fecha-se no inevitável cumprimento dos seus ritmos internos, sempre os mesmos, e jamais atinge o ponto de ruptura capaz de surpreender o fruidor. Na sua orientação estética, esta obra deveria estabelecer uma pluralidade de sinais que conduzissem à sobreposição de leituras possíveis, adquirindo assim um comportamento aberto susceptível de diferentes formas de manipulação. Acontece que tudo se passa ao contrário e isso justamente porque os movimentos internos da pintura, esteriotipando-se, nunca alcançam o valor do inesperado. O espectador sabe, de quadro para quadro, de movimento para movimento, de forma para forma, quase tudo o que vai encontrar no nível de leitura seguinte. O gesto de Vasco Costa, mais desajeitado do que assumido numa incerteza propositada, é sempre enrolado em arcos de círculo de sentido contrário ou em curvas e contra-curvas que estabelecem ligações precárias entre os passos da execução. Os vazios sobejantes são preenchidos invariàvelmente com insistências conclusivas, imposição elementar de um esquema composicional sempre à beira da falência, totalmente alheio a qualquer sistema linear estruturalizante. Nesse aspecto, não vemos na pintura de Vasco Costa nenhuma «arquitectura subjacente e sòlidamente equilibrada», como refere Galy Carles. Nem sequer nos propomos admitir, para além do interesse visual epidérmico que tal pintura apesar de tudo suscita, que a forma de Vasco Costa seja sobretudo eruptiva, para utilizar a mesma palavra adiantada por aquele crítico. O gesto que monocòrdicamente resolve a pintura em referência é sobretudo, como já anotámos, um gesto sem apelo inventivo, repetido, por vezes falsamente sobreposto, cheio de maneirismos incapazes de produzir a surpresa, de construir o inesperado, de mobilizar e diversificar dinâmicamente os planos de leitura do fruidor da obra.

A côr, que numa pintura deste tipo poderia ter um papel exemplar a cumprir, ajuda-nos apenas a identificar as fragilidades já apontadas. Em primeiro lugar, ela não resulta de uma longa elaboração, como já um crítico tinha proposto. Afirmava-se então que Vasco Costa era muito lento a produzir, repensando demoradamente as fases de cada quadro. Nada de menos exacto: se Vasco Costa consome muito tempo para cada quadro será então porque p i n t a quadros i n t e i r o s (e diferentes) sobre o quadro inicial. Aliás, um dos quadros expostos na 111 mostra justamente duas assinaturas: uma diluída pelas últimas tintas aplicadas na superfície e outra que pertence por direito à pintura dada como definitiva. Não descortinamos que intencionalidade misteriosa e justificável tal fenómeno possa significar. Por último, e para terminar a ordem desta análise, tanto a côr como a matéria, na pintura de Vasco Costa, resultam da mesma escolha de processos esteriotipados. Tudo parece decorrer de uma ausência de pintura pictórica, de uma falta de exercício, de um apertado horizonte de disponibilidades técnicas. O esquema cromático dos quadros assenta em escolhas primárias de séries coloridas de legibilidade e cuja pureza ou oposição aparecem comprometidas pelas contradições constantes d a manipulação.

Quanto a nós, em suma, Vasco Costa merece ser apreciado e exposto, mas apenas numa correcta relação com o nosso meio. Nessa medida, ele é um pintor prematuramente gasto e talvez tardiamente proposto a um meio que já não se conhece na sua obra. Dizer o contrário é, segundo a nossa opinião, falsear a realidade e substituí-la por um mito de vida breve.

LIVROS: PRESENTE DE QUEM É ALGUÉM

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO
Por Marcel Proust
A Fugitiva é o título do 6.º e penúltimo volume da monumental obra de Proust que foi agora editada
Preço: 70$

OS VALORES BURGUESES
Um tema aliciante de grande actualidade
Colecção Pró-Contra vol. 7
Pró: George Hourdin — Contra: Gilbert Ganne
Preço: 25$

AS VIÚVAS ANDAM DE LUTO
Por A. A. Fair
Uma obra plena de interesse e de desfecho espectacular
Col. «Vampiro» — Preço: 15$

METAMORFOSE
Por FRANZ KAFKA
Nova edição deste sensacional livro, do autor de O PROCESSO
Preço: 30$

À venda nas Livrarias
Pedidos contra-reembolso:
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa